

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

MARILIA BARRICHELLO NAIGEBORIN

O Movimento Devagar
e seu significado plural na contemporaneidade mutante

São Paulo
2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

MARILIA BARRICHELLO NAIGEBORIN

O Movimento Devagar
e seu significado plural na contemporaneidade mutante

Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Área de Concentração: Meios e Processos Audiovisuais

Orientador: Prof. Dr. Mauro Wilton de Sousa

São Paulo

2011

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Naigeborin, Marília Barrichello

O movimento Devagar e seu significado plural na contemporaneidade mutante / Marília Barrichello Naigeborin – São Paulo : M. B. Naigeborin, 2011.

1 v.

Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Wilton de Sousa

1. Qualidade de vida 2. Movimento Devagar 3. Pós-modernidade 4. Relações de trabalho 5. Consumo I. Sousa, Mauro Wilson II. Título.

CDD 21.ed. – 362

Nome: NAIGEBORIN, Marilia Barrichello

Título: O Movimento Devagar e seu significado plural na contemporaneidade mutante

Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Ao meu marido Fernando, ao meu filho Theo e ao novo bebezinho que está a caminho.

AGRADECIMENTOS

Ao Fernando, meu marido, por respirar este trabalho comigo, pelas dicas e opiniões tão precisas e por me ajudar a tentar vivê-lo na prática, dia a dia, apesar de tantos desafios.

Aos meus pais, Roberto e Maria Inês, pela vida cedida e partilhada ao longo desses 33 anos.

Aos meus irmãos, Beatriz, José Augusto e Laura pelas memórias do ontem, pela convivência do hoje e por tudo que ainda há de vir.

Aos meus sogros, Neusa e Maurício e aos cunhados e amigos Vivianne e Fernando pela ajuda impecável com o Theo quando precisei de tempo e concentração para escrever este trabalho.

Ao prof. Dr. Mauro Wilton de Sousa pela brilhanteza intelectual conjuminada com natural simplicidade, que sempre me instigou a buscar a raiz deste trabalho, sem contudo esquecer de mim.

À ECA/ USP por me possibilitar viver esta experiência de rico aprendizado intelectual e pessoal e pelo suporte junto a Universidade La Sapienza de Roma.

Ao prof. Dr. Massimo di Felice por me imbuir de um pensamento mais ecológico acerca da velocidade e do devagar.

Ao prof. Domenico de Masi por me receber em um domingo no seu escritório em Roma para conversar sobre o trabalho.

Ao autor Carl Honoré pelo livro que foi o pontapé inicial do trabalho e pelo contato pessoal em 2006.

Ao amigo e estudioso Álvaro Esteves por partilhar do interesse apaixonado pelo tempo.

Aos meus filhos, para que um dia possam ter orgulho deste trabalho e das escolhas que fiz inspiradas nele.

*Nenhum homem pode entrar duas vezes no mesmo rio,
pois não é o mesmo rio e nem o mesmo homem.*

Heráclito

RESUMO

NAIGEBORIN, M. B. O Movimento Devagar e seu significado plural na contemporaneidade mutante. 2011. 122 fl. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

O presente trabalho busca refletir sobre uma nova forma de ver e viver o tempo, mais equilibrada e qualitativa, a partir da exposição da ideologia do Movimento Devagar. Além disso, procura investigar sobre as razões e motivações que vem tornando-o atrativo e desejado, mesmo se visto sob o contexto contemporâneo inegavelmente apoiado na velocidade como fator competitivo e diferenciador. Frente a necessidade do Devagar precisar da vivência prática para existir além do plano teórico, busca-se aprofundar duas relações interdependentes e determinantes para sua efetiva realização: a do indivíduo com o trabalho e com o consumo. Finalmente, a partir do viés de uma sociedade em mutação, marcada por paradoxos e oscilações, espera-se levantar possibilidades interpretativas que possam apontar caminhos identitários para o devagar, tão plurais como o próprio contexto.

Palavras-chave: Qualidade de vida; Movimento Devagar; Pós-modernidade; Relações de trabalho; Consumo.

ABSTRACT

NAIGEBORIN, M. B. The Slow Movement and its plural meaning in the mutant context. 2011. 122 fl. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

This paper reflects upon a new way of seeing and experiencing time in a more balanced and qualitative way, based on the exposure of the ideology of the Slow Movement. Besides, it aims to investigate the reasons and motivations that are making slow an attractive and desired option, even when the contemporary context is undeniably supported by speed as a competitive and differentiating factor. As Slow Movement needs practical experience to exist beyond the theoretical level, this paper contemplates two interdependent relationships crucial to its achievement: one's relation with work and consumption. Finally, from a changing society's perspective, characterized by paradoxes and oscillations, this work expects to raise possible interpretations that lead to slow identity traits as plural as the context itself.

Keywords: Quality of life; Slow Movement; Postmodernity; Work relations; balance.

SUMÁRIO

	p.
INTRODUÇÃO	11
1 APRESENTAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO MOVIMENTO DEVAGAR	17
1.1 <i>SLOW FOOD</i> : ENTENDENDO AS BASES DO MOVIMENTO DEVAGAR	24
1.1.1 A terminologia	24
1.1.2 Histórico	24
1.1.3 O Manifesto <i>Slow Food</i>	26
1.1.4 Principais atividades	26
1.1.5 Uma visão sistêmica	27
1.1.6 Os desafios no Brasil	30
1.2 FILOSOFIA DEVAGAR: VALORES E PENSAMENTOS QUE NORTEIAM SUAS BASES NO BRASIL E NO MUNDO	30
1.2.1 O Devagar e seus paradoxos	33
1.2.2 A filosofia Devagar na prática	35
2 BREVE RETROSPECTO DO SIGNIFICADO DA VELOCIDADE E DO DEVAGAR EM UMA SOCIEDADE EM TRÂNSITO	38
2.1 A TRANSIÇÃO PARA A PÓS-MODERNIDADE	43
2.2 A CULTURA DA PRESSA E A VELOCIDADE PARADOXAL	45
2.3 O ALVORECER DE UM NOVO DISCURSO	47
3 O DEVAGAR E SEU MAIOR DESAFIO: O TRABALHO	49
3.1 O MUNDO DO TRABALHO E SEUS EMBATES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	49
3.2 OS SINTOMAS DA ACELERAÇÃO E A ANGÚSTIA PÓS-MODERNA	52
3.3 O TRABALHO E A REPRODUÇÃO DA LÓGICA DE MERCADO	56
3.4 O DESCOMPASSO ENTRE O TEMPO DENTRO E FORA DO TRABALHO	58
3.5 TRABALHO E DEVAGAR: POSSÍVEIS SINERGIAS	61
4 O DEVAGAR NO CONSUMO E NO DISCURSO DAS MARCAS	67
4.1 UMA NOVA FORMA DE PENSAR O CONSUMO	71
4.2 O DEVAGAR NO ÂMBITO DA PUBLICIDADE E DO DISCURSO DAS MARCAS	75
4.2.1 Devagar e a vida mais leve – Havaianas (2004)	80
4.2.2 O Devagar e o paradoxo do trabalho - Citibank (2005)	81
4.2.3 O Devagar e o consumo do significado: Mastercard (2010)	82
4.2.4 O Devagar e as tecnologias (TIM – 2006)	83
4.2.5 O Devagar e a atitude frente à vida	84
4.2.6 O Devagar e a comida como relação (Knorr – 2009)	85
4.2.7 O Devagar e a vida mais leve - Helmmans Light (2008)	86

4.2.8	O Devagar: equilíbrio entre ter e viver (GE - 2010)	87
4.2.9	O Devagar: equilíbrio entre ser e ter (Santander – 2010)	88
4.2.10	O Devagar e o consumo consciente (Instituto Akatu – 2009)	89
4.2.11	O Devagar e as relações (Bauducco – 2009)	90
4.2.12	O Devagar e um novo paradigma (Itaú - 2010)	91
5	O DEVAGAR E SUAS POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS FRENTE À CULTURA EM MUTAÇÃO	92
5.1	A SEDIMENTAÇÃO DO DEVAGAR E DOS VALORES PÓS-MODERNOS	94
5.2	HIPÓTESES INTERPRETATIVAS PARA O REPERTÓRIO DEVAGAR	99
5.2.1	Devagar: ponte temporal entre a Modernidade e a Pós-Modernidade	99
5.2.2	Devagar: pluritempo e plurirealidades	100
5.2.3	Devagar: a favor da busca pelo significado	101
5.2.4	Devagar: a materialização do conceito de tempo livre	104
5.2.5	Devagar: o lado feminino da mãe terra	105
5.2.6	Devagar como empoderamento e consciência sobre o uso do tempo	106
5.2.7	Uma visão crítica: possíveis pontos conflituosos para a viabilização do Devagar	107
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
	REFERÊNCIAS	117

INTRODUÇÃO

Na Grécia antiga, duas palavras eram utilizadas para definir o tempo: *kronos* e *kairos*. Enquanto o primeiro significava o tempo cronológico, finito, sequencial e passível de ser medido, o segundo referia-se a um instante indeterminado, quando se dava algo especial, um tipo de experiência que por seu profundo significado tinha a chance de transcender o próprio tempo.

Este trabalho busca fomentar a reflexão sobre a possibilidade e capacidade de fruição do tempo *kairos*, marcado pelo qualitativo, pela vivência das singularidades da vida, pela proximidade com a natureza e as pessoas. Contudo, para isso é preciso resgatá-lo do turbilhão da velocidade, capaz de oferecer poder e cegueira ao mesmo tempo, depressão e excitação, de dar e tirar tempo. É nesse cenário paradoxal que emerge o movimento Devagar, ponto focal deste estudo.

A proposta está centrada na discussão sobre o significado do tempo devagar, mas sem abandonar o contexto da velocidade — tônica do contexto contemporâneo, a fim de entender seu espaço conceitual e suas plurais formas de interpretação e identificação. Por constituir um tema bastante atual, de um lado, carrega um apelo instigante, mas de outro, a dificuldade de se enveredar por uma estrada ainda pouco explorada, com bibliografia escassa e reflexões ainda em vias de elaboração. Dessa forma, mais do que a pesquisa empírica se o Devagar se realiza ou não, o ponto central da discussão se deposita na novidade do trabalho e ao mesmo tempo, sua postura de contestação e alternativa ao contexto dominante da velocidade.

Como consequência, a análise, então, não assume um pressuposto conceitual único e o guarda-chuva teórico tem viés exploratório buscando, conforme esperado dentro da perspectiva de mestrado, a partir da sistematização da literatura existente e técnicas de investigação científica, fazer aproximações críticas entre o tema estudado e a sociedade

contemporânea em transição. Assim, o trabalho busca contribuir para a atualidade do tema, sua discussão e ao mesmo tempo, oxalá, inspirar trabalhos futuros que possam alçar novos degraus de análise.

Inspiração

Acredito que muitos foram os estímulos e experiências que me instigaram a pensar o assunto Devagar dentro de um contexto mais amplo. Nascida e criada na cidade de Piracicaba, mudei-me para São Paulo para fazer faculdade em 1995. Passado o choque inicial das grandes diferenças culturais e de estilo de vida entre as duas cidades, percebi que poderia harmonizar a relação com a correria, com o trânsito, com o trabalho intenso, conservando em mim o espírito leve e mais desprendido do interior. De lá para cá, venho tentando manter essa busca, ora mais fácil, ora mais difícil, mas de toda forma, respeitando meus valores pessoais e expectativas para o presente e futuro.

Estudante de comunicação social, comecei a trabalhar logo cedo e a aguçar o olhar para os infinitos contrastes e paradoxos do mercado publicitário extremamente ágil, competitivo, propulsor de desejos fugazes e contínuos e primordialmente, refém e ao mesmo tempo aliado da correria e da relação de subjugação estabelecida entre o homem e o tempo.

Com o passar dos anos, pude perceber uma série de incongruências entre discurso e prática, analisando as inúmeras campanhas publicitárias às quais pude ter acesso, quer seja como profissional atuante ou expectadora assídua do discurso midiático. Apesar das diferentes marcas, promessas e produtos estava claro um mesmo denominador comum, que se bastava no discurso do mais (o mais branco, o mais rápido, o melhor, o mais eficiente), enaltecido

pelos aspectos tangíveis do produto-herói que fazia mais pelo consumidor, para que esse também pudesse fazer mais, ou seja, ter mais, correr mais, trabalhar mais, realizar mais.

A rapidez e a eficiência eram sempre atributos enaltecidos em quaisquer produtos/serviços. O mote era sempre do produto que economizava o seu tempo, mas à medida que o mundo das coisas e artefatos se acelerava, para onde ia o tão prometido tempo livre?

Alguns estudiosos da perspectiva temporal contemporânea ousam dizer que mesmo oferecendo-se 24 horas a mais a um indivíduo que se julga sobrecarregado, o dia adicional seria nada mais do que a banal repetição das mesmas tarefas mecânicas e burocráticas dos dias anteriores. Afinal, para onde, então, estaria indo o tempo livre, o tempo do prazer e do ócio? Porque esse desejo tão premente não consegue se realizar mesmo com tantas promessas e facilidades? A questão estaria mesmo centrada no tempo ou seria anterior a ela e no mérito do sujeito e de suas escolhas e condutas? Por que a dificuldade de se deixar levar por momentos de leveza e descontração?

Se no âmbito profissional vivi a dramatização excessiva e total da velocidade sufocando determinadas outras formas de viver, de se relacionar, de trabalhar e incentivando as pessoas a acreditar que tal situação de pressão frenética nada mais era do que a pura realidade, sob a perspectiva pessoal pude experimentar três eventos que, no caminho reverso, me permitiram sentir o tempo devagar e assim, contribuir com bagagem vivida para discutir o tema do *SLOW*.

A primeira delas foi um período sabático, quando realizei uma viagem de volta ao mundo com meu marido entre 2006 e 2007. Nessa empreitada, em que visitei 20 países, pude vivenciar outro tipo de tempo e outro tipo de liberdade. Descolada do ambiente de trabalho, imersa em culturas diferentes, com uma mochila nas costas e um plano de viagem que foi reconstruído a cada dia, exercitei outro e novo olhar perante a vida, minhas expectativas, prioridades e sonhos.

Outra experiência completamente enriquecedora que me mobilizou de forma bastante afetiva para a noção do passar do tempo e do seu significado foi a maternidade. Esta me fez tirar o pé

do acelerador e me aproximar da natureza, exercitar o tempo da espera — tão pouco em prática hoje em dia, rever minhas prioridades e planos de futuro e maturar sentimentos nobres e profundos extravasados em forma de poesia.

Finalmente, e mais recentemente, tive a chance de passar com a família três meses na Itália, berço do *Slow*, enquanto ideologia e também, prática. Consegui conciliar o aprendizado de campo e a vivência, importantes para “sentir o trabalho”, com o conhecimento teórico das aulas do sociólogo italiano Domenico de Masi, da Universidade La Sapienza de Roma, que desde sempre me inspirou com seus pensamentos e teorias.

Ao mesmo tempo em que a velocidade é engrandecida, seja pelas novas mídias, aparatos tecnológicos, marcas e organizações, ela também é colocada em questão pelos movimentos que sugerem o tempo devagar. Até que ponto a pressa é realmente necessária ou até que ponto ela é um subterfúgio do próprio tempo para o tempo? No paradoxal cenário atual em transição, a velocidade, se vista sob a ótica instrumental, pode caracterizar um ciclo vicioso perverso, onde ela é meio e fim - e não uma aliada do tempo livre, das emoções, do viver.

São múltiplos os pontos focais que fomentam uma nova reflexão sobre o tempo: na publicidade e no discurso das marcas, no âmbito do trabalho, do consumo, da alimentação, da arquitetura das cidades, na literatura especializada, na arquitetura, nas artes e na mídia. Emerge uma série de tendências que começam a delinear um movimento de contracultura focado na reflexão sobre a velocidade enquanto real necessidade ou prática instrumental internalizada sendo meio e fim em si própria.

Em 2004, o jornalista escocês Carl Honoré alçou o tema do *Slow* quando lançou o livro intitulado “Devagar”, que rapidamente se tornou um *best-seller* em todo o mundo. Traduzido para mais de 30 idiomas, o livro se tornou o porta voz do Devagar no mundo e paulatinamente pulverizou o tema para o discurso de mídia, para as corporações e também para o cotidiano das pessoas.

Os desafios

Como pesquisadora interessada e estudiosa do tema, vislumbrei, ao mesmo tempo em que ponderava sobre a riqueza do assunto, alguns desafios importantes. O primeiro deles, no âmbito do envolvimento e da emoção, já que o fato do assunto estar presente na vida de todos de forma bastante contundente, poderia me tirar o distanciamento necessário. Mergulhar nele profundamente, mas sem perder o senso de observação ponderada, pareceu-me um fator primordial para a qualidade do trabalho.

Outro ponto importante me pareceu ser a capacidade de trazer a questão para o plano relacional, ou seja, entender a interface que o homem estabelece com o tempo e colocá-lo em primeiro plano para, a partir daí, começar a investigar e revelar o que se esconde nos momentos em que decidimos desacelerar. Acredito que a visão do movimento pelo movimento, seus logros e desafios, destituído do pilar relacional, poderia soar extremamente reducionista e unilateral.

Possivelmente a maior riqueza e contemporaneidade do *Slow* esteja na possibilidade dele poder assumir diferentes nuances e contornos de acordo com o indivíduo que se relaciona com seus princípios e valores. Assim, outro ponto importante me pareceu estar centrado no fato de prezar pela objetividade e coerência, mas ao mesmo tempo não reduzir demais a essência do Devagar a algo estático e lógico.

Portanto, este trabalho está estruturado de forma a conduzir o leitor gentilmente pela leitura e reflexão, iniciando pela apresentação do movimento *Slow* e sua filosofia, ponto de partida para as demais conexões. A partir daí, um breve retrospecto de como velocidade e tempo livre eram encarados e vividos sob o viés dos paradigmas moderno e pós-moderno em transição. Em seguida, busca-se discorrer sobre os desdobramentos e desafios do Devagar focados no âmbito do trabalho e do consumo, determinantes para sua efetiva realização. Finalmente, a

reflexão propõe analisar o Devagar sob o aspecto da cultura em mutação para a partir daí, de forma propositiva, levantar possibilidades interpretativas para sua filosofia, ou seja, delimitar possíveis caminhos futuros, enquanto prática sistêmica capaz de facilmente transcender o discurso da lentidão.

1 APRESENTAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO MOVIMENTO DEVAGAR

Quem não se identifica com a constatação de que falta tempo para cultivar um hobby, ingressar em um curso novo, colocar a leitura em dia, participar mais do cotidiano da família, encontrar os amigos com mais frequência? Estaríamos condicionados à velocidade e transportando-a sem julgamento ou necessidade para o trabalho, o lazer, a alimentação, a convivência?

Geralmente fazemos uso do tempo de maneira automática: para programar nossas horas e os nossos dias e para registrar os acontecimentos importantes da vida, como nascimentos, aniversários e morte. O tempo é água que move o nosso fluxo de consciência; porém, apesar da posição central que ocupa em nossas vidas, raramente refletimos sobre as maneiras como ele delimita fronteiras e confere direção e profundidade às nossas vidas (BOYD, ZIMBARDO, 2009, p. 15-16).

Ao ponderar sobre a relação estabelecida entre tempo e velocidade, este trabalho assume uma postura crítica tal qual proposto por Virilio (1984, p.43) em que a instantaneidade dificulta a percepção do entorno: “Quanto maior a velocidade dos movimentos, mais rápido o tempo passa, mais o ambiente se priva de significação, pois menor é o registro do ambiente. A paisagem desaparece com a velocidade”.

Montar um animal ou sentar-se num veículo automotor é preparar-se para morrer no momento da partida e renascer na chegada. [...] O aumento da velocidade é a curva de crescimento da angústia. A velocidade de deslocamento não é mais do que a sofisticação da fuga (VIRILIO, 1980, p. 43-47).

Somam-se a tal predisposição à cultura da pressa, internalizada, o advento das novas tecnologias que contribuem para uma percepção *non-stop* do mundo, confundem o público e o privado, trazem o trabalho para dentro de casa e esfumaçam as barreiras e os limites entre trabalho e vida pessoal. A própria velocidade, então, assume um caráter paradoxal, a medida que, através das novas tecnologias, aproxima, mas também isola; cria novas possibilidades de interação, mas também certa dependência; aumenta a produtividade, mas também a cobrança. “Hoje existe a sensação de que o mundo está totalmente fora de controle” (HONORÉ, 2005¹). É fato que a diminuição da curva existente entre o desenvolvimento de uma inovação tecnológica e seu amplo usufruto acaba por facilitar a automatização de novos processos e

¹ Entrevista concedida à Marília Barrichello Naigeborin em 2005.

consequentemente sua velocidade, muitas vezes sem o tempo necessário da reflexão sobre o que realmente se quer ou precisa. A eletricidade demorou 46 anos para atingir a marca de 50 milhões de pessoas; o telefone, 35; o rádio, 22; a televisão, 26; o computador pessoal, 16; o celular, 13 e finalmente, a internet, apenas 4 anos para tal aderência.

Uma boa síntese do que se vive atualmente foi definida por Tofler, que criou em 1965 o conceito *choque do futuro*: “para descrever a tensão arrasadora e a desorientação que causamos aos indivíduos ao submetê-los a excessiva mudança num espaço de tempo demasiado curto” (TOFFLER, 1970, p. 8). Sob esta perspectiva, as pessoas apresentam sintomas na forma de estresse, ansiedade e confusão mental, que afetam as relações pessoais e as instituições sociais.

Fica difícil assumir se somos vítimas ou algozes de nossa própria relação com o tempo. Se, por um lado, existe a sensação de que inúmeras atividades fora do controle absorvem o dia a dia, por outro, a culpa de não fazer nada e o ócio fazem com que se preencham as agendas toda vez que aparece uma brecha. Na relação do homem com o tempo ainda prevalece a cultura moderna do sempre mais, da quantidade em detrimento da qualidade, que faz transparecer a noção de incapacidade de, a partir de reflexão e escolhas conscientes, fazer bom uso do tempo. “Precisamos da necessidade e beleza de escolher. Não é pecado não fazer tudo” (HONORÉ, 2005²).

A neurose com relação ao tempo vem se tornando tão intensa que atitudes corriqueiras como apertar o botão do elevador e aguardá-lo chegar, esperar uma consulta médica ou nas filas de loja e supermercado, se tornam foco de ansiedade e desconforto frente a um tempo tido como ocioso e improdutivo.

Elevadores são ícones da pressa em tempos velozes e sua evolução demonstra isso: os primeiros modelos se moviam a vinte centímetros por segundo e hoje, o mais veloz sobe doze metros por segundo. Mesmo acelerando, estão entre os maiores focos de impaciência e forçam engenheiros a desenvolver sistemas para conter a irritação e ansiedade, como luzes ou alarmes que antecipam sua chegada³. Enxugar minutos e segundos e centésimos de segundo tornou-se uma obsessão em quase todos os segmentos de nossa sociedade, com poucas exceções (GLEICK, 2000, p.18).

Debord (1997) alerta sobre a manutenção do conceito de tempo-mercadoria, advindo do contexto moderno e representado por uma acumulação infinita de espaços equivalentes, uma abstração do tempo irreversível, de que todos os segmentos devem provar ao cronômetro a

² Entrevista concedida à autora em 2005.

³ Revista Super Interessante, Editora Abril, março de 2005.

sua única igualdade quantitativa. Nesta dominação social do tempo-mercadoria, o tempo é tudo, o homem não é nada, quando muito a carcaça do tempo. Nessa relação vê-se o homem subjugado e refém de um tempo que oprime pela impossibilidade de controle ou escolha.

Honoré (2005), da mesma forma, defende que o usufruto do tempo, em sua grande parte, acontece de maneira automática, já que a velocidade está internalizada a tal ponto que a transportamos mecanicamente para diversos âmbitos de nossa vida cotidiana, sem que haja real necessidade ou explicação plausível. É certo que algumas atividades podem ser apressadas sem que haja prejuízos, porém, outras precisam de tempo, do contato humano, da maturação e reflexão para prosperar. “Certas coisas não podem nem devem ser apressadas” (HONORÉ, 2005, p.15). “Graças à velocidade, vivemos na era da fúria” (HONORÉ, 2005, p.24).

Nesse cenário, não à toa, emerge um novo tipo de terapeuta: o guru da gestão do tempo. Muitos recomendam que se faça menos para se fazer melhor, um dos princípios essenciais da filosofia Devagar, porém, a maioria não chega a atacar a causa primordial do mal-estar na sociedade: a obsessão de economizar o tempo. Como exemplo, o best-seller americano intitulado “175 formas de fazer mais em menos tempos”, dos autores David Cottrell e Mark Layton. A dica 141 sentencia: “Faça tudo mais depressa”. “Será que realmente faria sentido ler Proust em alta velocidade, fazer amor na metade do tempo ou cozinhar todas as refeições no microondas?” (HONORÉ, 2005⁴). “A velocização está constantemente alimentando a necessidade de mais velocidade ainda” (HONORÉ, 2005, p. 49).

Porém, supondo-se que a solução estivesse mesmo em fazer tudo mais depressa, para onde estaria o gargalo do tempo economizado? Estudos⁵ feitos por pesquisadores da Universidade de Stanford, EUA, sugerem que grande parte do tempo gerado em função das novas tecnologias de comunicação são consumidos nesses mesmos canais.

Parte desse estudo foi mapeado num dia hipotético de 757 minutos de uma pessoa, buscando auferir como eram distribuídas as diferentes atividades ao longo do dia, tais como alimentação, atividade social, cuidado com as crianças, compras, educação, atividades físicas etc. A grande concentração de tempo alocada no uso de mídias e aparatos tecnológicos de comunicação foi notório. Enquanto o tempo alocado para refeições foi em média de 49 minutos; cuidar das crianças, 22 minutos; tarefas domésticas, 41 minutos; cuidados pessoais, 22 minutos; o tempo dedicado ao computador, se somados internet e televisão, conta com expressivos 546 minutos (ZYMBARDO, 2009, p.47).

⁴ Entrevista concedida à autora em 2005.

⁵ Tabela – Intervalo 4: Média de minutos gastos em atividades durante o dia (ZYMBARDO, 2009, p.47).

No Brasil, o envolvimento em termos de tempo e identificação com as novas mídias é também bastante impactante: em média, os brasileiros passam cinco horas por mês conectados em redes sociais como MSN, Orkut, Twitter e Facebook⁶. Se for considerado o universo da internet como um todo, vê-se que 86% dos brasileiros conectados à internet acessam canais de relacionamento virtuais. Isso faz do Brasil o país com a maior penetração em redes sociais do mundo.

Nesse cenário desmedidamente veloz, em que o tempo já não corre ao lado nem da natureza e nem do relógio das fábricas, mas das tecnologias, parece que nunca mais o homem será rápido o suficiente e a sensação de atraso, em vários aspectos da vida, será uma constante. Milan Kundera (1996) descrevia esse estado como um paradoxo entre liberdade e aprisionamento simultâneos: “ele se encontra preso em um fragmento de tempo à parte tanto do passado quanto do futuro; foi arrancado da continuidade do tempo; está fora do tempo (GLEICK, 2000, p.13).

Se racionalmente ainda existe dificuldade em entender o paradoxo e os porquês da velocidade e da falta de tempo, apesar de tantas facilidades e instrumentos que no plano da teoria auxiliariam a poupá-lo, as respostas corporais frente ao esgotamento são muito mais imediatas e óbvias: o estresse é o grande sintoma da velocidade. Em 1982, o médico americano Larry Dossey criou a expressão doença da pressa — uma sensação crônica de urgência que desestabiliza e acelera o relógio biológico, maximizando o estresse.

Alguns efeitos fisiológicos da pressa já são apontados por vastos estudos científicos: a sensação de pressão pela falta de tempo prejudica a capacidade de reter detalhes na memória, a pressão sanguínea dos acelerados é mais alta e eles têm maior tendência à hipertensão e potencialização dos problemas gastrointestinais. Além disso, os apressados sentem mais dores musculares do que as pessoas que vivem em ritmo moderado e apresentam quadro frequente de insônia.

O corpo já não está aguentando mais. Vemos adolescentes, jovens e até crianças com problemas de estresse. A velocidade hoje está internalizada. Eu tinha sido contaminado pelo vírus. Agora sei que é possível mudar de marcha de vez em quando. Hoje temos só uma marcha. Mas existe uma gama de velocidades. Perdemos a coragem e a imaginação para mudar de marcha (HONORÉ, 2005⁷).

O relógio parece correr contra o indivíduo e seus ritmos - que são tão individuais quanto sua própria identidade. A aceleração, ao contrário de representar um momento transitório, um

⁶ Pesquisa IBOPE, maio de 2010.

⁷ Entrevista concedida à autora em 2005.

“estar acelerado”, que dá maior mobilidade frente ao mundo rápido, vem se tornando uma constante, um “ser acelerado”, desprovido de critérios ou parâmetros.

Se os nossos bisavós padeciam do tédio [...] nós padecemos por instantes sempre diversos, dilatados, acelerados e excessivos, nos quais se orientam somente aqueles, que dotados de sabedoria, sabem viver com estilo, submetendo e sincronizando os ritmos frenéticos do mundo aos próprios biorritmos. (DE MASI, 2000, p. 200).

A descrição da personalidade do indivíduo depressa está em consonância com o indivíduo denominado tipo A, conceito que nasceu com o estudo Association of Specific Overt Behaviour Pattern with Blood and Cardiovascular Findings, de autoria de Friedman e Rosenman (1959). Tais pessoas se caracterizam, no âmbito comportamental, por andar e comer rápido, por sentir culpa quando relaxadas e por habitualmente realizar duas ou mais atividades ao mesmo tempo. Mesmo que alvo de algumas críticas quanto à metodologia ou seriedade da pesquisa, o conceito do tipo A continua sendo estudado e aprofundado por pesquisadores ao redor do mundo. “Não surpreende que o conceito (tipo A) tenha se revelado um totem cultural rico demais para ser desprezado” (GLEICK, 2000, p.23).

Mas o que efetivamente se esconde atrás da sensação da pressa, seja ela real, potencializada ou simplesmente criada para encaixar-se no *status-quo*?

Apesar de diversas instancias em que atribuímos valores ao tempo, e apesar de ele ser a nossa commodity mais valiosa, é de admirar quão pouco pensamos sobre como gasta-lo (BOYD; ZIMBARDO, 2009, p. 17).

Alguns estudiosos defendem que questões profundas como o medo da morte, do desconhecido e até mesmo do contato consigo mesmo e seus anseios velados, se escondem por trás das multitarefas mascaradas pela pressa. Já dizia Milan Kundera em sua novela *Slowness* (1996) que quando as coisas acontecem rápido demais, ninguém pode ter certeza de nada, de absolutamente coisa alguma, nem de si mesmo. Estaria o ser humano inconscientemente fugindo de si mesmo?

Outro possível medo seria o de estabelecer laços pessoais fortes. O principal deles parece se localizar no âmbito das relações: comunidade, família, casamento, amizade carecem exatamente daquilo que parece nunca haver em quantidade suficiente: tempo. Bauman (2001) defende que toda a dinâmica da superficialidade, descartabilidade e instantaneidade do mundo do consumo se transporta para a vida pessoal e para a forma com que nos relacionamos socialmente. A modernidade sólida, estável e rígida, ao deixar de existir, abre espaço para a modernidade líquida, um tempo mais volátil, fortemente ancorado nas relações de consumo que transferem sua dinâmica para a vida como um todo.

[...] numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro [...], a promessa de aprender a arte de amar e a oferta (falsa, enganosa, mas que deseja ardentemente ser verdadeira) de construir a experiência amorosa à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultado sem esforço (BAUMAN, 2004, p. 21 e 22).

Por outro lado, no mundo acelerado, a capacidade de trabalhar e jogar rápido traz poder e além disso, excita: não é surpresa que a adrenalina possa também ser traduzida em inglês pelo termo *rush*, que significa também “pressa” ou “corrida” (GLEICK, 2000, p.18).

A correria da vida moderna faz com seja esquecido o hábito de cultivar a expectativa das coisas e de desfrutar do momento quando elas acontecem. Nota-se na sociedade uma obsessão cada vez maior em realizar tarefas múltiplas, executadas de forma mecânica, que leva muitos à indisponibilidade ao momento presente. Também é fato que "fazer duas coisas ao mesmo tempo parece tão inteligente, tão eficiente, tão moderno. Mas é claro que muitas vezes significa fazer duas coisas não muito bem" (HONORÉ, 2005, p. 22).

O hábito de não fazer nada também vem sendo deixado de lado. Eliminados todos os estímulos, irrompe a impaciência, o nervosismo e logo se inventa alguma coisa para fazer. Está se perdendo a noção do tempo das coisas, da felicidade em gestar ideias, sentimentos, de maturar sonhos.

Precisamos de tempo para reconectar nossa tartaruga interior. Conhecer a si mesmo. Do tédio nasce a invenção. A capacidade de criar. Vemos jovens e crianças com a agenda eletrônica, cheios de atividade e sem tempo para brincar (HONORÉ, 2005⁸).

É fato que as questões mais perenes da vida de um indivíduo, como o amor e a amizade, levam tempo para ser construídas. E é justo nesse tempo – de construção – que se estabelece um aprendizado único sobre si próprio. As relações afetivas e familiares – muitas vezes desgastadas pela ausência de tempo e pela cultura consumista que se apossou da forma com que as pessoas lidam com os sentimentos – se fortalecem à medida em que tempo e energia são empregados para prosperá-las.

Todas as coisas que nos unem e fazem a vida valer a pena - comunidade, família, amizade - dependem para prosperar exatamente daquilo de que nunca dispomos em quantidade suficiente: tempo (HONORÉ, 2005, p.20)

Apesar de tantas contradições na forma de ver e viver o tempo, é possível observar manifestações transversais que buscam uma nova forma mais construtiva, equilibrada e feliz

⁸ Entrevista concedida à autora em 2005.

de pensar a relação homem-tempo, seja no âmbito do consumo e da publicidade, na esfera do trabalho, e ainda, nos movimentos sociais, como o Movimento Devagar.

Dois fatos interessantes ilustram estatisticamente a busca por um novo estilo de vida, reflexo de uma equação mais equilibrada com o trabalho, com a cidade, com o tempo livre: a migração para cidades menores e a busca por empregos no setor público.

Sobre esse último, dados de 2006 informam que cinco milhões de brasileiros inscreveram-se em três centenas de concursos promovidos no país para preencher vagas em repartições federais, estaduais e municipais. Isso representa 43% a mais de candidatos do que no início da década. Os motivos principais que vêm tornando os cargos públicos tão interessantes estão centrados na questão de um salário compensador somados a uma rotina de trabalho mais estável e protegida da correria do mercado privado.

A busca por uma vida mais equilibrada também vem revertendo o fluxo migratório das metrópoles para o interior. Estudo do IBOPE publicado em 1996 atesta que o segmento da população que mais cresce no país está em 181 cidades médias pulverizadas pelo interior, com população entre 100.000 e 500.000 habitantes como Poços de Caldas, São José do Rio Preto, Ilhéus ou Sobral. Soma-se a isso o fato de que aproximadamente 30% dos moradores das capitais e regiões metropolitanas desejarem trocar a capital pelo interior, motivados pelo idílio de uma vida mais tranquila.

Nessa tomada de consciência sobre o valor do tempo, irrompe a contestação da cultura da pressa, da velocidade a qualquer preço, da eficiência desmedida que propõe o resgate de valores essenciais como o amor, o ócio, a convivência e um maior equilíbrio entre o ser e o ter.

[...] depressa é agitado, controlador, agressivo, apressado, analítico, estressado, superficial, impaciente, ativo, quantidade-mais-que-qualidade. Já devagar é o oposto: calmo, cuidadoso, receptivo, tranquilo, intuitivo, sereno, paciente, reflexivo, qualidade-mais-que-quantidade (HONORÉ, 2005, p. 28).

O contexto veloz e acelerado da contemporaneidade é um fato posto à prova de discussão, assim, parece ser um fator chave a busca pelo devagar dentro do mundo rápido. Mais do que apontar eventos isolados, espera-se compreender o fenômeno devagar de forma mais ampla, procurando refletir sobre onde estariam localizados os principais fatores de aderência e identificação com o movimento. Para tanto, o estudo do *Slow Food* - precursor e inspiração para as demais atividades e movimentos de desaceleração - é fundamental.

1.1 *SLOW FOOD*: ENTENDENDO AS BASES DO MOVIMENTO DEVAGAR

1.1.1 A terminologia

Se traduzido literalmente, “Slow” significa devagar, lento e “Food”, comida. Ao pé da letra, a terminologia *Slow Food* ou ‘comida lenta’ reduz significativamente seu imaginário e potencial. Mais que isso, pode gerar certo preconceito e indisposição com o tema, pelo fato do termo devagar carregar o ranço da lentidão, palavra quase considerada ofensiva nos dias de hoje.

Aprofundando-se o olhar sobre o *Slow Food*, nota-se haver uma relação com o tempo que se estende para além do seu significado enquanto aceleração ou desaceleração.

Assim, o devagar é a porta de entrada mais forte e talvez mais emblemática e impactante para um mergulho profundo na cadeia sistêmica e de valor não apenas da alimentação, mas da relação de um com o outro e com o planeta. A comida funciona como metonímia de determinado estilo de viver. O sentar-se à mesa, a valorização das tradições da região, o consumo de produtos locais e orgânicos e o prazer de sorver, advindo do exercício do paladar, tudo isso, transcende a necessidade básica e fundamental do alimentar-se.

1.1.2 Histórico

Criado pelo jornalista Carlo Petrini, o *Slow Food* é uma associação internacional sem fins lucrativos presente em mais de 100 países e com cerca de 80 mil associados pelo mundo. Nasceu na Itália a partir de uma reação crítica — que culminou com uma manifestação espontânea — à inauguração da primeira loja do Mac Donald’s na Piazza di Spagna em Roma.

Da lista dos fundadores constam intelectuais esquerdistas como o escritor Dario Fo, Prêmio Nobel de Literatura em 1997. Sua concepção é tida como resposta aos efeitos padronizantes do *fast food*; ao ritmo frenético da vida atual; ao desaparecimento das tradições culinárias regionais; ao decrescente interesse das pessoas com a própria alimentação, na procedência e sabor dos alimentos e em como nossa escolha alimentar pode afetar o mundo.

Segundo o *Slow Food*, por trás do discurso de comer sem pressa, priorizando pratos típicos e ingredientes locais produzidos artesanalmente, está imbuída uma nova visão de se pensar a comida, a agricultura, as relações pessoais, minimizando o impacto negativo do ritmo frenético da vida moderna e mantendo o caráter gregário do momento da alimentação.

O *Slow Food* nunca foi um movimento de elite nem um grupo de ricos gorduchos apaixonados pela boa cozinha. A nossa filosofia tem um amplo alcance temático e reúne pessoas de todas as idades e camadas sociais. O direito ao prazer e ao conhecimento gastronômico é um de seus princípios, mas não o único" (PETRINI, 2001b).

Graças a essa temática abrangente, o *Slow Food* conquistou adeptos em toda a Europa e até nos Estados Unidos, pátria das refeições massificadas, onde, em 2009, ganhou em média 300 novos associados por mês.

Em termos retóricos, o *Slow Food* se ancora em três grandes preceitos que norteiam sua atuação. O primeiro, de 1989 - ano da internacionalização do movimento -, defende o direito ao prazer proporcionado pela comida: o prazer de comer deve existir para todo mundo. A alimentação *fast food* mata o sabor e a curiosidade de experimentar novos pratos. Acredita-se que por meio da filosofia do *Slow Food*, cada país poderá encontrar uma forma de promover e exaltar a sua cultura culinária.

O segundo traz um posicionamento em relação à biotecnologia. O *Slow Food* não é contrário à utilização da ciência para a melhoria de alimentos. O uso de enxertos vegetais e da fermentação controlada é citado como exemplo do que a biotecnologia trouxe de bom. Contudo, para o movimento, a questão dos alimentos transgênicos é outro caso, que exige cuidado e visão: “devemos conhecer melhor as técnicas atuais em vez de experimentar novas, cujos efeitos de longo prazo não são conhecidos”, afirma Petrini (2001a).

O terceiro preceito traz um posicionamento favorável à biodiversidade e se inspira na arca de Noé. Seu objetivo é o de montar projetos para impedir a extinção de alguns alimentos e barrar a padronização industrial da comida. Para tanto, acredita que é preciso promover pesquisas e espalhar a consciência de que produtos muito tradicionais são dignos de ser preservados.

Ao analisar esses três preceitos fica clara a mensagem de que o *Slow Food* vai muito além do ritmo das refeições e também o viés político, social, ambiental e cultural que se esconde por detrás de um prato de comida.

1.1.3 O Manifesto *Slow Food*

O tom de crítica e a demonização da velocidade soam bastante preponderantes neste texto que provavelmente é uma das primeiras expressões da filosofia *Slow Food* e também das mais antigas:

O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida. Somos escravizados pela rapidez e sucumbimos todos ao mesmo vírus insidioso: a *Fast Life*, que destrói os nossos hábitos, penetra na privacidade dos nossos lares e nos obriga a comer *Fast Food*.
 O *Homo sapiens*, para ser digno desse nome, deveria libertar-se da velocidade antes que ela o reduza a uma espécie em vias de extinção.
 Um firme empenho na defesa da tranquilidade é a única forma de se opor à loucura universal da *Fast Life*.
 Que nos sejam garantidas doses apropriadas de prazer sensual e que o prazer lento e duradouro nos proteja do ritmo da multidão que confunde frenesi com eficiência. Nossa defesa deveria começar à mesa com o *Slow Food*. Redescubramos os sabores e aromas da cozinha regional e eliminemos os efeitos degradantes do *Fast Food*.
 Em nome da produtividade, a *Fast Life* mudou nossa forma de ser e ameaça nosso meio ambiente. Portanto, o *Slow Food* é, neste momento, a única alternativa verdadeiramente progressiva.
 A verdadeira cultura está em desenvolver o gosto em vez de atrofiá-lo. Que forma melhor para fazê-lo do que através de um intercâmbio internacional de experiências, conhecimentos e projetos?
Slow Food garante um futuro melhor.
Slow Food é uma idéia que precisa de inúmeros parceiros qualificados que possam contribuir para tornar esse (lento) movimento, em um movimento internacional, tendo o pequeno caracol como seu símbolo⁹.

Nota-se que, se comparado com o texto do manifesto, o repertório atual foi bastante suavizado, a palavra equilíbrio vem conquistando um espaço maior e o tom de denúncia, substituído pelo da colaboração.

[...] O *Slow Food* estressa a importância da produção agrícola para manter o equilíbrio de respeito e troca com o ecossistema. É por isso que o *Slow Food* foi definido como um movimento de eco-gastrônomos. (www.slowfoodbrasil.com)

1.1.4 Principais atividades

As atividades do *Slow Food* têm um escopo bastante amplo e vão desde ações mais pontuais e focadas como a publicação de revistas, guias com produtos e restaurantes adeptos do movimento até ações concretas e estratégicas para preservar a biodiversidade agrícola do planeta.

⁹ Disponível em: www.slowfoodbrasil.com. Acesso em: 06.fev.2011.

- **Arca do Sabor:** alusão à arca de Noé, busca salvar tradições gastronômicas ameaçadas de extinção, através da identificação, catalogação e estímulo do consumo desses alimentos e em alguns casos, até auxiliando financeiramente os produtores.
- **Prêmio:** o *Slow Food* seleciona os melhores exemplos de preservação da herança gastronômica e de defesa da biodiversidade e os premia com o *Slow Food Award*.
- **Educação:** busca conscientizar a população acerca da importância de cultivar as tradições à mesa. No Educação ao Sabor, alunos de escolas públicas aprendem a degustar produtos típicos de onde vivem e a valorizar as tradições do seu preparo.
- **Mesas da Fraternidade:** incentiva a alimentação de comunidades carentes em países pobres ou em guerra. No Brasil, por exemplo, o *Slow Food* assumiu a cozinha de um hospital em Rondônia que atende a população indígena, porque a maioria dos índios adoecia de subnutrição, já que não se adaptavam aos hábitos alimentares da cidade.
- **Convívios:** são a expressão local da filosofia *Slow Food*. Articulam relações com os produtores, fazem campanhas para proteger alimentos tradicionais, organizam degustações e palestras, encorajam os chefes de cozinha a usar alimentos regionais, além de indicar produtores para participar de eventos internacionais e lutar por levar a educação do gosto às escolas.

1.1.5 Uma visão sistêmica

Ao fomentar a reflexão sobre as questões envolvidas da produção ao prato e ao incentivar comportamentos e ações mais saudáveis e adequadas no âmbito alimentar, o *Slow Food* propõe uma crítica ao próprio sistema capitalista e suas bases na industrialização de larga escala, na exploração inconsequente da natureza e na velocidade desmedida que tira o afeto da experiência alimentar.

Petrini defende a visão de Edgar Morin na qual o “quadrimotor” representado pela ciência, técnica, indústria e sistema capitalista instalou um forma de ditadura tecnocrática em que o lucro prevalece sobre a política, a economia sobre a cultura e a quantidade é a principal (se não única) medida para julgar as atividades humanas.

O quadrimotor impôs uma espécie de regime totalitário em que prevalecem a técnica e a economia, que se tornam a única finalidade em vez de o meio para servir aos objetivos e valores da coletividade (PETRINI, 2009, p. 26).

Outro ponto impactante na filosofia do *Slow Food* é a quebra do vínculo indissolúvel entre homem e natureza com a ascensão do capitalismo industrial. A natureza tornou-se objeto de domínio e sucumbiu ao conceito de agroindústria, aderindo à ideologia tecnocrática. Ainda segundo sua filosofia, o distanciamento do homem frente a terra, ao tempo cíclico e ao processo de produção como um todo e, ao mesmo tempo, os lobbies da agroindústria transacional criaram a falsa expectativa de que a tecnologia intensiva e a escala pudessem dar conta das carências alimentícias do planeta.

Para Petrini (2009) não se trata de uma volta ao passado, mas de recomeçar do passado, conscientes dos erros cometidos nos últimos anos. Trata-se de recuperar a produtividade de zonas em que a atividade agrícola foi abandonada por não ser mais conveniente segundo os critérios industriais. E mais, apenas mediante uma nova agricultura sustentável, que respeite tanto a tradição milenar quanto as modernas tecnologias (por si não são o mal, depende de como são usadas) é possível ter esperança em um futuro melhor.

Focado ainda no prazer do paladar, resultado de um processo de conscientização e educação para além da mesa, o movimento objetiva mostrar que a experiência alimentar não se reduz apenas ao ato de comer, mas a toda uma cadeia produtiva.

O viés da comida se amplia à medida que é entendida como um processo cultural (“Dize-me o que comes e eu te direi quem és”- Brillat-Savarin e “O homem é o que come” - Ludwig Feuerbach) e reflexo da identidade do indivíduo. Assim, sai da necessidade básica de sobrevivência e entra, conscientemente, na esfera do viver, materializada para além do produto em si, por um estilo de vida, reflexo das relações sociais e culturais estabelecidas ao longo de todo o processo e das escolhas que são feitas no dia a dia de cada um. “A escolha dos alimentos é o denominador comum de todas as definições importantes, e implica uma série ampla de conhecimentos em diversos âmbitos, tanto tecnológicos como humanísticos” (PETRINI, 2009, p. 47).

Os preceitos do *Slow Food* estão imbuídos em toda a cadeia alimentar de forma sistêmica, desde o planejamento do plantio até o consumo, como detalhado na Tabela 1.

Tabela 1 – A cadeia de produção do *Slow Food*

<i>PLANEJAMENTO</i>	<i>PLANTIO</i>	<i>COLHEITA</i>	<i>PREPARAÇÃO</i>	<i>CONSUMO</i>
Leva em conta princípios nos quais se baseiam a agricultura orgânica e sustentável	Respeito ao solo e ao uso sustentável da biodiversidade	Respeito aos ritmos das estações	Valorização de receitas tradicionais e de família	Redescoberta do prazer de saborear um alimento e na compreensão da importância de conhecer sua origem, quem o produz, como é feito
Promoção de uma agricultura que tem um menor impacto no meio ambiente e a redução do uso dos pesticidas no mundo	Sem agrotóxicos	Modelo de agricultura, que é menos intensivo e mais saudável e sustentável, com base no conhecimento das comunidades locais	Preservação das características nutricionais dos alimentos	Desfrutar do momento a mesa como uma forma de convivência e interação
Busca por salvar os inúmeros grãos, vegetais, frutas, raças de animais e produtos alimentícios que correm perigo de desaparecer devido ao predomínio das refeições rápidas e do agronegócio industrial	Protege espécies vegetais e raças animais, contribuindo com a defesa do meio ambiente, da cozinha típica regional, dos produtos saborosos e do prazer da alimentação	Pouca industrialização	Preparação como um rito (não mecânico)	Degustação os alimentos com calma, tempo e prazer
Produtos que sejam naturais, seguros e acima de tudo de grande qualidade organoléptica (com ricas qualidades de cheiro, sabor, textura e aspectos visuais)	Plantio deve ser capaz de oferecer formas de desenvolvimento para as regiões mais pobres do nosso planeta.	Valorização do trabalho das comunidades locais	Sentimento e amor	Nova perspectiva: de simples consumidores para co-produtores
				Informação sobre como nosso alimento é produzido e apoio efetivo aos produtores

Ao longo da sua existência e sempre acompanhando as transformações culturais e sociais da Itália e do resto do mundo, o movimento foi refinando e atualizando seu repertório. Em seu último livro, *Slow Food* – princípios da nova gastronomia, Petrini (2009) cunhou o termo ecogastronomia, conceito que expande o prazer da comida para o aspecto da sustentabilidade e conjuga prazer e alimentação com consciência e responsabilidade, reconhecendo as fortes conexões entre o prato e o planeta. O autor defende que não é possível ser *gourmet* sem ser ambientalista nem ambientalista sem ser *gourmet*.

A gastronomia é uma ciência que estuda a felicidade. A comida – linguagem universal e imediata, componente da identidade e objeto de intercâmbio – é uma das formas mais poderosas de diplomacia e paz (PETRINI, 2009, p. 62).

Ainda que seja muito transparente com a noção da alimentação como questão política, o *Slow Food* não se considera um movimento político, mas um *lobby* virtuoso pelas questões da alimentação.

1.1.6 Os desafios no Brasil

Para Petrini, apesar de a realidade brasileira ser muito diferente da europeia, o *Slow Food* tem grande perspectiva de crescimento, principalmente devido ao fato do país possuir tantos recursos naturais extraordinários. Porém, faz uma ressalva com relação ao risco do país em se tornar terra de experimentação transgênica, comprometendo a imensa biodiversidade vegetal e animal.

Atualmente, um dos maiores entraves ao crescimento do movimento no país é o preço dos alimentos artesanais, já que o processo produtivo pouco invasivo, a valorização do trabalho do agricultor, a questão da baixa escala e também a maior adequação às estações da natureza do que à indústria, interferem diretamente na delimitação do preço dos produtos.

Desta forma, o crescimento do *Slow Food* em solo nacional depende, e muito, da amplificação da consciência social e ambiental dos impactos da cadeia produtiva alimentar, já que escolher entre alimentos orgânicos e ingredientes em vias de extinção, mais do que um prazer, é também uma questão política.

1.2 FILOSOFIA DEVAGAR: VALORES E PENSAMENTOS QUE NORTEIAM SUAS BASES NO BRASIL E NO MUNDO

Hoje, passados mais de vinte anos de sua fundação, o *Slow Food* se tornou referência a uma miríade de outros projetos, que à sua semelhança, têm como meta reavaliar a relação que se tem com o tempo.

Depois de 150 anos de aceleração constante, estamos no início de uma revolução cultural. É um ponto de mudança profunda, onde estamos renegociando nossa relação com o tempo. Agora chegamos em um ponto em que o pêndulo (benefícios da velocidade) está caindo (HONORÉ, 2005¹⁰).

¹⁰ Entrevista concedida à autora em 2005.

O conjunto de esforços em demonstrar que fazer tudo – ou quase tudo – com menos pressa traz benefícios ao homem recebeu o nome de Movimento Devagar por Honoré. “O movimento resgatou a palavra *Slow*, mostrou que ela tem significado neste mundo” (HONORÉ, 2005¹¹).

Por que estamos sempre correndo contra o relógio? A pressa, uma constante em nossas vidas, tem uma razão real? O que pode e o que não deve ser apressado? O que significa ser rápido e o que significa ser devagar? Como encontrar o tempo certo das coisas? São essas as principais questões que o Movimento Devagar nos leva a refletir.

Chegou o momento de questionar nossa obsessão de fazer tudo mais depressa [...]. Ao passar a vida correndo, preocupados em atulhar cada vez mais coisas em cada horinha do dia, estamos nos estressando a um ponto que pode levar à ruptura (HONORÉ, 2005, p. 14).

Em seu livro, Honoré aborda uma série de iniciativas, ou melhor, “sementes” nas palavras do próprio autor, plantadas por pessoas, organizações e até mesmo cidades que estão buscando uma nova forma de se relacionar com o tempo, desacelerando o ritmo e vivendo de forma mais harmônica e feliz.

Porém, vale ressaltar que tais exemplos não se encontram conectados e pertencentes a uma rede global em função do Devagar. É possível uma articulação dentro de alguns movimentos, principalmente os maiores, como é o caso do *Slow Food*.

O movimento ainda está tomando forma. Não tem uma sede, um líder, nem um site na internet. Muitas pessoas decidem diminuir o ritmo sem nunca chegarem a se sentir parte de alguma tendência cultural. O que importa, todavia, é que uma minoria cada vez maior está optando pelo ritmo moderado, em detrimento da velocidade (Honoré, 2005, p. 18).

Assim, a palavra movimento, ao ser usada pelo autor, fica mais restrita a uma tendência do que a um movimento articulado e organizado formalmente.

Nesse sentido, o Movimento Devagar se apresenta como uma tentativa de conscientização e estímulo às pessoas, mostrando que existe um outro caminho, uma alternativa para viver com mais qualidade no contexto atual, onde o turbo-capitalismo tem um custo humano muito alto. Assim, mais do que um movimento a favor da lentidão, o Devagar propõe um âmbito maior do que o tempo: a própria vida. “As questões a respeito do tempo são, na verdade, questões sobre o sentido da vida” (BOYD; ZIMBARDO, 2009, p.18).

¹¹ Idem.

O mundo 24 horas, que abre inúmeras e novas possibilidades, certamente tem um grande impacto na forma pela qual o homem gere seu tempo. Além disso, o advento da eletricidade e o contexto *non-stop* da internet e das tecnologias de comunicação confundem as necessidades biológicas de vigília e descanso, incitando o estar desperto.

Tudo se passa como se o organismo tivesse ‘relógios’ e os remetesse à hora em função dos sinais que lhes são transmitidos pelo meio, sendo um destes sinais essenciais a alternância entre a obscuridade e a luz, entre a noite e o dia, mas também entre o ruído e o silêncio, entre o calor e o frio etc. [...] De fato, o organismo abriga diversos ‘relógios’ que devem se acertar entre si (VIRILIO, 2002, p. 47).

Com a revolução industrial, seguida pelo advento do computador, das novas tecnologias e da internet, a velocidade assumiu proporções inimagináveis. Transposta para atual a forma de ser e de viver, o resultado é mais intensidade. Tem-se o conceito de que a melhor forma de passar o tempo é ocupando-o. Honoré (2005) defende que precisamos de tempo para reconectar nossa tartaruga interior e conhecer a nós mesmos. Do tédio nasce a invenção, a capacidade de criar.

Como se torna possível fazer quase tudo o tempo todo, parece existir uma pressão velada em emendar uma atividade na outra, sobrecarregar o dia com afazeres pouco importantes e que poderiam ser melhor escalonados. Segundo Honoré (2005) precisamos da necessidade e da beleza de escolher.

Ao redor do mundo, vê-se uma série de iniciativas que buscam refletir sobre o impacto da velocidade e mostrar novos caminhos possíveis. Há os com foco no consumo, como o *Buy Nothing Day*, que estabelece um dia no ano para promover o ato de não consumir. Outros têm um cunho mais ambiental como o Dia Mundial sem carro e existem ainda aqueles com escopo mais amplo e menos pontual como o Movimento Simplicidade Voluntária. Este último começou a se propagar nos Estados Unidos nos anos 1970, em resposta à sociedade de consumo, ganhou ecos em países como Canadá e França e, aos poucos, chega ao Brasil. Pesquisas recentes divulgadas pelo Movimento estimam que, nos Estados Unidos, cerca de 20 milhões de pessoas, 10% da população, estejam optando por uma vida materialmente mais comedida, pautada na convivência com a família, os amigos e a comunidade e no respeito à natureza, no sentido de fazer o máximo para preservar seus recursos. Ambos propõem uma nova maneira de viver, mais qualitativa e menos materialista e uma nova relação com o trabalho, o tempo e o consumo. “Se pensamos nos países do 3º mundo, antes era tudo velocidade para chegar ao 1º mundo. Hoje vemos o 1º mundo e vemos coisas boas e ruins que

não queremos” (HONORÉ, 2005¹²).

Outros exemplos ao redor do mundo e em vias de expansão são o clube da preguiça no Japão¹³, a Long Now Foundation¹⁴ sediada nos EUA e a Europe's Society for the Deceleration of Time. Na Itália, as cidades do bem viver, criadas na Itália em 1999, representam um projeto de grande amplitude, derivado não somente da inspiração do *Slow Food*, mas como um desdobramento do mesmo, de forma a efetivamente permitir que as pessoas possam viver de forma devagar. Tais cidades vêm repensando a velocidade a qualquer custo e o aspecto homogeneizado que, frequentemente, toma conta de várias cidades ao redor do mundo. As cidades devagar têm menos carro, barulho e multidões e tem estrutura formada por um grupo autônomo determinado a melhorar a qualidade de vida dos seus habitantes.

O *Slow Food* já deu origem a grupos afins. Reunidas sob o estandarte de Cidades do bem viver, mais de sessenta cidades italianas e de outros países vêm tentando transformar-se em oásis de tranquilidade. (HONORÉ, 2005, p. 30)

Para que uma cidade possa abraçar a causa *slow*, seu tamanho é extremamente importante e chega a ser um critério de adesão ou não: é preciso ter no máximo 50 mil habitantes. No caso do Brasil, país continental e populoso, tal fator seria uma restrição para a totalidade de nossas metrópoles aceleradas.

1.2.1 O Devagar e seus paradoxos

Devagar nem sempre quer dizer lento e moroso, ou melhor, quase nunca se reduz a dimensão do tempo enquanto desaceleração. Para Honoré, devagar, frequentemente, produz resultados mais rápidos. Muitas vezes ao se assumir as multitarefas no afã da produtividade e da redução do tempo, corre-se o alto risco de fazer nada bem feito ou de cometer algum erro ou distração no meio do processo. “No fundo, ser lento significa ser mais rápido. Trabalho tem mais qualidade, mais eficiente” (HONORÉ, 2005¹⁵).

¹² Entrevista concedida à autora em 2005.

¹³ Disponível em: <http://www.sloth.gr.jp>. Acesso em: 04/02/2010

¹⁴ Disponível em: <http://longnow.org>. Acesso em: 04/02/2010

¹⁵ Entrevista concedida à autora em 2005.

Outro paradoxo localiza-se na questão mente e corpo, intelecto e físico, já que o movimento acredita ser possível fazer as coisas com mais rapidez, mantendo devagar o estado de espírito, ou seja, conservando o espírito sereno, tranquilo e criterioso.

Assim, a questão do devagar parece estar muito mais centrada na capacidade individual e subjetiva de fazermos escolhas alinhadas ao ritmo e às prioridades e expectativas de vida de cada um. Saber alternar o tempo rápido e o tempo devagar, talvez seja o grande desafio e a grande mensagem do *slow*.

Esse paradoxo recebeu de Honoré o conceito de tempo *giusto* e se refere à capacidade individual de escolher quando ser rápido e quando ser devagar, encontrando o tempo *giusto*¹⁶ das coisas.

A velocidade hoje está internalizada. Eu tinha sido contaminado pelo vírus. Agora sei que é possível mudar de marcha de vez em quando. Hoje temos só uma marcha. Mas existe uma gama de velocidades. Perdemos a coragem e a imaginação para mudar de marcha [...]. Não sou utópico. Sou realista e sei que é impossível criar um mundo onde tudo se faz no tempo *giusto*. Você tem relações com os demais que tem que balancear. Podemos recuperar muito mais essa capacidade de fazer tudo em seu tempo (HONORÉ, 2005¹⁷).

Essa adequação entre o tempo *giusto* individual e o tempo coletivo parece constituir uma variável complicada, principalmente se for considerado o ambiente de trabalho. Nesta situação é necessário haver uma boa dose de flexibilidade para que o andamento do grupo seja harmônico. Quando se trabalha em equipe é preciso ter consciência de que os ritmos individuais devem ser harmonizados de uma forma mais tolerante. Honoré pondera que o tempo *giusto* é realmente muito particular, cada pessoa tem um ritmo intrínseco para ler, caminhar, comer.

Tal controle sobre as marchas tem impacto direto quando se pensa nas novas tecnologias, pois fomentaria a reflexão sobre como utilizá-las e também sobre a igual importância de se saber quando ligar e quando desligar. “Não falar ao telefone, dirigir, checar Blackberry enquanto se espera no *drive-thru* antes da próxima reunião” (HONORÉ, 2005, p. 49).

Dessa forma, a relação com as tecnologias sairia de um enfoque instrumental meio e fim para realmente ocupar o espaço de aliada do homem para uma vida mais equilibrada, consciente e feliz. As novas tecnologias de informação e comunicação não raro são apontadas como as grandes vilãs da nossa relação com o tempo, mas não podemos nunca nos esquecer do indivíduo por trás dela.

¹⁶ Termo que vem da música e caracteriza o andamento certo em que a melodia deve ser tocada. Para a filosofia relacionada ao Movimento Devagar designa a capacidade individual de se encontrar o ritmo das coisas.

¹⁷ Entrevista concedida à autora em 2005.

Faz-se necessário, então, sair da perspectiva reduzida na ferramenta e questionar a essência da técnica como proposto por Heidegger (1988). Na sua visão, a técnica se relaciona de forma simbiótica com o sujeito e nessa relação ocorre um desvelar no tempo, *aletheia* (verdade), em que um ao interferir com o outro muda o próprio um. Tal pensamento encontra sinergia com o devagar, à medida que o desvelar acontece dentro de um espaço temporal, que leva tempo.

A técnica é na sua essência um destino ontológico-historial da verdade do ser que reside no esquecimento. A técnica não remonta apenas, na verdade com o seu nome, até à *techné* dos gregos, mas ela origina-se ontológico-historialmente da *techné* como um modo de *αληθευειν* (desvelamento), isto é, de tornar o ente manifesto. Enquanto uma forma da verdade, a técnica funda-se na história da metafísica. (HEIDEGGER; MARTIN, 1998, p. 64).

Para os entusiastas do Movimento Devagar, a tecnologia é uma facilitadora, mas não se deve ficar refém dela. Desta forma, não se trata de rejeitar a tecnologia ou mudar a vida contemporânea completamente, apenas buscar o equilíbrio e a parcimônia.

1.2.2 A filosofia Devagar na prática

Sobre o ato de ser Devagar, o mesmo está centrado em um melhor aproveitamento do tempo livre, na adesão de um estilo de vida mais simples, ou seja, mais focado em valores essenciais e menos no consumismo e, por fim, na mudança de atitudes cotidianas e rotineiras.

Para cada um de nós, tempo livre significa viagem, cultura, erotismo, estética, repouso, esporte, ginástica, meditação e reflexão. Significa, antes de tudo, nos exercitarmos em descobrir quantas coisas podemos fazer, desde hoje, no nosso tempo disponível, sem gastar um tostão. [...]. Em suma, dar sentido às coisas de todo o dia, em geral lindas, sempre iguais e sempre diversas, que infelizmente são depreciadas pelo uso cotidiano (DE MASI, 2000, p. 321).

Porém, ao se analisar o repertório e as expectativas do movimento, percebe-se a intenção de que as pequenas práticas do dia-a-dia estimulem a conscientização sobre a velocidade de maneira mais ampla, dos esportes à comida, do trabalho ao consumo, dos relacionamentos à educação. Nesse ponto, vê-se sinergia com a visão sistêmica do *Slow Food* que busca, a partir da comida, fazer diversas conexões com o outro, com o sistema e com o planeta.

O credo do devagar rende dividendos quando aplicado de forma gradual. Mas para aproveitar plenamente o movimento Devagar precisamos ir mais adiante e repensar nosso comportamento em relação a tudo. (HONORÉ, 2005, p. 29)

Honoré (2005) acredita que no Brasil existam fatores bastante propícios para o desenvolvimento do Movimento Devagar: forte contato humano – pouco encontrado em países como Inglaterra e Estados Unidos – e a valorização do prazer, seja na música, na dança, na socialização e até nos dias de carnaval. Tais fatores funcionariam como um freio para a velocidade e uma vacina contra o vírus da pressa. *"Países latinos estão mais predispostos ao Movimento Devagar."*

De Masi (2000) também reforça esse raciocínio ponderando que no Brasil encontram-se valores de solidariedade, amizade, amor e convívio extremamente importantes para o desenvolvimento de uma cultura mais equilibrada e qualitativa.

Assim, faz-se pensar que a mudança deve se iniciar, primeiramente, em atitudes pequenas do cotidiano, mais controláveis e que não dependam de grandes fatores externos. Honoré (2005) relata que abandonou o relógio, optou por concentrar-se nos *hobbies* que lhe davam mais prazer, passou a ver menos televisão, a caminhar mais, a refletir mais sobre os caminhos da sua vida, a conviver mais com a família e sempre se questionar se não está sobrecarregando a agenda com atividades desnecessárias. O resultado dessas atitudes, de uma relação mais harmoniosa com o tempo e da redescoberta do prazer das pequenas coisas estimula um novo pensar sobre as prioridades da vida e pode impactar em outras mudanças maiores como, por exemplo, no trabalho.

A filosofia Devagar, assim como o seu nome, segue lentamente com seus princípios e não busca fomentar mudanças radicais ou rupturas como a negação das tecnologias e do consumo ou a extinção do capitalismo. De forma até despretensiosa, objetiva fomentar a reflexão sobre que tempo, ou melhor, que vida o ser humano quer construir. É este o convite que o Movimento Devagar faz: pensar e reconectar.

Nessa tomada de responsabilidade perante o seu transcorrer parece natural que o homem comece a estabelecer uma interação mais leve e fluida com o tempo. Dessa forma, será natural que algumas relações comecem a ser revistas e reprogramadas. Honoré acredita que o consumo será uma delas, já que o significado das coisas simples vai se sobrepor ao valor monetário.

Presume-se que o aumento do dispêndio de dinheiro deva coincidir com um movimento ascendente similar da felicidade daqueles que o gastam, mas isso não é imediatamente óbvio (BAUMAN, 2008, p.10).

Assim, a principal contribuição que a filosofia Devagar pode proporcionar à sociedade, segundo o autor, é a conquista do equilíbrio, que possibilita melhor qualidade de vida, a partir de um questionamento sobre quais são as prioridades e as reais necessidades de cada um.

Também a capacidade individual de escolher quando ser rápido e quando ser devagar. Atualmente, a marcha exclusiva, dominante, é a da velocidade; e o tempo, basicamente visto como um inimigo. “Hoje é o relógio que manda. É como uma coleira... Aboli o relógio da minha vida. As lojas, por exemplo, nunca põe relógio. Querem que você gaste” (HONORÉ, 2005¹⁸).

Ao passo que a velocidade cria constantemente ruídos internos e externos, pois frente a ela parece nunca haver rapidez suficiente, gerando angústias e frustrações, o devagar busca favorecer o silêncio interior, o contato consigo mesmo em momentos de calma dentro do caos. Frei Betto esclarece que:

As pessoas que não sabem fazer silêncio são pessoas que não se suportam, que entram em casa com tanto medo do silêncio que ligam a enceradeira, o liquidificador, a televisão, o telefone, o rádio, porque não sabem ouvir o silêncio, tem medo dos seus anjos e demônios interiores. (DE MASI; BETTO, 2002, p.100)

Mais do que determinar a velocidade com que as coisas são feitas, a filosofia Devagar preza pela consciência subjetiva, ou seja, que cada indivíduo tenha capacidade de controlar os ritmos da vida com distintas marchas para acelerar, com critério. “A filosofia Devagar pode ser resumida em uma única palavra: equilíbrio” (HONORÉ, 2005, p. 27).

Ao propor a questão das marchas, o Devagar se enquadra dentro de um contexto sociocultural capaz de impactar diretamente tanto na visão paradigmática dos conceitos de velocidade e tempo, como também influenciar em sua vivência através das práticas cotidianas. Assim, é importante um olhar sobre como tais variáveis sofreram e ainda sofrem impacto herdado da Modernidade e em que medida a transição para o contexto pós-moderno vem estimulando novas reflexões e buscas.

¹⁸ Entrevista concedida à autora em 2005.

2 BREVE RETROSPECTO DO SIGNIFICADO DA VELOCIDADE E DO DEVAGAR EM UMA SOCIEDADE EM TRÂNSITO

A forma com que a relação homem-tempo se estabelece parece refletir toda a dinâmica que a variável tempo apresenta de forma fluida e mutante, ao passo que muito da sua percepção e evolução vem se desenvolvendo lado a lado com o indivíduo e o contexto sociocultural de uma época. Assim, entender a forma com que pensamos o tempo é entender o homem em seu contexto e vice-versa.

É fato que vivemos em uma sociedade em trânsito, onde novos e velhos paradigmas ainda convivem, o que faz com que exista sobreposição de diferentes formas de pensar e de agir, que inclusive contrastam pela dissonância entre teoria e prática.

Afinal o que se revela atrás das horas, dos minutos, dos centésimos e milésimos de segundos que ora parecem voar ora parecem durar a eternidade? Como os paradigmas da velocidade e do Devagar foram concebidos e vêm sendo revistos da Modernidade à Pós-Modernidade? Como o conceito do tempo livre foi sendo delimitado e moldado a partir do mundo do trabalho?

Giddens (1991, p.13) define a Modernidade como sendo um conjunto de discontinuidades em relação ao período anterior (pré-moderno), em que dominavam as tradições e crenças irracionais, instituindo modos de vida distintos dos anteriores. Da mesma forma, Touraine (1994, p.12) aponta outra discontinuidade na forma de ruptura com o sagrado, que era ao mesmo tempo natural e divino, transparente à razão e criado.

A Modernidade, segundo Vattimo (1996), se caracteriza por ser a época da história em oposição à visão naturalista e cíclica do curso do mundo, fato que pode ser entendido a partir do processo de secularização e da autonomia do pensamento nos domínios da ciência e da técnica. Ao se opor a visão cíclica do mundo, marcada pelo ritmo da natureza, a Modernidade fez do tempo processo linear, racionalmente dividido, estruturado e precisamente repetido.

Dessa forma, durante a Modernidade, a relação do homem com o tempo assumiu, claramente, características derivadas do cerne do que se convencionou chamar de projeto moderno, representado pela sobreposição da razão e da ciência à fé, como forma de emancipação humana pelo conhecimento - capaz de garantir que o progresso, balizador e norteador da vida social, fosse alcançado.

Pensar o tempo, dessa forma, era refletir racional e objetivamente, projetando-o para o futuro e adiando o prazer e o olhar sobre o presente, já que este era totalmente condicionado pela ordem e necessidades racionais do porvir.

Para Bauman (2001), a aceleração é parte intrínseca ao nascimento da Modernidade, já que acelerar significava diminuir o tempo e aumentar a conquista espacial. Percebe-se a emancipação do tempo em relação ao espaço, sua subordinação à inventividade e a capacidade técnica humana e, portanto, a colocação do tempo contra o espaço como ferramenta de sua conquista com a apropriação de qualquer outro ponto de partida.

A modernidade nasceu sob as estrelas da aceleração e da conquista de terras [...] O movimento acelerado significa maior espaço, e acelerar o movimento era o único meio de ampliar o espaço. Nessa corrida, a expansão espacial era o nome do jogo e o espaço, seu objetivo; o espaço era o valor, o tempo, a ferramenta (BAUMAN, 2001, p.131).

A esse momento de conquista superlativa, da natureza, de terras, de espaços e posses Bauman nomeou de Modernidade pesada. Reflexo de uma postura egocêntrica e superior, criou-se uma relação instrumental entre o homem e a natureza, entre o homem e a velocidade, baseado no 'sempre mais'. A Modernidade pesada também foi a era da conquista territorial com a expansão dos impérios, preenchendo todos as lacunas e fissuras do globo. Nesse contexto de dominação, o que quer que ficasse entre os postos avançados dos domínios imperiais em competição era visto como terra de ninguém, sem dono e, portanto, como um espaço vazio, compreendido nesse momento como desafio à ação e censura à preguiça. “[...] era do hardware ou modernidade pesada: modernidade obcecada pelo volume, uma modernidade do tipo "quanto maior, melhor". Conquista do espaço como objetivo supremo” (BAUMAN, 2001, p.132).

Tal caráter manipulativo da Modernidade tem no discurso de Marx uma profunda crítica, imbuída de certo ceticismo frente ao racionalismo:

Ao mesmo ritmo que a humanidade domina a natureza, o homem parece tornar-se escravo de outros homens ou de sua própria infâmia. Mesmo a luz pura da ciência parece incapaz de brilhar a não ser sobre o fundo escuro da ignorância. (MARX, 1982, p.527)

Para o logro desses ideais, à velocidade foi destinado um papel de grande protagonismo, a medida que ao exaltar o cientificismo, a precisão técnica, a eficiência, a Modernidade fez dela seu êmbolo propulsor maximizando o esforço individual e produtividade e minimizando o potencial criativo, fonte de ócio e dispersão. Sobre a disciplina moderna Lipovetsky (2004, p.16) afirma que:

é um conjunto de regras e técnicas específicas (vigilância hierárquica, sanção normatizadora, exame de avaliação) que têm por efeito produzir uma conduta normatizada e padronizada, adestrar os indivíduos e submetê-los a uma fôrma idêntica para otimizar-lhes as faculdades produtivas.

Para Rouanet (1993, p. 121):

a modernização significa principalmente aumento de eficácia. Mesmo quando outros valores parecem estar em jogo, como a democracia ou a autonomia da razão, o que se esconde atrás deles é sempre um desempenho mais eficaz do sistema econômico, político ou cultural.

Santos (1989) argumenta que o paradigma cultural da Modernidade constitui-se entre o século XVI e o final do século XVIII, coincidindo aproximadamente com a emergência do Capitalismo enquanto modo de produção dominante nos países da Europa.

Dessa forma, o projeto da Modernidade caminhou lado a lado com a evolução no sistema capitalista de produção, juntamente com o advento e fortalecimento da sociedade industrial, pautada no trabalho mecânico e repetitivo, pela fadiga do corpo — este colocado acima da mente — e pela velocidade.

A sociedade industrial permitiu que milhões de pessoas agissem somente com o corpo, mas não lhes deixou a liberdade para expressar-se com a mente. [...] Depois do corpo, liberta-se a alma (DE MASI, 2000, p. 18).

O potencial criativo humano foi negado e inutilizado para ceder lugar a braços, mãos e corpos cordatos e pacíficos, mecanicamente ajustados em movimentos adestrados e repetitivos. Quanto mais veloz, mais rápido se poderia ir, conquistar, mais se poderia fazer. A administração científica que teve em Taylor seu pioneiro zelava para que tempos e movimentos estivessem em perfeita harmonia, refletindo o melhor e mais eficiente modo de se fazer as coisas. Não havia tempo a perder nessa orquestração, onde todos os detalhes eram milimetricamente estudados, previstos e cronometrados.

Taylor defendia o fato de haver uma maneira correta de se realizar as tarefas e tal maneira era aquela que possibilitasse realizar um trabalho no menor tempo possível. Nos estudos conduzidos por ele sobre tempo e movimento, cronometrava os trabalhadores e depois identificava técnicas capazes de permitir aos operários terminar suas atividades mais rapidamente.

O princípio de separar o planejamento e a organização do trabalho da sua execução é visto como o mais pernicioso e típico elemento do enfoque de Taylor da administração, pois efetivamente “divide” o trabalhador, defendendo a separação entre mãos e cérebro (MORGAN, 1996, p.34).

A busca pela quantidade também fez valer no plano material, no sentido do ter, pela

superposição do dinheiro ao próprio indivíduo. A teoria crítica da Modernidade em Marx tem como fundamento a fragmentação ou desumanização resultante de um processo de estranhamento de todos os sentidos pelo sentido do ter. O dinheiro não existe mais como elemento à margem da vida social, mas é o próprio meio essencial desta. É o elemento que une, ordena e vivifica todas as manifestações da vida e da produção dos indivíduos. Por este motivo, Marx no Manifesto Comunista afirmará que, na Modernidade, diferentemente do que era na Antiguidade Clássica, “O dinheiro é também imediatamente por sua vez o ser real da comunidade” (MARX, 2001, p.164).

O sentido do ter também amplificou a relação homem-natureza manipulativa, na qual esta é vista apenas como um instrumento fornecedor de matérias-primas e insumos para possibilitar todo o funcionamento da engrenagem do capitalismo industrial.

Para tal otimização do tempo era preciso substituir o sino que, inevitavelmente, sincronizava o trabalho de forma imprecisa, pelo relógio. Das igrejas e ferrovias, essas máquinas passaram a ser utilizadas dentro das empresas e posteriormente com os próprios indivíduos, assim garantiam maior precisão e melhor e mais produtiva organização social. O tempo natural, cíclico e impreciso, marcante nas sociedades anteriores era, frequentemente, balizado por determinados eventos que ocorriam no meio-ambiente, como por exemplo:

[...] quando o sol está alto no céu, quando uma espécie de pássaro canta ou quando chega a maré. O processo e o progresso dos acontecimentos ordenam e estruturam suas vidas. As refeições, as danças e as atividades musicais começam quando o tempo parece apropriado, e não quando os ponteiros de um relógio dizem que o acontecimento deve começar (BOYD; ZIMBARDO, 2009, p. 39-40).

A transição do tempo do evento para o tempo cronológico cedeu lugar a um tempo artificial e universal, sincronizado através de vastas distâncias e dividindo em fluxos mecânicos o biorritmo da vida. Para Bauman (2001, p.136) tal passagem impactou diretamente na percepção de um tempo acelerado: “a ‘instantaneidade’ aparentemente se refere a um movimento muito rápido e a um tempo muito curto, mas de fato denota a ausência do tempo como fator do evento e, por isso mesmo, como elemento no cálculo do valor”. O tempo não é mais o desvio na busca, e assim não mais confere valor ao espaço. “A fragmentação do tempo em períodos rígidos é uma invasão de liberdade, e não faz concessões às diferenças de temperamento e sentimento” (WARNER apud GLEICK, 2000, p.40).

Além disso, reforçou ainda mais o fato de que toda a vida deveria estar circundada sob o ditame do trabalho. Este último assumia o posto central como importância e como tempo transcorrido e era ao redor dele que a vida circulava nas horas vagas e escassas.

O horário marcado passou a ser moeda – o próprio fundamento – da vida social. As lojas abriam em torno dele, as pessoas rezavam de acordo com ele, os horários dos trens foram estabelecidos segundo ele, e as apresentações de teatro começavam com base nele (BOYD; ZIMBARDO, 2009, p.43).

Marx escreveu a Frederick Engels¹⁹ (1942 apud GLEICK, 2000, p.33) que o “relógio é o primeiro engenho automático aplicado a fins práticos; toda a teoria da geração do movimento regular desenvolveu-se por meio dele”.

O distanciamento da natureza e do tempo cíclico impulsionou o fluxo migratório para as cidades, modificando a dinâmica de trabalho e subsistência das sociedades tradicionais, pré-modernas, baseadas na agricultura. Ao distanciar os trabalhadores de suas comunidades e da natureza e ao auferir ao dinheiro papel de recompensa universal diferentemente das práticas individuais e locais das sociedades feudais, fomentou-se um processo de desencaixe do indivíduo do tempo e do espaço. Tal conceito central concebido por Giddens (1991) tem como intuito explicar o movimento histórico das sociedades tradicionais para as denominadas modernas, além do papel assumido pela aceleração no movimento de globalização e universalização do tempo. “A transição do tempo do evento para o tempo do relógio mudou profundamente a sociedade, principalmente no que diz respeito às relações econômicas” (BOYD; ZIMBARDO, 2009, p. 44).

Nessa sociedade, onde o fazer racional e intenso baseado na quantidade era somado ao mito do progresso advindo do trabalho que liberta, o espaço do ócio e do tempo livre foi relegado a um plano praticamente inexistente, desnecessário, carregado de preconceito e classificado como atividade dos vagabundos, dos improdutivos e inúteis.

A fábrica expulsa tudo aquilo que não é racional: a dimensão emotiva, estética e, em parte, também a ética. A nova lei estabelece que estas são coisas de mulher e devem ser geridas dentro de casa [...] A sociedade é masculina por definição (DE MASI, 2000, p.68).

A economia do tempo era o grande princípio de fundamento do capitalismo moderno e fazia valer a máxima “tempo é dinheiro”, a partir de uma equação de produtividade máxima. Do trabalho, essa visão sobre o tempo acabou migrando para outras interfaces sociais como o tempo do lazer, do ócio e da família, fragmentando-o.

O capitalismo é um sistema que se baseia numa grande contradição temporal que exclui o homem de seu próprio labor. Simultaneamente, de um mundo centrado a organização do tempo de trabalho, passou-se a um universo marcado pela redução do tempo social, pelo desenvolvimento de temporalidades heterogêneas (tempo

¹⁹ MARX, K.; ENGELS F. *Selected Correspondence, 1846-1895*. New York: International publishers, 1942, p. 142.

livre, consumo, férias, saúde, educação, horários de trabalho variáveis, aposentadoria), acompanhando-se de tensões inéditas (LIPOVETSKY, 2004, p. 75).

O imaginário do trabalho construído durante a Modernidade é marcado pelo cansaço, pela fadiga e pelo esforço, em prol do progresso que visaria o aprimoramento humano e de toda a sociedade. A visão quantitativa do trabalho suplanta a expectativa qualitativa e o objetivo de produção e eficiência é colocado muito acima das necessidades sociais, relacionais, intelectuais e afetivas do trabalhador. O espaço do trabalho na vida do indivíduo é central e é ao redor dele que as demais atividades são projetadas e alocadas. “Na realidade, a sociedade industrial não só fez com que, para muitos, se tornasse inútil o cérebro como também fez com que somente algumas partes do corpo fossem utilizadas” (DE MASI, 2000, p. 19).

2.1 A TRANSIÇÃO PARA A PÓS-MODERNIDADE

A passagem da cultura moderna ligada à burocracia e à disciplina – onde a obsessão por economizar tempo era um valor preponderante – para outra, a pós-moderna – representada por uma sociedade mais fluida e flexível – está em transição. Habermas (2000, p.42) afirma que o projeto da Modernidade não acabou e nem deve ser acabado, mas precisa ser revisto.

Este processo de transição, que no plano da teoria suscita divergências entre ruptura ou continuidade é complexo de se perceber na própria sociedade, já que a influência da mentalidade moderna ainda persiste e parece ainda não ter havido o tempo e o distanciamento necessários para maturar tal passagem.

Hoje nós somos igualmente lentos para compreender. Até porque a sociedade industrial veio depois de uma sociedade rural, que durou milênios, enquanto a sociedade pós-industrial chega somente depois de 200 anos (DE MASI, 2000, p.72).

O conceito de pós-modernidade ganha visibilidade com a publicação do livro *A condição pós-moderna* de Jean-François Lyotard em 1979. Na visão do autor, tal condição é a de incredulidade em relação às metanarrativas, às tentativas de explicar todo esforço humano à luz de uma única teoria ou princípio. Assim, contrapõe a necessidade emergencial da valorização das pequenas narrativas.

Pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a idéia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação. [...] vê o mundo como contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas gerando um certo grau de ceticismo em relação à objetividade da verdade, da história e das normas, em relação às idiossincrasias e à coerência de identidades (EAGLETON,1996, p.7).

Nesse contexto, a pós-modernidade está inserida em uma esfera cultural que se forma em relação aos grandes ideais propostos pela Modernidade. Propõe a dissolução da aceitação dos fundamentos modernos, como o pensamento até então orientado para o futuro, o esvaziamento do progresso pela mudança contínua e se volta para uma nova forma de viver e de se relacionar, retirando a máscara da ordem e do universalismo e abrindo espaço para a emoção, a paixão – lado até então obscuro e escondido pela razão, a grande tônica da Modernidade.

[...] originando-se sobretudo na esfera cultural, o conceito de pós-modernismo (ou pós-modernidade) espalhou-se para abranger um número cada vez maior de áreas da sociedade [...]. A sugestão é que as sociedades industriais sofreram uma transformação tão vasta e fundamental que merecem um novo nome (KUMAR, 1997, p.123).

Posto em contestação o racionalismo como forma de ver o mundo, viver a vida e organizar o tempo, emerge um novo paradigma mais libertário, flexível e cujo tempo adquire um caráter presentista, focado no prazer do aqui-agora. A sociedade normatizada e estática moderna cede espaço a uma estruturação mais fluida e flexível, onde irrompe a possibilidade da escolha e com ela novas possibilidades de viver, se relacionar, trabalhar e interagir.

A era pós-moderna é um momento muito preciso que vê ampliar-se à esfera da autonomia subjetiva, multiplicarem-se as diferenças individuais, esvaziarem-se de sua substância transcendente os princípios sociais reguladores e dissolver-se a unidade das opiniões e modos de vida (LIPOVETSKY, 2004, p.19).

Afrouxados os ideais modernos e suas amarras, as emoções dionisíacas entram em cena com a crescente devoção ao prazer, à felicidade, à intensidade, às delícias em forma de afeto e alegria. Valores sensoriais, sensuais, estéticos e espirituais cada vez mais tomam lugar da razão moderna criando novas formas de viver, de conviver, de estar junto.

Porém, ao mesmo tempo em que se busca uma vida mais dotada de sentido e significado é crescente a percepção de que o tempo se esvai e que a mentalidade moderna da eficiência continua bastante arraigada em nossa cultura em transição.

2.2 A CULTURA DA PRESSA E A VELOCIDADE PARADOXAL

Assumida como um valor também pós-moderno, a velocidade está embutida no ambiente de trabalho, na forma de se relacionar com as pessoas e também na representação das imagens e sua interpretação. Virilio (2002) argumenta que a aceleração provocou uma série de avanços nas representações cinematográficas e assim o tempo da velocidade-luz iluminou nosso ambiente, não como um meio de representação tal qual a pintura e o teatro, mas como um meio de informação.

Diante do dinamismo da economia global e das incertezas pós-modernas, a velocidade virou um símbolo de eficiência, de *status* e de dominação.

As pessoas que se movem e agem com maior rapidez, que mais se aproximam do momentâneo do movimento, são as pessoas que agora mandam [...]. A dominação consiste em nossa própria capacidade de escapar, de nos desengajarmos, de estar em outro lugar, e no direito de decidir sobre a velocidade com que isso será feito - e ao mesmo tempo destituir os que estão do lado dominado de sua capacidade de parar, ou de limitar seus movimentos ou ainda torná-los mais lentos. A batalha contemporânea da dominação é travada entre forças que se empunham, respectivamente, as armas da aceleração e da procrastinação (BAUMANN, 2001, p.139).

A velocidade e as mudanças cada vez mais rápidas tornam o futuro difícil de ser imaginado e planejado. Surge um novo *carpe diem*²⁰, calcado no prazer do aqui-agora, uma sede de viver o momento em todas as suas partes e pedaços, sem refletir demais sobre o porvir. Desta forma, o regime do presente e a busca constante pelo prazer fazem com que o tempo – e o modo como devemos aproveitá-lo – adquira um grande peso, passando a ser ele foco de tensão (por sua ausência ou mau uso) e de prazer (por sua utilização consciente). “Hoje vivemos para nós próprios, sem nos preocuparmos com as nossas tradições nem com a nossa posteridade” (LIPOVETSKY, 1983, p.49).

Assim, os efeitos induzidos pelo novo valor atribuído ao tempo podem impactar em desconforto sobre a vida das pessoas. Um sentimento de angústia que extrapola o universo do trabalho e se concretiza também na relação com o cotidiano, consigo mesmo e com os outros. E a impressão que o tempo se rarefaz é algo que se choca com a utopia de que a velocidade, as novas mídias e a mecanização permitiriam um aumento do tempo livre.

²⁰ Do latim, aproveite o dia.

A vida parece estar se movendo depressa demais para a maioria de nós, e temos a impressão de que não conseguimos seguir suas curvas e prever os acontecimentos [...] as preocupações e apreensões em relação ao sentido e ao destino são abundantes, embora difíceis de suportar. E também os muitos prazeres que um mundo cheio de surpresas e de uma vida pontuada por novos começos podem proporcionar (BAUMAN, 2008, p.80).

A própria velocidade, então, assume um caráter paradoxal, assim como a sociedade contemporânea como um todo, onde extremos ainda transitam de formas antagônicas: ser e ter, consumismo e responsabilidade social, trabalho e tempo livre, natureza e técnica. À medida que, através das novas tecnologias, ela aproxima, também isola; cria novas possibilidades de interação, mas também certa dependência; aumenta a produtividade, mas também a cobrança.

O vínculo humano é substituído pela rapidez; a qualidade de vida, pela eficiência; a fruição livre de normas e de cobranças, pelo frenesi. Foram-se a ociosidade, a contemplação, o relaxamento voluptuoso: o que importa é a auto-superação, a vida em fluxo nervoso, os prazeres abstratos da onipotência proporcionados pelas intensidades aceleradas. Enquanto as relações reais de proximidade cedem lugar aos intercâmbios virtuais, organiza-se uma cultura da hiperatividade caracterizada pela busca de mais desempenho, sem concretude e sem sensorialidade, pouco a pouco dando cabo dos fins hedonistas (LIPOVETSKY, 2004, p. 81).

Um dos grandes benefícios e pilares da velocidade na atualidade parece estar representado na conectividade. Conectividade com as pessoas e comunidades, com outros países e lugares e também com mecanismos mais flexíveis e independentes de trabalho. Porém, ao mesmo tempo em que as novas tecnologias - cada vez mais sofisticadas, presentes e disseminadas - nos permitem alçar voos antes inimaginados, é preciso saber a hora de desligar. O mundo contemporâneo modificou completamente as relações antes estabelecidas entre indivíduo, tempo, espaço e velocidade. Atualmente, o tempo real e a anulação do espaço impactam diretamente no conceito de velocidade. Estaria o problema realmente centrado na velocidade ou na incapacidade do indivíduo se colocar à frente, como decisor dessa relação? Sob tal aspecto, De Masi argumenta que: “A desestruturação do tempo e do espaço, constitui a revolução talvez mais penetrante de toda a sociedade pós-industrial” (DE MASI; BETTO, 2002, p.88).

O fato é que, exaurida a Modernidade e o desencanto frente aos seus ideais malogrados, o pensamento sobre o tempo vivido, aqui e agora representado por escolhas e rumos tomados, começa a contestar a eficiência e o trabalho a qualquer custo e o real significado do ter.

O tempo é o nosso bem mais valioso. [...] A maioria das coisas que podem ser possuídas – diamantes, ouro, notas de cem dólares, pode ser repostas [...] o mesmo não acontece com o tempo [...] quando o tempo passa, se vai para sempre [...] na

verdade, o tempo – nosso recurso mais escasso – é muito mais valioso do que o dinheiro (BOYD; ZIMBARDO, 2009, p.16).

Tal como a Modernidade engrandeceu a velocidade de maneira instrumental, enquanto prática e repertório, talvez neste momento seja preciso ressignificar o sentido do ócio e do tempo livre e a partir deles rediscutir o espaço da velocidade de maneira mais consciente e construtiva.

Ao reavaliar a maneira como pensamos sobre o tempo – porque ele é mais valioso que o dinheiro –, somos levados a perguntar: Nós estamos de fato atribuindo os valores corretos ao tempo? As pessoas que têm as maiores contas-correntes são de fato as mais ricas do mundo? Qual é a riqueza de uma pessoa que gasta todo o seu tempo fazendo dinheiro sem ter tempo para aproveitar a vida? (DE MASI, 2000, p. 200).

Mais do que discorrer sobre o porquê da velocidade e sua real necessidade, correndo o risco de soar ditatorial demais, já que velocidade e devagar são escolhas bastante subjetivas, o que fica implícito e deve ser debatido é a essência do tempo como essência da vida.

Ao reavaliar a maneira como pensamos sobre o tempo – porque ele é mais valioso que o dinheiro -, somos levados a perguntar: Nós estamos de fato atribuindo os valores corretos ao tempo? As pessoas que têm as maiores contas-correntes são de fato as mais ricas do mundo? Qual é a riqueza de uma pessoa que gasta todo o seu tempo fazendo dinheiro sem ter tempo para aproveitar a vida? [...] O que é que eu quero da vida? (BOYD; ZIMBARDO, 2009, p.18)

Assim, as novas tecnologias, o atual cenário competitivo empresarial, a cultura do consumo, a fluidez da sociedade contemporânea e a vivência de uma transição cultural entre a Modernidade e a Pós-Modernidade, somados, criam uma equação perigosa: a cultura da pressa como meio e como fim em si mesma.

2.3 O ALVORECER DE UM NOVO DISCURSO

Findas as grandes utopias coletivas, faz-se necessário resgatar os sonhos individuais. A velocidade estaria virando um subterfúgio? Velocidade para quê? Para chegar onde? Para construir o quê? Quando é preciso ser rápido e quando devo ser devagar? Para tanto, é fundamental entender como o homem pós-moderno consome o seu tempo em casa, no trabalho, com as tecnologias, com outro e refletir porque hoje a palavra equilíbrio vem adquirindo importância crescente, que reforça uma nova máxima que vem sendo propagada: “tempo é o novo dinheiro”.

Todos deviam começar a pensar sobre o que são os grandes luxos da sociedade contemporânea. O luxo é uma coisa rara. Era um luxo ter uma carruagem quando ninguém a possuía. Hoje, somando tudo, o que é raro? O Tempo é raro. Um número enorme de pessoas, embora a média de vida tenha dobrado em duas gerações e haja instrumentos para economizar o tempo, tem a impressão de nunca ter tempo (DE MASI, 1999²¹).

No âmago de uma cultura contemporânea em transição tais questões começam a reverberar e a instigar a reflexão sobre uma nova relação do homem com o tempo baseada na simbiose, no equilíbrio e na qualidade de vida. Esse novo tempo propõe a desaceleração como forma de questionar a cultura da pressa e preza pelo resgate da simplicidade, pela fruição da natureza, pelo valor dos relacionamentos, pela importância do tempo livre, advindo de uma relação mais saudável com o mundo do trabalho, pela discussão do significado do ter e sua relação com a felicidade e com as reais necessidades do ser humano, representada por valores perenes não passíveis de compra.

Observadores indicam que cerca de metade dos bens cruciais para a felicidade humana não tem preço de mercado nem pode ser adquirida em lojas. Qualquer que seja a sua condição em matéria de dinheiro e crédito, você não vai encontrar num shopping o amor e a amizade, os prazeres da vida doméstica, a satisfação que vem de cuidar dos entes queridos ou de ajudar um vizinho em dificuldade, a auto-estima proveniente do trabalho bem feito, a satisfação do “instinto de artífice” comum a todos nós, o reconhecimento, a simpatia e o respeito dos colegas de trabalho e outras pessoas a quem nos associamos; você não encontrará lá proteção contra as ameaças de desrespeito, desprezo, afronta e humilhação (BAUMAN, 2008, p.11).

Sob tal enfoque delinea-se a expectativa de um indivíduo capaz de ser sujeito do seu tempo, das suas escolhas, consciente dos impactos que o acelerar e o desacelerar implicam. Para tanto, é imprescindível um aprofundamento no mundo do trabalho pelo tipo de cultura que emerge dessa interface, principalmente por seu impacto no tempo que consome da vida, influenciando diretamente a capacidade de fazer do Devagar uma atitude realmente possível.

²¹ Declaração feita por Domenico de Masi em entrevista ao Programa Roda Viva, TV Cultura.

3 O DEVAGAR E SEU MAIOR DESAFIO: O TRABALHO

Indo além do já apresentado embasamento da filosofia Devagar, o que vem tornando o movimento possível e visível são suas manifestações cotidianas. Expressões individuais e coletivas, muitas vezes realizadas sem a percepção de pertencimento a um movimento, mas que refletem atitudes serenas e generosas, que buscam a integração entre a mente e o corpo, entre o trabalho e o tempo livre, entendendo os limites individuais e as peculiaridades subjetivas de cada um.

3.1 O MUNDO DO TRABALHO E SEUS EMBATES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Gleick (2000) argumenta que é o trabalho – a categoria de uso do tempo sujeita às medidas mais diligentes e oficiais – que quebra, enfim, a espinha de qualquer compilação de um dia típico. Burocratas, economistas e sociólogos acadêmicos ficam igualmente frustrados com as mensagens contraditórias de estatísticas aparentemente sólidas.

Há uma geração, os americanos acreditavam que seu número de horas de trabalho diminuiria, que seu tempo de lazer aumentaria e sua renda real alçaria vôo. Como se viu, nenhuma dessas expectativas revelou-se exata (GLEICK, 2000, p.122).

Além disso, outro paradoxo estabelecido na relação entre trabalho e tempo, segundo a economista americana Juliet Schor é que o próprio trabalho esteja erodindo nas pessoas sua capacidade de aproveitar as horas de lazer.

Estamos cansados demais para relaxar, cansados demais para nos divertirmos. Não é coincidência que as maneiras mais populares de as pessoas gastarem o tempo em uma noite de lazer sejam as “opções de baixa energia”, ou seja, televisão (SCHOR²² apud GLEICK, 2000, p. 129).

Pela simples constatação do número de horas que o trabalho toma da vida e do tempo livre, é natural que ele seja considerado pelo movimento Devagar como um dos grandes desafios. Discute-se o ser, o ter, o fazer, o viver e o papel do trabalho contextualizado nessas esferas. Afinal, trabalho para ter? Trabalho para ser? Trabalho para viver? Trabalho para fazer? Qual a

²² SCHOR, J. The overworked American. New York: Basic Books, 1991.

medida do sucesso? Dinheiro? Tempo livre? Atualmente, tais aspectos vêm sendo considerados isoladamente, quando na verdade poderiam ser entendidos de forma holística e integrada. Pensa-se em sucesso e na acumulação de capital como um extremo e no outro a afetividade, as relações e a realização do ser.

Para o movimento Devagar, o trabalho é uma das principais frentes de batalha. Quando o trabalho passa a devorar tantas de nossas horas, o tempo que sobra para tudo mais acaba minguando. Até coisas mais simples – levar os filhos à escola, jantar, conversar com os amigos – se transforma numa corrida contra o relógio (HONORÉ, 2005, p. 218).

A dinâmica do trabalho fortemente ancorada no consumo amplifica uma equação perigosa e um ciclo vicioso onde as necessidades nunca são satisfeitas e sempre são substituídas, criando uma forte dependência a um trabalho extenuante e capaz de bancar caprichos crescentes. Até que ponto o trabalho estaria se reduzindo a um trampolim para o consumo e uma amarra para a tentativa de outro estilo de vida?

O que aconteceu, então, com a Era do Lazer? Por que ainda somos tantos a trabalhar tanto? Um dos motivos é o dinheiro. Todo mundo precisa ganhar a vida, mas a fome insaciável de produtos de consumo faz com que estejamos sempre necessitados de mais e mais grana. Assim, em vez de aproveitar os ganhos de produtividade na forma de tempo extra de lazer, preferimos usufruí-los em termos de renda mais alta (HONORÉ, 2005, p. 215-216).

Soma-se a isso a problematização de que o estreitamento do mundo do trabalho advindo da especialização, do foco, da busca pela eficiência somado a expectativa de que o trabalhador viva para o trabalho, enfraquece outras formas de realização e de relação. Excluídas formas importantes de socialização como trabalhos comunitários, *hobbies* e mesmo a participação mais ativa na educação dos filhos fragiliza-se a auto-estima, pois o trabalho passa a ser quase fonte exclusiva de satisfação. De Masi pondera que:

Em muitas famílias modernas, o marido ou a mulher trabalham e têm o mesmo ritmo de vida, iludindo-se que a carreira é a coisa mais importante e até negligenciando as pessoas (o cônjuge, os filhos, os amigos) das quais poderia obter maior felicidade. Mas o frenesi do trabalho e da carreira, colocado em primeiro lugar na hierarquia da existência, é um falso valor, uma falta de sabedoria característica da sociedade industrial e consumista, totalmente inclinada para o poder e o dinheiro, o sucesso e a competitividade. Isso deve ser substituído o mais rápido possível por uma sociedade pós-industrial finalmente estruturada sobre valores de introspecção, amizade, amor, divertimento, beleza, convivência, solidariedade, criatividade (DE MASI; BETTO, 2002, p.84).

Existe a premente necessidade de calibrar a dimensão do trabalho na vida das pessoas e ao mesmo tempo proporcionar mais prazer, orgulho e significado. Além disso, a imensa carga

quantitativa de tempo que o trabalho ocupa, minimiza o espaço para o indivíduo refletir sobre temas de cidadania e se engajar em movimentos sociais e ambientais.

Estudos feitos por pesquisadores americanos demonstraram que aqueles que passam menos horas trabalhando se comportam de uma forma mais ecológica e sustentável. Outra medida que cresce de forma inversamente proporcional é o grau de felicidade frente ao número de horas trabalhadas (DE GRAAF, 2000, p.110).

Para o movimento Devagar e seus entusiastas, o trabalho deveria ser capaz de garantir provento, mas também satisfação, criatividade e acima de tudo, tempo fora dele, porém essa premissa parece ainda estar bastante distante da grande maioria dos trabalhadores.

3.2 OS SINTOMAS DA ACELERAÇÃO E A ANGÚSTIA PÓS-MODERNA

Ao contrário do que se esperava com a industrialização, modernização, novas tecnologias e informatização, as horas trabalhadas parecem, em função de um cenário macro-econômico complexo e recessivo, estar aumentando, conforme mostra o exemplo americano com a Tabela 2.

Tabela 2 – Horas trabalhadas por ano

Ano	Horas anuais
1967	1716
1973	1679
1979	1703
1989	1783
1995	1827
2000	1878

Fonte: DE GRAAF, 2003, p.7

Nota-se que no período mensurado entre os anos de 1973 e 2000 os americanos tiveram, paulatinamente, um acréscimo nas horas trabalhadas, que resultou no total de 199 horas. Contando com a base legal de oito horas diárias de trabalho, este acréscimo representa um total de cinco semanas adicionais por ano.

Já segundo um estudo conduzido pela socióloga americana Juliet Schor, os principais executivos americanos trabalham hoje 163 horas mensais a mais em relação a 1969 - o equivalente a quase um mês inteiro de labuta por ano. Na década de 1980, conforme a mesma pesquisa, 55% dos líderes admitiam viver uma situação de grande estresse na vida profissional. Os dados atuais demonstram que o nível subiu para 75%.

No caso do modelo americano, De Graff defende que:

[...] um aspecto chave para nosso problema padrão vem de uma escolha inconsciente que fizemos como nação desde a Segunda Guerra Mundial. Sem pensar sobre isso, americanos tem pego todos os seus ganhos de produtividade na forma de mais dinheiro, mais coisas, e nenhum deles na forma de mais tempo. Simplesmente, como sociedade, escolhemos pelo dinheiro ao longo do tempo, e este padrão de valor inconsciente tem tido um impacto poderoso, mas menos benéfico do que isso na qualidade de nossas vidas coletivas (DE GRAAF, 2003, p.1).

Em 2008, a população brasileira empregada trabalhou uma jornada média semanal de 40,8 horas. Apesar de ser menor do que o limite fixado em lei – 44 horas semanais –, uma porcentagem ultrapassa esta jornada. Mais de 33% trabalharam mais de 44 horas semanais e 19,1% trabalharam uma jornada superior a 48 horas semanais. Pouco mais de 23,1% trabalharam menos de 35 horas por semana.

No Brasil, de acordo com pesquisa realizada pela socióloga Betânia Tanure, os alto executivos trabalham, em média, 14 horas a cada dia - número somente comparável ao do Brasil do início do século XX. A industrialização tardia do país fez com que, especialmente entre as décadas de 1910 e 1930, os trabalhadores brasileiros permanecessem 14 horas por dia confinados nas fábricas.

De certa forma, os executivos de hoje trabalham ainda mais, considerando e-mails lidos e celulares atendidos fora do expediente oficial. Isso equivale a 70 horas semanais. Para efeito de comparação, a Constituição brasileira de 1988 estabeleceu a jornada de 44 horas semanais – ou seja, os executivos do topo dedicam a suas companhias quase o dobro do tempo previsto pela lei vigente no país. Os executivos trabalham mais de 14 horas por dia - patamar só comparável à jornada do Brasil arcaico do início do século XX.

Tantas horas de trabalho árduo e sacrificante determinam o grau e a intensidade com que o trabalhador passa os momentos seguintes e restantes. Normalmente, as relações pessoais são as que sofrem maior impacto. Inicia-se então um círculo vicioso: a dedicação à carreira prejudica a vida familiar e, para fugir de um ambiente hostil em casa, o trabalhador passa ainda mais horas no trabalho.

Estudos levantaram que casais americanos têm apenas doze minutos diários para falar entre si. Outros levantamentos sugerem que quinze minutos de conversação por dia seria uma melhora. Também acentuam o fato de que o tempo que pais passam com os filhos tenha caído cerca de 40% (DE GRAAF; NAYLOR; WANN, 2005, p.47).

Sennett (1999) defende que nosso contexto veloz e imediatista com foco no capital não possibilita os laços afetivos de longo prazo, o que teria um impacto direto nas relações baseadas na lealdade, no compromisso e na amizade. Tal impossibilidade acabaria por tornar os trabalhadores mais vulneráveis, corrompíveis e levaria ao esfacelamento do seu caráter, grande virtude do ser humano.

Pesquisa divulgada em 2007 pela Revista Época Negócios²³ também reforça este quadro preocupante e alerta que o alto executivo brasileiro é essencialmente um infeliz. Pela dedicação que oferecem às empresas, os executivos são recompensados com *status*, poder e dinheiro, porém, o tempo passa e, após longos anos de árdua batalha para obter sucesso profissional, eles se perguntam se isso era mesmo o mais importante. Chega um momento em que todos se perguntam se de fato são felizes.

Algumas das constatações provindas da pesquisa são bastante emblemáticas e instigam a pensar em conceitos interessantes que dizem respeito à alienação no trabalho, aos verdadeiros significados do trabalho, à relação entre o mundo do trabalho e o mundo da vida e os descompassos existentes entre as expectativas e as efetivas realizações.



Figura 1 – A angústia dos executivos brasileiros

²³ O levantamento abrangeu mais de mil executivos de aproximadamente 350 empresas e foi divulgado em maio de 2007 na matéria de capa da revista Época Negócios. Foi realizado pela psicóloga Betania Tanure e pelos pesquisadores Antonio Carvalho Neto e Juliana Oliveira Braga, que ouviram pessoalmente 263 presidentes, vice-presidentes e diretores de grandes empresas nacionais e receberam outros 965 questionários provindos de altos executivos.

Além disso:

- 76% deles acessam e-mail profissional fora do horário do trabalho
- 58% acham que os cônjuges estão descontentes com o ritmo excessivo de trabalho deles
- 55% vivenciam uma mudança radical no trabalho
- 35% apontam problemas com o chefe como a crise mais marcante de suas vidas

Muitos são os motivos apontados para tanto descontentamento: falta de confiança e de relações verdadeiras, excesso e abuso de poder, burocracia demasiada e efeitos advindos da globalização como demissões em massa, quadros enxutos e distanciamento do produto do trabalho em si, lares desfeitos pela falta de tempo fora do trabalho, cenários globalizados que fazem com que o trabalhador precise prestar contas a inúmeras pessoas - a qualquer hora do dia, inclusive de madrugada, graças ao fuso horário.

Sob esta ótica, um dado um tanto quanto alarmante e paradoxal, divulgado em pesquisa internacional do Workplace Survey²⁴, é a constatação de que 54% dos executivos brasileiros não tiram férias regularmente e 24% não conseguem ficar longe do trabalho. Assim, a pressão parece não vir somente do ponto de vista da empresa carente de sempre mais, mas do próprio trabalhador que não se permite descolar dessa realidade e desligar-se do papel de vítima.

Uma das respostas para o excesso de trabalho de nossa era está ligada à globalização, que se intensificou na última década e empurrou a competição para um patamar inédito. Desde 1980, o comércio internacional cresceu 345% — de 2,1 trilhões para 9,4 trilhões²⁵ de dólares. A abertura de mercados fez com que companhias de todo o mundo passassem a competir umas com as outras. Soma-se a isso a precarização dos empregos e ainda um cenário mundial de desemprego, que favorece um clima de constante pressão e insegurança.

Trabalhos ingratos, que oferecem poucas possibilidades de promoção, que freqüentemente alimentam sentimentos de frustração e novas formas de sofrimento. Temor da demissão, assédio moral, pobreza das tarefas, ceticismo em relação a empresa, falta de reconhecimento: aprofunda-se o abismo entre as expectativas individualistas e de realização subjetiva e a experiência vivida profissional (LIPOVETSKY, 2007, p.169).

²⁴ Um dos maiores levantamentos relacionados a condições de trabalho do mundo. Elaborada pela Robert Half, líder mundial em recrutamento especializado, a pesquisa ouviu mais de 6 mil executivos de recursos humanos em empresas de 17 países por todo o mundo.

²⁵ Revista Exame, edição de 18 de janeiro de 2006.

De Graaf (2003) defende que por um lado, as novas tecnologias do final do século XX e início do século XXI promoveram novas oportunidades de se fazer dinheiro. Conforme as empresas agarraram essas oportunidades, elas requereram longas horas de trabalho de seus funcionários, especialmente no setor de informática e automobilística. Ao mesmo tempo, a economia crescente reforçou um ciclo poderoso de trabalhar e gastar, nos quais as normas de consumo aceleraram dramaticamente.

As pessoas precisavam trabalhar mais para comprar todos os novos produtos que estavam sendo bombardeados pela economia de consumo globalizado. E eles responderam a essas vidas de trabalho estressante pela participação em uma orgia de consumo crescente (DE GRAAF, 2003, p. 10).

Problemas no uso de novas tecnologias foram apontados como o principal motivo de estresse dos britânicos em 2005, segundo uma pesquisa feita pela DPP, uma ONG da área de saúde. Das 1.000 pessoas entrevistadas durante o estudo, 30% disseram que problemas como longas esperas em linhas de atendimento automático e falhas no computador foram os principais motivos para que se estressassem em 2005.

Segundo De Masi²⁶ (2010), a realização no ambiente de trabalho vem quando se unem o lado funcional de sustento ao lado expressivo, que permite o exercício da individualidade e do intelecto de forma prazerosa. A crescente valorização do tempo dentro e fora do trabalho, provavelmente implicará numa busca ainda maior pelo pilar expressivo dessa relação.

Sabe-se, no entanto, que essa equação é complexa e cheia de variáveis intrincadas. Alguns movimentos, no entanto, apontam tentativas de uma relação mais saudável entre tempo, trabalho e dinheiro: profissionais que migram para a área social em busca de significado e realização pessoal e intelectual, *free-lancers* que trabalham de maneira autônoma e gerenciam seu tempo de forma mais livre, trabalhadores que negaram promoções e aceitaram a “estagnação” em prol do tempo livre.

Enquanto as horas dos trabalhadores em tempo integral vem sendo ampliadas desde 1970, vemos um aumento simultâneo nos trabalhos de meio-período, que segundo estimativas responde por aproximadamente 30% de todos os trabalhadores americanos, primariamente mulheres e negros. Mas, mesmo esses trabalhadores chamados contingenciais são afetados pelo trabalho excessivo. A razão principal está no fato de ser mais lucrativo para os empregadores trabalhar com os funcionários de meio-período, pois a legislação não garante benefícios e as taxas de horas trabalhadas são freqüentemente mais baratas do que as mesmas que um trabalhador de período integral para o mesmo trabalho (DE GRAAF, 2003, p. 16).

Todavia, para redimensionar a vida, é preciso um tempo para reflexão, para o amadurecimento de ideias que permitam o questionamento de novas alternativas. E nesse

²⁶ Entrevista concedida à autora em 2010.

ponto, corre-se o risco de cair em um ciclo vicioso, pois o trabalho pode estar absorvendo a tal ponto que sequer sobra tempo para pensar. E se não há tempo para pensar, não se consegue sair da absorção do trabalho. Para quebrar este ciclo, Drake (2000) sugere mudanças de baixo e alto risco como forma de estabelecer uma relação mais saudável e equilibrada com o trabalho, de acordo com a Tabela 3.

Tabela 3 – Ganhando tempo no trabalho

MUDANÇAS DE BAIXO RISCO	MUDANÇAS DE RISCO MAIS ELEVADO
Mudando alguns padrões pessoais	Mudando processos de trabalho
Horário de almoço para fins pessoais	Modelo de horário flexível
Prazos razoáveis	Trabalhar meio-período
Dizer não para alguns projetos	Movimento para um cargo lateral ou abaixo
Família como prioridade	Teletrabalho
Evitar viagens no final de semana	Trabalho compartilhado
Morar perto do trabalho	Aposentadoria mais cedo
Férias	Declinar uma promoção
Delimitar o horário de saída	Trabalhar como consultor

Fonte: DRAKE (2000)²⁷

3.3 O TRABALHO E A REPRODUÇÃO DA LÓGICA DE MERCADO

Vale ressaltar que a ideologia do trabalho está inserida na dinâmica e na lógica de mercado, ou seja, carrega um viés de cunho mercantilista e de manutenção do *status-quo*, ora de forma explícita, ora velada. Não é à toa que se observa serem destituídos do trabalhador as informações, subsídios e conceitos que lhe permitiriam estruturar o pensamento e intervir nessa realidade.

Para Foucault (1977) as relações de produção são relações de poder que impactam no modo de ser moral de todo e qualquer trabalhador, a partir de forças disciplinadoras na forma de dominação ou assujeitamento que se movimentam dinamicamente, já que onde o poder é condição primária para a resistência.

²⁷ Esta tabela teve edição e tradução feita pela autora, baseada nas informações contidas nas páginas 55 e 58.

Marx (1993) dizia que o homem alienado é aquele excluído do resultado do seu trabalho e que tal condição priva-o de se sentir inteiro na condição de trabalhador e, assim, gera frustração ao minimizar seu potencial produtivo de transformar a natureza e a si mesmo.

Outro fator que corrobora esta dinâmica é a complexidade dos negócios na atualidade, marcada pela extrema competição, prazos cada vez mais exíguos, ciclos de inovação mais curtos, fusões e aquisições e todas as questões culturais que permeiam tal fator. As incertezas provindas de uma economia de mercado extremamente ágil e flexível geram insegurança por parte do trabalhador, que parece compensar no número de horas trabalhadas e no servilismo zeloso. Nesse processo de auto-exigência, nunca se atinge o nível suficiente e assim, a pressão aumenta ainda mais. “A busca da aptidão é um estado de auto-exame minucioso, auto-recriminação e auto-depreciação permanentes, e assim também de ansiedade contínua” (BAUMAN, 2001, p.92-93).

Considerando o fato de que informação é valor de troca e mais ainda, de poder, pode-se dizer que a alienação também passaria por esse ponto, ou seja, pela comunicação. Abster do trabalhador o acesso a informações significa melhor controlá-lo e indiretamente, afastá-lo do produto do seu trabalho e, assim, do seu real valor e significado.

Vê-se que o que está em jogo é uma relação bilateral, de conciliação de interesses, de interação e alinhamento de expectativas, por isso, tão difícil e complexa.

Antunes (2001, p.24) alerta que quando se visualiza e se desenha o mundo do trabalho hoje, aflora o seu traço destrutivo; o ser social que trabalha vivencia seu cotidiano entre a violência do trabalho, a violência da precarização e a violência ainda maior do desemprego.

O avanço da tecnologia da informação trouxe uma dicotomia: libertar e prender o trabalhador, ao mesmo tempo. Equipamentos como o BlackBerry, os laptops, que permitem acessar a internet de qualquer lugar, sem precisar de rede fixa ou pontos wireless, acabaram por confundir e até eliminar a fronteira entre a vida pessoal e o escritório.

[...] Na revolta contra a rotina, a aparência de nova liberdade é enganosa. O tempo nas instituições e para os indivíduos não foi libertado da jaula de ferro do passado, mas sujeito a novos controles do alto para baixo. O tempo da flexibilidade é o tempo de um novo poder. Flexibilidade gera desordem, mas não livra das limitações (SENNETT, 2001, p.68).

Dessa forma, vislumbra-se o mundo do trabalho, que poderia ser o grande catalisador de mudanças em prol de uma melhor qualidade de vida, mesmo ainda sendo uma grande amarra. Condiicionados à servidão ao trabalho e à devoção desmedida, muitos trabalhadores têm dificuldade em lidar com o tempo livre, com a família e com a vida fora da empresa. Esses precisarão ser educados e preparados para uma nova cultura focada no ócio.

Uma parte de nosso tempo livre deve ser dedicada a nós mesmos, ao cuidado com nosso corpo e com a nossa mente. Uma outra parte deve ser dedicada à família e aos amigos. Devemos dedicar uma terceira parte à coletividade, contribuindo para sua organização civil e política. Cada cidadão deverá dosar estas três partes em medidas adequadas, de acordo com a sua vocação pessoal e sua situação concreta (DE MASI, 2000, p. 187).

De Masi (em entrevista concedida à autora em 2010) argumenta que com o aumento da longevidade, o tempo de trabalho ocupa 1/7 do tempo total da vida. Porém, toda a nossa educação, toda a nossa formação, todo o olhar recai sobre o trabalho e não sobre o tempo livre. A sociedade está despreparada para o tempo livre e é grande o risco do indivíduo cair em depressão, enveredar para o caminho das drogas, para o uso de violência. Além disso, não organizamos nossa cidade, nosso território, nossa família em função do tempo livre.

3.4 O DESCOMPASSO ENTRE O TEMPO DENTRO E FORA DO TRABALHO

Este parece ser um ponto crucial e irradiador de grandes frustrações e angústias do trabalhador pós-moderno. Finda a jornada de trabalho, falta tempo para o ócio, para a família, para os amigos, para atividades esportivas e sociais, também fundamentais para o repertório de vida do indivíduo e para seu bem estar, conforme dilema colocado por De Masi.

Para que serve fazer carreira no trabalho se é necessário pagar o preço da solidão, do distanciamento das pessoas queridas, da traição dos valores que nos tornam humanos? A miragem de cada homem que persegue o sucesso é uma vida luxuosa. Mas o que é luxo? O luxo consiste na posse e na ostentação de coisas raras. Mas o que é raro atualmente? Milhões de pessoas têm uma gorda conta bancária, máquinas velozes, mansões e iates. Portanto, a riqueza não é mais uma coisa rara. Hoje são raros o tempo e o silêncio, a autonomia e a segurança, a beleza e a tranquilidade (DE MASI; BETTO, 2002, p.90).

De Masi (em entrevista concedida à autora em 2010) argumenta que tal desconexão se dá principalmente porque, atualmente, vislumbra-se uma organização do tempo livre que deveria ser pós-industrial, mas ainda é do tipo industrial, já que as empresas continuam neste paradigma, o que repercutiria em impacto negativo para ambos os lados. Nesse ponto, novos modelos parecem estar sendo criados e o próprio sociólogo revela que está criando em Ravello um sistema válido para o Sul da Itália.

Dessa forma, estrangulado pelo relógio, o trabalhador busca o equilíbrio de forma a harmonizar a vida dentro e fora do trabalho, o que acaba como foco de tensão e estresse, principalmente no caso das mulheres que, na maioria das vezes, ainda têm que cuidar do lar e dos filhos.

Antunes (1999) pondera que este fato acontece em condições muito menos favoráveis que para o trabalhador do sexo masculino, a medida que se caracteriza pelo *part-time*, por um trabalho precarizado e desregulamentado, contando ainda com uma remuneração inferior ao equivalente masculino. Dessa forma, tal divisão sexual do trabalho estaria calcada na exploração ainda mais intensificada no universo do trabalho feminino.



Figura 2 – A evolução feminina nas empresas

Na divulgação dos dados preliminares do estudo realizado pelo IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada –, “3º RETRATO DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO E RAÇA” em nosso país, em 2006 a mais forte das constatações foi o crescimento expressivo de famílias tendo mulheres no comando: 28,8%. O segundo estudo, realizado em 1993, revelava que em 19,7% dos lares prevalecia essa situação. O aumento concentrou-se nos lares onde continua existindo o casal, mas o comando foi passado para a mulher: de 3,4% em 1993 para 14,2% em 2006.

As mulheres, não obstante uma pequena evolução, continuam ganhando bem menos do que os homens. Em 1993 a média do ganho das mulheres era de R\$ 561 e em 2006 R\$ 577. No mesmo ano de 2006 a média do ganho dos homens foi de R\$ 885,66.

Para piorar o quadro, as mulheres continuam liderando com larga distância o ranking de horas trabalhadas em suas casas. Em 2006 as mulheres dedicaram 24,8 horas semanais aos afazeres domésticos, enquanto os homens dedicaram exatas 10 horas. Em relação à virada do milênio, quando dedicavam 29 horas, houve uma consistente diminuição, mas a diferença entre homens e mulheres continua muito elevada.

Tal dilema feminino é pouco abordado pela filosofia Devagar, pois na Itália e demais países desenvolvidos, onde vêm se expandindo, existem políticas governamentais que protegem a maternidade, o direito de uma licença remunerada com prazo maior do que no Brasil e até mesmo incentivos financeiros de acordo com o número de filhos.

É mais difícil para a mulher desacelerar. A mulher está numa armadilha: cuidar dos filhos, casa, marido, trabalho. Na Europa algumas leis de trabalho para as mulheres estão se modificando para favorecê-las (HONORÉ, 2005²⁸).

Não é à toa que, de acordo com Figura 3, as mulheres tenham colocado que a maior vitória que conseguiram no ambiente de trabalho foi a maternidade / família.

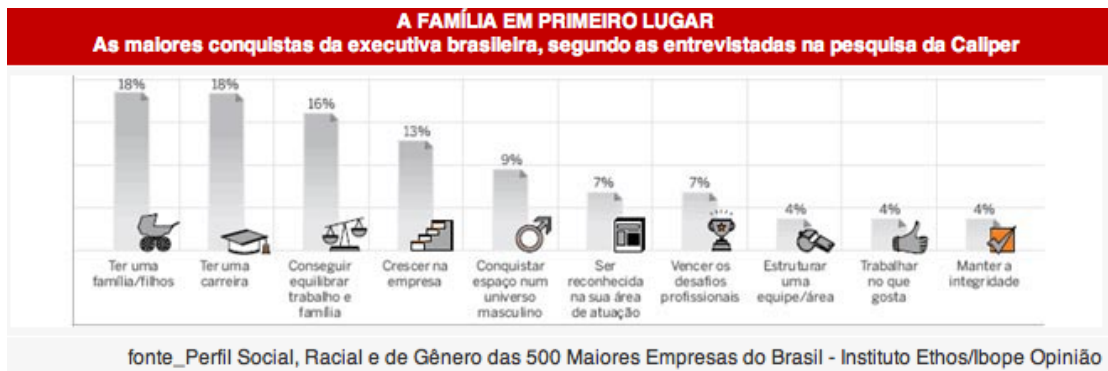


Figura 3 – As maiores conquistas da executiva brasileira

Boff (2004) também reforça a importância da emotividade e do envolvimento, capaz de afetar o outro e a si próprio.

Há algo nos seres humanos que não se encontra nas máquinas, surgido há milhões de anos no processo evolutivo quando emergiram os mamíferos, dentro de cuja espécie nos inscrevemos: o sentimento, a capacidade de emocionar-se, de envolver-se, de afetar e de sentir-se afetado (BOFF, 2004, p.99).

Embora o mundo do trabalho tenha passado por grandes avanços em termos de processos, de tratamento ao funcionário, de novas metodologias, benefícios, é fato que a condição feminina ainda representa uma questão importante.

No ano passado, tive um problema de saúde, fiquei triste, mas ninguém me perguntou se havia algo de errado comigo. Não conseguia dormir, passei a tomar remédios. No final, percebi que nada disso valeu a pena. Fui casada por sete anos e posso dizer que o excesso de trabalho foi uma das causas do fim. Perto dos 40 anos, começo a pensar se deveria ou não engravidar"²⁹ Denise Santos, 38 anos, presidente da BenQ Mobile.

²⁸ Entrevista concedida à autora em 2004.

²⁹ O depoimento foi divulgado na pesquisa da revista Época em maio de 2007.

3.5 TRABALHO E DEVAGAR: POSSÍVEIS SINERGIAS

O sentido do trabalho carrega em si aspectos dicotômicos e contraditórios. Fígaro (2004) reflete que o trabalho significa meio de conquista de objetivos, sustento, realização profissional e pessoal, mas também estresse, tensão, solidão.

Soma-se a essa problemática a fluidez pós-moderna, o cenário econômico instável que tem impacto direto nas estruturas empresariais e se materializa em processos cada vez mais constantes de fusões e aquisições, competitividade acirrada que muitas vezes leva a demissões em massa e conflitos entre os próprios trabalhadores.

Estas constantes mudanças causam os sentimentos de dúvida, medo, estresse, solidão e contrapõem-se aos sentimentos de realização, auto-estima, reconhecimento e bem-estar que o trabalho e a relação com o mundo do trabalho trazem. É uma relação dúbia e conflituosa (PAULINO, 2004).

Assim, não é de se estranhar que os trabalhadores tentem se proteger evitando construir vínculos afetivos e duradouros, excluindo do trabalho um significado relacional importante.

Hubault³⁰ (1994 apud SCHWARTZ; DURRIVE, 2007) reforça a importância das relações e da construção de significado ao afirmar que o trabalho está no cruzamento de dois processos de valorização: econômica, pois é preciso lembrar que o trabalho produz valor; e valorização ao nível dos indivíduos, ou seja, o sentido do trabalho para aqueles que o realizam. Ao pensar nessa relação de valor e sentido atribuídos ao trabalho, é intrínseca a ligação estabelecida com a vida pessoal.

Não se pode postular a independência da vida de trabalho em relação a vida pessoal; é um todo indissociável, em que todas as partes se comunicam de maneira permanente (DURAFFOURG, 2003, p. 33).

Além disso, também esclarece que a finalidade do trabalho é exterior ao homem, tomado enquanto indivíduo isolado a atividade do trabalho é, de imediato, social. Assim, é fato que o afeto, a construção de significado a partir das relações dentro e fora do mundo do trabalho devem ser considerados como necessidades importantes, se não fundamentais.

Tal reflexão bastante profunda fomenta o questionamento acerca da visão fragmentada que muitas empresas ainda têm do trabalhador, buscando mutilá-lo de sua vida privada. É certo que há uma oportunidade histórica que advém da sociedade pós-moderna e sua nova forma de

³⁰ HUBAULT F; M. MOULIN. *Traité d'ergonomie*. Toulouse : Octares. Collectif (1994).

encarar a relação com o tempo, diferentemente da época industrial, na qual a visão mecanicista do homem e da produção alterou de forma determinante a relação com o tempo.

Trabalho não é mera força produtiva, é criatividade e realização humana. Essa dimensão do trabalho, que se apoia numa visão integral do sujeito é capaz de promover realização, autoestima e felicidade. Para tanto, o lado mais competitivo e masculino do trabalho com enfoque quantitativo e orientado para os resultados deve ser capaz de mesclar-se a outro mais emotivo e feminino, com maior peso no âmbito relacional e qualitativo.

Segundo Boff (2004, p.92):

[...] fundamentalmente há dois modos de ser-no-mundo: o trabalho e o cuidado. Significa uma forma de existir e de co-existir, de estar presente, de navegar pela realidade e de relacionar-se com todas as coisas do mundo. Nessa co-existência e com-vivência, nessa navegação e nesse jogo de relações, o ser humano vai construindo seu próprio ser, sua autoconsciência e sua própria identidade.

Portanto, o modo-de-ser-no-mundo tem que ocorrer não num dualismo: trabalho/cuidado, mas sim, de um modo que trabalho e cuidado possam se complementar. Para isso, é preciso que o existir e coexistir no mundo, derrube a então ditadura do modo-de-ser-trabalho em relação ao modo-de-ser-cuidado. “O grande desafio para o ser humano é combinar trabalho com cuidado. Eles não se opõem, mas se compõem” (BOFF, 2004, p.97).

Hoje, a relação entre tempo livre e trabalho está descompensada, gerando uma frustração que culmina com a aniquilação da pluralidade, importante valor contemporâneo e que caracteriza a identidade do sujeito e preenche a vida de sentido. O sujeito pós-moderno precisa de diferentes tempos para se sentir inteiro e o tempo para o trabalho é um tempo extremamente importante, mas não o único. A centralidade do tempo dedicado ao trabalho minimiza outras formas de realização e torna o trabalhador extremamente vulnerável quando a situação no trabalho não vai bem.

Para que a possibilidade de se passar o tempo escolhido se torne uma realidade é fundamental e inevitável repensar os valores contemporâneos emergentes sob a ótica do trabalho, esfera em que se situa um grande descompasso entre as culturas moderna e pós-moderna. Assim, para que valores mais qualitativos sejam sedimentados é fundamental uma mudança de postura em relação ao trabalho, tendo em vista o incremento da produtividade trazido pela informatização dos processos de produção e a revolução digital, que elevou o indivíduo a um grau de trabalho mais intelectual.

Significa a necessária substituição de uma cultura moderna do sacrifício e da especialização, cuja finalidade era o consumismo, por uma outra (pós-moderna) do bem estar e da interdisciplinaridade, cuja finalidade é o crescimento da

subjetividade, da afetividade e da qualidade de trabalho e da vida (DE MASI, 2000, p.305).

Drake (2000) descreve duas forças, amplificadas pela mídia, que conspiram para que o homem esteja preso à armadilha do trabalho e à manutenção do *status quo*: o estilo de vida contemporâneo e as satisfações que provêm do trabalho. O primeiro por defender que a felicidade tem relação direta com a aquisição de bens de consumo (“Mais é melhor”) e também pelo discurso da gratificação imediata (“Eu mereço”), muito trabalhado pela publicidade.

Nesse ponto, a relação com o mundo é extremamente mercantil e se distancia de valores essenciais, que estão distantes do fator financeiro. As satisfações do trabalho, por sua vez, também trazem realizações de diferentes esferas: as de relacionamento, de senso de identidade, de reconhecimento e *status*, segurança financeira e realização de potenciais e podem bloquear a capacidade de ação, pois à medida que o trabalho “é tudo na vida” essas satisfações acabam por representar, de forma reducionista, o ideal de felicidade.

A filosofia Devagar transposta para o ambiente de trabalho se materializa na tentativa de humanizar o trabalho tanto do ponto de vista relacional, investindo em melhores relações entre as pessoas e maior afetividade, como também do estrutural no que tange às próprias instalações da empresa mais confortáveis e bonitas, espaços de descanso, atividades de relaxamento como ioga e massagem, além de uma forma mais flexível de se pensar a relação entre tempo e produtividade. Também aponta outras possibilidades como a redução de carga horária com redução de salário, as vagas compartilhadas e a busca constante por tentar quebrar o paradigma da disponibilidade desmedida como forma de garantir a empregabilidade.

Diminuir oficialmente o horário de trabalho não é a única maneira de trabalhar e viver melhor. Às vezes, basta livrar a cultura empresarial da idéia de que trabalhar mais tempo invariavelmente significa conseguir que mais coisas sejam feitas (HONORÉ, 2005, p.232).

Além disso, a expectativa de cuidar do trabalhador e contribuir para sua qualidade de vida, oferecendo programas de saúde, de apoio psicológico, quando for o caso, e estimulando o tempo fora de casa como tempo eficaz para manter o colaborador feliz dentro do trabalho e assim, mais produtivo.

Algumas empresas grandes estão percebendo que permitir que trabalhadores altamente eficientes trabalhem menos realmente melhora sua performance. Nesse caso, são feitos arranjos de trabalho customizados que os permitem trabalhar menos horas com uma redução proporcional do salário. Essa mudança profissional inclui

principalmente mulheres começando famílias e homens procurando mais tempo com os filhos ou maior envolvimento na comunidade (DE GRAAF, 2003, p. 18).

Outro ponto bastante importante parece estar no incentivo à vida fora do trabalho, seja na forma de atividades culturais, esportes, cursos, estudos e na valorização do tempo livre como um todo. Essa conduta, deveria, inclusive vir de cima, propiciando um efeito mais consistente e garantindo a tranquilidade de que não se trata apenas de um discurso vazio. Embora as empresas acreditem que o trabalho se engrandece através dessas experiências pessoais, tal comportamento ainda representa um desafio.

Acredito que os presidentes e donos de empresas entendem a importância do tempo livre, da vida fora do trabalho. Porém, quando entra a gerência e a operacionalização, vemos que entra em foco um embate pelo poder que prejudica essa intenção (DE MASI, 2010³¹).

O ócio criativo, principal bandeira de De Masi (2000) representa um forma bastante contemporânea de ressignificar o tempo do trabalho e seu próprio imaginário trazendo-o mais perto do tempo da vida, do prazer, do devagar. Assim, busca agregar ao trabalho o lazer e o estudo e se configura como um tempo que se ganha, e não se perde, de forma qualitativa. Não é um tempo violento, de tédio, de roubo, de vagabundagem, e sim um tempo

[...] com vantagens para mim e para os outros, fazendo com que eu e os outros sejamos felizes, sem prejudicar ninguém. Neste caso, e só neste caso, atinjo a plenitude do conhecimento e da qualidade de vida (DE MASI, 2000, p. 336).

Na sociedade pós-industrial, onde o trabalho intelectual se sobrepõe ao trabalho mecânico e repetitivo - característicos da sociedade industrial e hoje delegado às máquinas, o ócio criativo representaria, então, uma forma de integração entre trabalho e vida, entre conhecimento e tempo livre, entre estudo e lazer.

Para um minerador que trabalhou sobre a terra ou um operário na linha de montagem, as horas são separadas da vida, enquanto criatividade, socialização, os pais separados do filho, homens das mulheres, trabalho do consumo, bem estar do corpo do mal estar do corpo. Nos agora podemos recompor essa separação (DE MASI, 2010³²).

Tudo isso, partindo da premissa que as experiências que se têm fora do trabalho, o contato com as artes, as viagens, a interação com outras pessoas de diferentes perfis e formação são capazes de enriquecer o repertório individual do trabalhador e a equação trabalho/vida, já que De Masi defende que essa fratura não deve existir. A relação deve ser fluida, natural, muitas vezes até misturada, pois o trabalho aqui é considerado expressivo, criativo e não um fardo.

³¹ Entrevista concedida à autora em 2010.

³² Idem.

Apesar da teoria do sociólogo italiano ter tido um grande e positivo impacto no Brasil, é possível notar bastante dificuldade em encontrar empresas que efetivamente apliquem esses preceitos e realmente defendam que o trabalhador consiga ter uma vida sociável, saudável e diversa fora das quatro paredes do escritório. Na prática, são poucas as empresas que incentivam que o tempo do trabalho seja também utilizado para o tempo da cultura e da fruição e defendem o bater ponto subliminar e a presença do funcionário, mesmo quando o trabalho do dia foi cumprido e esse poderia sair mais cedo e usufruir de seu tempo livre. Quando questionado sobre esse fato em entrevista concedida a Marília Barrichello em 2010, De Masi argumenta que a dificuldade de implementação se dá mais no aspecto gerencial, do medo da perda de poder e de controle do que da alta direção e empresariado.

Outro ponto a favor de um trabalho mais equilibrado e humano estaria na contenção do desemprego estrutural, principalmente nos países europeus, que como o caso da Itália defende a criação da semana de trabalho brevíssima. Acredita-se que esta tem em si mesma a capacidade de contribuir para o encaminhamento de importantes questões no âmbito do trabalho: conter o desemprego estrutural que se instala em nível mundial, promover a qualidade de vida e contribuir para uma nova cultura no trabalho.

O atual tipo de organização está em vigor há mais de 100 anos, com alguns pequenos retoques. E justamente os pequenos retoques agora não bastam: se eu diminuo o horário de 40h para 35h semanais, os executivos e dirigentes continuam a ficar nos respectivos escritórios cinquenta horas por semana [...] em vez disso, é preciso introduzir o teletrabalho e a semana brevíssima. As pessoas serão obrigadas a planejar um final de semana de 3 a 4 dias (DE MASI, 2000, p. 178-179).

A redução das horas de trabalho também seria capaz de interferir de uma forma mais ampla para minimizar os problemas sociais e ambientais do planeta. A Fundação para uma Nova Economia (NEF, na sigla em inglês) publicou um relatório denominado “21 horas – Por que uma semana laboral mais curta pode ajudar todos a prosperar no século XXI”. Segundo esta visão, a redução das horas de trabalho pode distribuir melhor a renda e proporcionar maior bem-estar à população. Afirma o relatório:

Muitos de nós estamos consumindo muito acima de nossas possibilidades econômicas (leia-se “endividando-se”) e muito além dos limites do meio ambiente, e mesmo assim, não conseguimos nos sentir melhor. Enquanto isso, outros sofrem com a pobreza e a fome.

A premissa é simples: as pessoas que trabalham demais, com uma semana laboral mais curta, poderiam reduzir o estresse e melhorar sua qualidade de vida, ganhando tempo para viver de forma mais sustentável, praticando o consumo responsável e se concentrando em outros valores que não os materiais. Por sua vez, as horas economizadas poderiam ser assumidas por

peessoas hoje desempregadas, repartindo a riqueza de forma mais equilibrada. O relatório indica também que a redução da jornada poderia engendrar uma economia mais robusta, que não se baseie no crédito, mas reconhece que o processo deve ser gradual.

Quanto mais horas trabalhamos, mais estressantes nossas vidas em casa se tornam; e quanto maiores as tensões dentro de casa, mais tentamos escapar no trabalho. Mas este ciclo não começa com o trabalho. Frequentemente trabalhamos mais porque queremos mais. Como cultura, temos escolhido dinheiro sobre o tempo (DE GRAAF; WANN; NAYLOR, 2005, p.50).

Assim, o estresse do trabalho, as horas dedicadas a reuniões fora do horário do expediente, viram objetos de consumo e concessões para pequenos e grandes luxos compráveis como que justificativa para suportar tamanho fardo. Este parece ser o ciclo vicioso que a filosofia Devagar pode contribuir para romper: o hábito de viver para trabalhar, trabalhar para ganhar e ganhar para consumir.

4 O DEVAGAR NO CONSUMO E NO DISCURSO DAS MARCAS

A substituição da sociedade agrícola pela industrial, e posteriormente, pela de consumo tem gerado impacto na estruturação das dinâmicas sociais, econômicas e políticas e também na relação com o tempo.

Bauman (2001) argumenta que a tradição e o simbólico, antigos balizadores do presente e das perspectivas de futuro das sociedades tradicionais, cedem lugar a uma contemporaneidade norteada pelas regras de mercado e, conseqüentemente, toda sua agilidade e dinamismo.

O que quer que façamos e qualquer que seja o nome que atribuamos a nossa atividade, é como ir às compras, uma atividade feita nos padrões de ir às compras. O código em que nossa “política de vida” está escrito deriva da pragmática do comprar (BAUMAN, 2001, p.87).

Se o comprar assume um eixo estruturante de toda a vida social, é bastante frágil e sensível a relação que se estabelece com o trabalho, do tipo instrumental e amarrada a um ciclo vicioso: trabalhar para comprar e comprar para trabalhar. Se o termo *workaholic* (viciado em trabalho) já é de uso corriqueiro, um novo neologismo, *shopaholic* (viciado em compras) parece reforçar e dramatizar ainda mais, tal dinâmica.

O binômios: eficiência da concorrência *versus* trabalho e consumo de luxo *versus* tempo livre, potencializam uma alienação total e nos fazem encher de coisas que não tem significado³³.

Nesse contexto, as mercadorias acabam por dominar o tempo ocioso, seja na dinâmica do comprar ou apenas do desejar, viram fundamentos para uma identidade social baseada no ter e acabam por espetacularizar o consumo, sendo início e fim em si próprio.

O espetáculo é o momento em que a mercadoria chega à ocupação total da vida social. Tudo isso é perfeitamente visível com relação à mercadoria, pois nada mais se vê senão ela: o mundo visível é o seu mundo (DEBORD, 1997, p.41).

Assim, a grande intensidade e prazer da vida da sociedade de consumo acontece na forma mercantilizada do ter, que acaba por minar os pormenores singelos que dão gosto especial e único aos momentos: um passeio calmo no parque, a prática de esportes, a beleza de um pôr do sol, a contemplação de um belo jardim florido, a leitura de um livro, a observação atenta

³³Entrevista com Domenico De Masi concedida à autora em 2010.

dos transeuntes da rua. Experiências de bem-estar e paz, que propõem um modo de vida calmo, natural.

O poder inebriante do consumo e o capitalismo focado no crédito amplificam ainda mais a complexa relação entre ganhar e gastar, incentivando a vida cotidiana além dos limites materiais possíveis e tornando a dívida, moeda corrente. Assim, ao mesmo tempo em que o trabalho acaba sendo o organizador de uma vida social, pode-se dizer que o consumo segue o mesmo *modus-operandi*, impactando diretamente nas decisões e escolhas das pessoas e na explicitação clara das regras de mercado representados pela descartabilidade, pelo desejo e uso imediato, pela rapidez do fruir.

As aquisições de mercadorias são rápidas, práticas, sem esforço e raramente decepcionam. A mesma lógica migra para as relações humanas e repercute na dificuldade em transpor as diferenças, as problemáticas e os desafios que as relações impõem.

[...] numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro [...] a promessa de aprender a arte de amar e a oferta (falsa, enganosa, mas que deseja ardentemente ser verdadeira) de construir a experiência amorosa à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultado sem esforço” (BAUMAN, 2004, p. 21-22).

Nessa valorização, a máxima do consumo passa a ser, “consumo logo existo”, ou ainda, “ter para ser” e a busca pelos desejos de posses nunca efetivamente satisfeito, gera frustração e aprisionamento no mundo veloz do trabalho, fundamento para o ter. Sevcenko (2001) argumenta que as pessoas são aquilo que consomem e a comunicação básica é toda ela externa e baseada em símbolos exteriores. Ademais, nosso mundo estaria marcado pela hipertrofia do olhar, o que faria do parecer algo mais importante do que o ser.

Não basta aos produtos da indústria serem melhores, mais funcionais e mais fáceis de usar; não basta investir em qualidade, eficiência e conforto. Num mundo marcado pela hipertrofia do olhar, o fundamental é que os produtos pareçam mais modernos, que se tornem eles mesmos manifestos de propaganda da modernidade que as pessoas anseiam incorporar em seu cotidiano, pois isso lhes permite irradiar a autoconfiança, o otimismo, o sentimento de superioridade dos que vão adiante do seu tempo, abrindo caminho com espírito de aventura e alma de exploradores para os que seguem logo atrás (SEVCENKO, 2001, p. 68-69).

O consumo como provedor identitário faz do sujeito um objeto, e da gratificação de seus desejos, uma fantasia que não se realiza e nunca termina.

A produção de mercadorias e o consumismo alteram as percepções não apenas do eu como do mundo exterior ao eu; criam um mundo de espelhos, de imagens insubstanciais, de ilusões cada vez mais indistinguíveis da realidade. O efeito especular faz do sujeito um objeto; ao mesmo tempo, transforma o mundo dos objetos numa extensão ou projeção do eu. É enganoso caracterizar a cultura do consumo como uma cultura dominada por coisas. O consumidor vive rodeado não apenas por coisas como por fantasias. Vive num mundo que não dispõe de existência objetiva ou independente e que parece existir somente para gratificar ou caracterizar seus desejos (LASCH, 1986, p.22).

Tal contexto em que a felicidade ilusoriamente vem como realização pelo ter, pelo desejo de posse, gera frustração e ansiedade, já que como o desejo é um ideal sempre ressignificado, a felicidade vira um ideal distante. Além disso, frente às insatisfações provindas do mundo do trabalho, o estresse e a carga horária desmedida fazem com que o consumo vire válvula de escape, distração de um encontro mais profundo com o eu ou até mesmo um tipo de terapia que faz com que se consiga manter a sanidade de espírito frente ao caos.

"[...] Sociedades como a nossa, movidas por milhões de homens e mulheres em busca da felicidade, estão se tornando mais ricas, mas não está claro se estão se tornando mais felizes. Parece que a busca dos seres humanos pela felicidade pode muito bem se mostrar responsável pelo seu próprio fracasso. Todos os dados empíricos disponíveis indicam que, nas populações das sociedades abastadas, pode não haver relação alguma entre mais riqueza, considerada o principal veículo de uma vida feliz, e maior felicidade! (BAUMAN, 2008 , p.7-8).

Para aprofundar a relação existente entre felicidade e bens materiais, estatísticos analisaram um banco de dados, a partir de entrevistas feitas com mais de 450 mil americanos. Descobriram um valor a partir do qual mais riqueza não significa mais bem-estar: R\$ 11 mil por mês.

"Uma renda pequena exacerba as dores emocionais associadas a problemas como divórcio, doença ou solidão", diz Daniel Kahneman, da Universidade Princeton, vencedor do Prêmio Nobel de Economia em 2002 e coautor da nova pesquisa publicada na revista científica "PNAS".

Partilhando dessa mesma linha de raciocínio, De Graaf (2003) elabora que o consumo está diretamente relacionado ao bem-estar. Esse binômio pode ser observado pela equação proposta na figura 4:

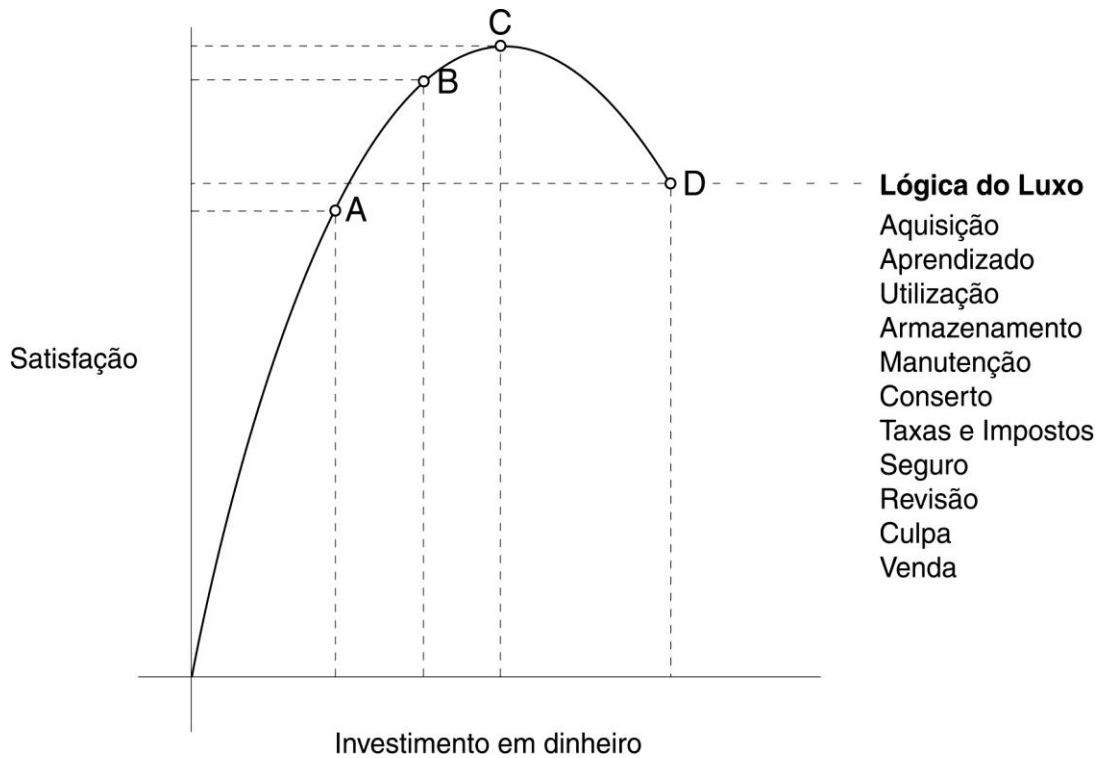


Figura 4 - A relação custo-benefício do dinheiro
 Fonte: De Graaf (2003, p.137)

Pelo raciocínio apresentado, artigos básicos de primeira necessidade, fundamentais para a sobrevivência, como roupas, alimentos e abrigo proporcionam um grau de satisfação determinado (A). A aquisição de itens não vitais, como a compra de uma casa maior, uma roupa mais elegante ou um jantar em um bom restaurante têm a condição de elevar este índice de satisfação até um índice de conforto (B), que culmina em um ponto ótimo (C), desenhado pela equação satisfação/investimento em dinheiro. Ao passar desse ponto, é comum a existência do excesso de consumo – via de regra em bens de luxo que geram um custo-benefício menos atraente (D). De Graaf (2003) também observa que o luxo possui sua lógica própria, balizada pelo conjunto de fatores que determinam a os esforços para manutenção de um bem, da aquisição até sua venda.

A sociedade do ter quantitativo é também a sociedade do lixo e do refugo rápido, que compra, descarta e produz em quantidade excessiva.

Afinal, automóveis, computadores ou telefones celulares perfeitamente usáveis, em bom estado e em condições de funcionamento satisfatórias são considerados, sem remorso, como um monte de lixo no instante em que “novas e aperfeiçoadas versões” aparecem nas lojas e se tornam o assunto do momento. Alguma razão para que as parcerias sejam consideradas uma exceção à regra (BAUMAN, 2001, p.28).

Nessa sociedade do consumo, onde sobram escolhas, a cultura da oferta do excesso permeia os mais diferentes setores e confunde o benefício da autonomia e livre arbítrio, que

teoricamente os consumidores poderiam usufruir com frustração e confusão. O psicólogo Barry Schwartz, autor do livro “The Paradox of Choice: why more is less” (O Paradoxo da Escolha: porque mais é menos) publicado em 2004 estima que a escolha venha tornando os consumidores menos livres e mais paralisados, mais insatisfeitos ao invés de mais felizes.

Uma das pesquisas apresentadas mostra uma mesa contendo enorme variedade de geleias, enquanto que na outra mesa, apenas seis opções foram oferecidas. Embora a mesa com o maior número de opções também tivesse tido o maior número de experimentações, as vendas foram maiores na mesa com apenas seis opções expostas.

4.1 UMA NOVA FORMA DE PENSAR O CONSUMO

A filosofia Devagar traz a reflexão sobre o que consumir e o quanto, educando para a minimização do consumo desenfreado, compensatório, que gera satisfação apenas instantânea, ao passo que é constantemente descartado e substituído por novos bens. A ansiedade pelo ter sempre mais e mais rápido impacta diretamente na percepção sobre o tempo.

Aquele que volta seu coração exclusivamente para a busca do bem-estar material está sempre com pressa, pois tem a sua disposição um tempo limitado para tocar, capturar e desfrutar (TOCQUEVILLE apud HONORÉ, 2005, p. 43).

A visão que o Devagar elabora sobre o consumo parece contrapor a realização mercantil baseada apenas no ter, pois estimula e reforça a fruição de momentos e bens não passíveis de compra: o resgate do relacionamento, da emotividade, da singeleza presente na natureza e encantar-se com passeios pelo bairro, brincadeiras na praça, encontros com os amigos e a admiração de um belo pôr do sol, por exemplo. Assim, amplia a discussão do consumo para os bens que o dinheiro não pode comprar; esses sim capazes de trazer satisfação ao longo prazo.

Para Domenico de Masi (2000) tal reflexão tem sinergia com o que chama de consumo para o significado, em que resgata o papel da memória e da celebração de bens que tem uma história afetiva, mais importante que o valor financeiro, e também a produção artística e literária como a poesia e as artes.

Se as coisas não têm sentido, compramos cada vez mais, enchemos a casa de coisas que não são importantes para nós, assim nasce o consumismo. Mas se as coisas fazem sentido, precisamos de pouquíssimas coisas. Mas são aquelas que nos dão

tanta alegria. As coisas que nos dão mais alegria são as que menos custam. Por exemplo, a amizade, o amor, o convívio, a brincadeira, a diversão, a ironia, a introspecção, estar um pouco com si só, o ato de contemplar as coisas, as árvores, as nuvens, os pássaros, o mar. Tudo isso é de graça. Nós perdemos esse sentido porque estamos sempre com pressa, acumulamos, acumulamos, mas se desacelerarmos, conseguimos dar ritmo à nossa vida, a vida fica riquíssima e parece muito longa, tão longa que passamos a não ter medo da morte³⁴.

Tal forma mais reflexiva e consciente de se pensar no consumo se refere, sobretudo, à sociedade burguesa: “que teve um educação aquisitiva, de rapina, quase, de acumular. O pobre não vai acumular. O pobre, de fato, acumula a tradição” (DE MASI, 2010³⁵).

Ao questionar sobre o consumo pelo consumo, o Devagar aborda a complexa relação entre o trabalhar e o gastar, propondo a quebra desse ciclo vicioso em que, sem perceber, o indivíduo passa a ser refém passivo e não decisor consciente de um processo maior e mais complexo.

O resultado é uma desgastante disparidade entre o que queremos da vida e o que realisticamente podemos ter, o que aumenta a sensação de que o tempo nunca é suficiente (HONORÉ, 2005, p. 43).

Para De Graaf (2003), quanto mais rápido o consumidor consome, mais rápido o mercado produz e quando mais rápido o mercado produz, mais rápido o consumidor consome.

O americano médio agora requer aproximadamente 24 campos de futebol (ou acres) de recursos naturais para manter seu padrão de vida, apesar do fato aritmético de que só existem 5 acres disponíveis para cada pessoa no planeta [...] Países como a China lutam para aumentar seus níveis de consumo, de onde virão outros 4 ou 5 planetas a mais? (DE GRAAF, 2003, p.97).

Nesse sentido, é extremamente pertinente a ideia defendida por Canclini (2005) de que a relação entre consumo e cidadania é direta, a ponto de se argumentar que o ato do consumo serve para pensar. Dessa forma, o consumo enquanto possibilidade de integração a uma sociedade e direito individual implicaria “numa concepção de mundo não mais como simples lugar de trocas de mercadorias”, mas também como parte das interações socioculturais complexas. Canclini entende ainda que as mudanças nas maneiras de consumir alteraram completamente a forma de exercício da cidadania e que atualmente, as identidades se definem pelo potencial de consumo e capacidade de posse.

A apropriação de produtos, as dinâmicas sociais, culturais e relacionais estabelecidas são capazes de carregar uma postura perante a vida e refletir valores e crenças pessoais. Para o Devagar, é no consumo que a filosofia se potencializa, assume ares de crítica e é capaz de

³⁴ Entrevista de Domenico de Masi no Programa Conexão Roberto D'Ávila, na TVE, em 08/07/1999.

³⁵ Entrevista concedida à autora em 2010.

inspirar a outros de forma crescente. Também reflete uma busca pelo aprimoramento do ser, menos egocêntrica e mais consciente da coletividade e do seu bem-estar.

Dentre os argumentos para tal reflexão, o discurso da sustentabilidade que incentiva o consumo consciente vem ganhando força em todo o mundo, elucidando com dados concretos como a pegada ecológica³⁶ a possibilidade eminente de um esgotamento de recursos e da natureza se as projeções sobre o consumo se mantiverem como atualmente.

Ao buscar uma forma mais equilibrada do ter, respeitando o planeta, evitando os excessos e a alta descartabilidade dos produtos e favorecendo o altruísmo, através de doações, reciclagem, e movimentos mais impactantes como o comércio justo (*fair trade*) e economia solidária, o consumo consciente acaba tendo um impacto transversal e sistêmico e permeando diversos âmbitos de nossa vida.

Porém, a sociedade do século XXI, ainda influenciada pela visão de dominação da natureza e da falsa crença de sua infinitude, está em processo de sensibilização e educação para esse tema.

Movimentos que buscam fomentar a reflexão sobre o consumo vêm se espalhando pelo mundo, o maior e mais antigo deles é o Buy Nothing Day. Criado há 14 anos, propõe que o dia 27 de novembro seja um dia sem compras. Nesse dia, os ativistas promovem ações e mobilizações que buscam a reflexão sobre o consumo, propondo um momento de pausa no cotidiano para que se possa pensar sobre o impacto causado ao meio ambiente no nosso dia a dia.

No Brasil, o instituto Akatu representa uma iniciativa da sociedade civil que tem como missão mobilizar as pessoas para o uso do poder transformador dos seus atos de consumo consciente como instrumento de construção da sustentabilidade da vida no planeta. Sua visão de futuro é a de criar uma comunidade humana, onde haja um equilíbrio de valores masculinos e femininos, que se perceba parte integrante da teia de vida no planeta e, como tal, cuide da vida pela vida em si e acolha a humanidade em toda a sua diversidade.

Em 2002, o instituto realizou uma pesquisa para detectar se o brasileiro consome com consciência. Foram ouvidas 1.200 pessoas com idades entre 18 e 74 anos, moradoras de nove regiões metropolitanas e duas capitais do país. Os entrevistados tinham que responder a frequência com que adotam 13 comportamentos, como: evitar deixar lâmpadas acesas em ambientes desocupados, usar o verso de folhas de papel já utilizadas e separar o lixo para

³⁶ A Pegada Ecológica de um país, de uma cidade ou de uma pessoa, corresponde ao tamanho das áreas produtivas de terra e de mar necessárias para gerar produtos, bens e serviços que sustentam seus estilos de vida. Disponível em: (http://www.wwf.org.br/wwf_brasil/pegada_ecologica/). Acesso em: 04.fev.2011

reciclagem, entre outros.

De acordo com as respostas, os entrevistados foram classificados em quatro grupos: 3% foram considerados individualistas (que adotam no máximo dois comportamentos), 54% iniciantes (de três a sete comportamentos), 37% comprometidos (de oito a dez) e 6% conscientes (de 11 a 13).

Outro conceito que repensa de forma profunda e sistêmica todo o processo de produção até chegar às mãos do consumidor em forma de produtos é a economia solidária: um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver; sem explorar os outros, sem querer levar vantagem, sem destruir o ambiente. Cooperando, fortalecendo o grupo, cada um pensando no bem de todos e no próprio bem.

A economia solidária vem se apresentando, nos últimos anos, como inovadora alternativa de geração de trabalho e renda e uma resposta a favor da inclusão social. Compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas autogestionárias, redes de cooperação, entre outras, que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças solidárias, trocas, comércio justo e consumo solidário.

Dessa forma, aponta para uma nova lógica de desenvolvimento sustentável com geração de trabalho e distribuição de renda, mediante um crescimento econômico com proteção dos ecossistemas. Seus resultados econômicos, políticos e culturais são compartilhados pelos participantes, sem distinção de gênero, idade e raça. Implica na reversão da lógica capitalista ao se opor à exploração do trabalho e dos recursos naturais, considerando o ser humano na sua integralidade como sujeito e finalidade da atividade econômica.

O *Slow Food* parece estar evoluindo para esse caminho ao fomentar uma cadeia sistêmica e integrada, como visto anteriormente. Outra iniciativa italiana em expansão e que reforça uma nova forma de se pensar o consumo é o mercado *eataly*. Dono de um visual *clean* e uma estética bastante aconchegante e cuidadosa, o lugar alia a oferta dos melhores produtos italianos com origem rastreada à educação. A fronteira entre a alimentação e a educação é tênue e as estantes de livros ficam organicamente colocadas ao lado das sessões de produtos. Além de temas como arte, história, política, chama a atenção a seção intitulada de tempo livre, que parece contribuir e dar destaque para a criação de um repertório e de uma valorização do mesmo, buscando significar o que seria entendido como ócio depreciativo.

4.2 O DEVAGAR NO ÂMBITO DA PUBLICIDADE E DO DISCURSO DAS MARCAS

A transversalidade que o discurso do Devagar pode assumir permeando diversos campos e desdobramentos como os ligados às tecnologias, alimentação, relações pessoais, trabalho, tempo livre faz com que sua adequação pelo mercado publicitário seja bastante extensiva. Ao longo dos últimos anos, podem ser percebidas iniciativas em linha com a filosofia Devagar em campanhas as mais diversas possíveis: desde bancos, a celulares, eletrodomésticos, produtos alimentícios, entre outros.

Embora cada comunicação, conforme explicitado adiante, tenha uma mensagem própria, ligada a uma necessidade diferente, a um benefício de produto e a um nicho de mercado específicos, percebe-se como denominador comum a busca por uma linguagem mais atitudinal e reflexiva.

Ao longo dos últimos anos, a publicidade vem sofisticando suas entregas e apoiando-se na interação com outras disciplinas das ciências humanas como a psicologia, a sociologia e a antropologia. Busca-se cada vez mais entender a fundo os desejos e necessidades humanas, para a partir daí ser capaz de gerar *insights* relevantes, capazes de emocionar, gerar afinidade com o consumidor em nível emocional e filosófico, garantir sua atenção e a possibilidade de um relacionamento de longo prazo. Nesse contexto, a pertinência e contemporaneidade do repertório Devagar gera, de imediato, uma identificação e capta a atenção do consumidor pela reflexão, antes mesmo do desejo de compra.

O relacionamento de longo prazo pressupõe reciprocidade, e esse talvez seja o grande diferencial das marcas preferidas, que caracterizam empresas competitivas e admiradas. Para que uma marca seja bem-sucedida ela deve atender às expectativas dos consumidores: marcas representam promessas a serem cumpridas, muito além do benefício do produto em si.

A qualidade do relacionamento deveria focar no valor emocional agregado. Isto é com que os consumidores mais se importam - não no melhor produto ou no mais barato, mas aquele que traga um valor emocional agregado que ele realmente esteja procurando (RAPAILLE, 2004, p. 44-45).

Hoje, calcula-se que todos os dias somos submetidos a algo entre três e cinco mil mensagens. Estima-se que o universo da internet cresça um milhão de páginas por dia e que, aos 18 anos,

o cidadão tenha assistido a 140 mil comerciais³⁷. Na atualidade, 22 milhões de brasileiros têm acesso à internet³⁸ em suas casas e mais de 70 milhões³⁹ têm aparelhos celulares.

Nesse contexto marcado por excessos, o compromisso intrínseco da publicidade com o novo, com a criatividade e com as questões sociais emergentes, continua sendo um desafio constante, principalmente tendo em vista o contexto saturado de mensagens, de produtos comoditizados e de consumidores cansados e estressados. A relação com a marca, então, assume um patamar de significação das coisas e de conforto:

[...] o profissional de marketing terá de se dedicar a um imperativo de prazer mais elevado [...] tanto prometer como cumprir o resgate e a elevação do estado de espírito do consumidor. Este novo *quid pro quo* poderá ser expresso da seguinte forma: Irei colaborar na sua busca pelo alívio do estado da mente e do prazer se você adorar a minha marca, apoiar a minha empresa, e me permitir continuar promovendo a cura pelo prazer no mundo (DAVIS, 2003, p. 252).

Nesse ponto, o discurso Devagar já apresentaria vantagem, seja pela abordagem inusitada que o destaca na poluição midiática, seja por trazer à tona uma problemática pós-moderna de fundo profundo e de senso comum. De certa forma, também teria condição de trazer certo alívio, um tipo de paz de espírito, não pela divulgação de respostas, mas pela partilha de uma angústia, como se dissesse ao consumidor: “não é só você que se sente assim”.

A poluição midiática, entendida como ruído de fundo que impede e queima a recepção e a compreensão das mensagens, atinge novos recordes. Para assegurar-se de ser ouvida e, melhor ainda, de se fazer entender claramente, uma marca deve dispor de um poder de fogo sempre maior (SEMPRINI, 2006, p. 44).

Nesse contexto fragmentado de comunicação, as marcas desempenham um papel-chave para orientar e embasar a escolha do consumidor através de um sistema de identidade claro que a diferencie das demais e a torne relevante em termos funcionais e emocionais, por meio de um relacionamento com o consumidor, além da compra em si. Segundo Aaker (1996, p.80) "a identidade da marca deve ajudar a estabelecer um relacionamento entre a marca e o cliente por meio de uma proposta de valor envolvendo benefícios funcionais, emocionais e de auto-expressão".

Face às angústias, carências e fragilidades do indivíduo pós-moderno, as marcas parecem assumir um papel norteador, que já pertenceu às grandes instituições modernas como a família, a igreja e a escola. Isso nos faz questionar sobre o significado das frases "Dê o seu melhor" e "O que importa é o conteúdo" nas embalagens de coca-cola, ou mesmo quando um

³⁷ Dados publicados na revista Consumidor Moderno em setembro de 2005.

³⁸ Número divulgado pela ONU (Organização das Nações Unidas) em 9 de novembro de 2005.

³⁹ Informação divulgada pela Anatel em maio de 2005.

banco, como no caso o Citibank, aconselha com o mote "Encontre mais os amigos" ou "Que sua próxima promoção seja para o melhor pai do mundo".

É certo que as mensagens selecionadas (adiante) ao abordar temas filosóficos e comportamentais têm um apelo possivelmente menos proprietário – quantas marcas, quantas indústrias além da GE poderiam falar entre o equilíbrio entre o ter e o viver? Porém, o impacto da mensagem e a identificação parecem favorecer o *recall* e a ligação com a marca proponente.

Para Atkins (2004) o papel das marcas é tão forte, que faz com que sejam consideradas como novas formas de religião, à medida que marca e religião tem um grande senso de comunidade e pertencimento, têm ideologias e valores por trás, fazem as pessoas se sentirem queridas e especiais e contribuem para a autoexpressão.

Semprini (2006) defende que na transição pós-moderna, a comunicação se transfigura, muda de natureza, de missão e assume um papel infinitamente mais importante e fundador, ampliando sua lógica ao espaço social, além da esfera comercial.

Marcas icônicas como o *Mc Donalds*, *Apple*, *Harley Davidson* transmitem ao consumidor uma sensação de comunidade e conforto, muito necessários frente à desestabilização da pós-modernidade. Assim, estariam elas próprias transmitindo ideologias que antes estariam nas mãos das instituições modernas, se aproximando do consumidor através de sua personalidade e seduzindo-o de uma forma muito menos explícita e mais particular.

Os membros da marca Apple (e eles definitivamente se vêem como "membros", não somente consumidores) se autodefiniriam pela sua atitude diferenciada perante a vida, atitude que eles alinham com a da marca Apple e com os outros consumidores da marca (ATKIN, 2004, p. 9).

Brymer (2003) descreve algumas qualidades primordiais que as marcas líderes partilham: uma ideia com apelo forte, um propósito e uma razão de serem definidos valores que a suportem, consistência na entrega da promessa da marca, produtos e processos, posicionamento diferenciado, experiência da marca junto ao consumidor através do relacionamento e, finalmente, alinhamento interno e externo da marca.

Tal configuração faz com que a marca se torne única, crível, sustentável e que ocupe um espaço na mente do consumidor. E é essa força imprescindível para que a marca seja capaz de blindar um mercado através da construção de uma relação com o consumidor que vai além do produto em si e extrapola para a comunhão de uma cultura.

Vê-se também no cenário pós-moderno o crescimento da consciência individual sobre o consumo consciente, a origem dos bens que consumimos, a priorização dos produtos

orgânicos e a escolha de marcas influenciada por sua atuação social. A sociedade brasileira parece iniciar um processo de questionamento do próprio consumo tanto em termos de necessidade como de ideologia, frente aos recursos finitos do planeta, fato que culmina com a adesão de causas individuais que refletem anseios da sociedade, como a sustentabilidade do planeta, a equalização social e o direito à diversidade.

Nesse processo de identificação filosófica com os consumidores e com as questões da pós-modernidade vemos as marcas também assumindo suas causas, que vão muito além de seus produtos. É isso que o Movimento Devagar parece entregar: um discurso e estética próprios e diferenciados, cujo apelo focado no bem-estar, qualidade de vida e sustentabilidade têm grande poder de aderência e relevância, e reconfortam o espírito pós-moderno, já sensível e suscetível à questão da busca pela qualidade de vida e bem-estar.

A publicidade parece estar carente de propostas que ofereçam uma conexão humana mais forte, que vão além de um discurso vazio e previsível para a mente treinada do consumidor, e promovam paz de espírito e prazer, elementos fundamentais frente aos paradoxos pós-modernos. O imaginário do Devagar na publicidade, então, pode ser encarado como um tipo de mensagem com alto poder de impacto e relevância e que corrobora com a busca de sentido e expressividade que emerge no contexto contemporâneo.

Se a modernidade esteve estreitamente associada ao universo da produção industrial, da materialidade, do pragmatismo, do funcionalismo, do racionalismo, em uma palavra, o que Weber chamou de desencantamento do mundo, a época atual parece recolocar em discussão um grande número destes valores e ceder um espaço maior às noções de fantasia, de criatividade, de expressão pessoal, de procura de sentido (SEMPRINI, 2006, p. 66).

Fato curioso é que justamente no setor financeiro, a publicidade tenha encontrado campo mais fértil para divulgar valores do Movimento Devagar. Mais um paradoxo, mas dessa vez dentro de outro paradoxo – a publicidade – essencialmente rápida, ágil e ferramenta do turbo-capitalismo.

Em termos de mensagem, a publicidade afinada à filosofia Devagar parece reforçar a ligação emocional entre a marca e o consumidor, deixando os atributos racionais e de produto para um segundo plano. É quase que a explicitação de uma questão filosófica pós-moderna embalada na forma de textos-manifestos por uma vida mais feliz e equilibrada.

Tal constatação vai ao encontro da ideia defendida por Atkin (2004) de que as pessoas hoje estão dispostas a pagar pelo significado, pelas crenças que as marcas trazem.

Já considerando o *layout* da peça publicitária, percebe-se uma maior presença de respiro na informação, com visual limpo, composto por fotos espontâneas, de momentos simples e prazerosos, trazendo autenticidade e veracidade e se distanciando dos estereótipos.

Vemos esta nova tendência na publicidade reforçar um ideal pós-moderno, que é a primazia do ser, buscando, então, trabalhar valores, ideias e ideologias, que ficam acima do produto e buscam construir um relacionamento pela identificação e simpatia. Nesse contexto, a venda é consequência de um encontro ideológico e relacional entre o consumidor e a marca.

Assim, é bastante pertinente constataremos o tom emocional (seja pelo humor, pela ternura, pela surpresa) que tem marcado a publicidade atual e que parece, de certa forma, compensar as inúmeras carências afetivas decorrentes do mundo rápido e da fragilidade das relações pessoais.

Para que todos consigam avançar para o futuro – o profissional de marketing e o consumidor, o sedutor e o seduzido – deve haver um novo relacionamento definindo esses dois papéis: o profissional de marketing precisa ser não o causador de estresse físico, mas o curandeiro: o profissional de marketing curandeiro (DAVIS, 2003, p. 51).

Assim, seria a publicidade inspirada no Devagar simplesmente uma estratégia tática de chamar a atenção fazendo uso de um assunto extremamente instigante e mobilizador? Cabe a publicidade discutir a reflexão sobre o consumo (seja ele das tecnologias, dos produtos etc.), pilar central do Devagar? Esse paradoxo dentro do paradoxo é sustentável?

O papel mercantil da publicidade é incontestável e sua razão de ser primeira é a venda. O Devagar torna essa relação menos clara, ao mesmo tempo em que traz uma história, uma causa para a marca. Até que ponto as marcas querem e podem ir além de um mero discurso publicitário?

A questão que parece ressoar é: melhor vender por vender ou vender fomentando uma reflexão, utilizando seu potencial de acesso e escala? Nesse contexto de velocidade onde o tempo para o questionamento vem sendo delegado a segundo plano e o consumo se estabelece cada vez mais como uma porta de acesso à percepção do mundo contemporâneo, provavelmente, o consumo com reflexão seja o melhor caminho...

Em um contexto dominado pelo imaterial, pela comunicação e pela procura de sentido, a imaginação torna-se uma fonte poderosa para o indivíduo, não para fugir, mas para construir sua trajetória, para traçar sua própria narração e para dar um sentido, retrospectivamente, à sua existência. [...] o novo poder da imaginação na construção da vida social está muito ligado às imagens, às idéias e oportunidades que são manipuladas pela mídia e por outros enunciadores públicos. Estes estímulos podem se relacionar com todas as facetas da vida do indivíduo: seu trabalho, sua vida amorosa, seu estilo de vida, seu ambiente, sua casa (SEMPRINI, 2006, p. 312).

4.2.1 O Devagar e a vida mais leve – Havaianas (2004)

O comercial da marca Havaianas, conforme Figura 5, exemplifica bem o tipo de astral e o humor imbuídos na filosofia Devagar. O protagonismo necessário para fazer escolhas e optar pelo “menos”, diante de um cenário onde tudo é “mais” é o pano de fundo dessa peça publicitária bastante pós-moderna. Dentre algumas exemplificações do querer menos, a “Eu quero menos escritório” tem ligação direta com o mundo do trabalho e parece ainda carregar em si muito de um conceito decorrente da esfera moderna com resquícios de uma sociedade industrial: trabalho como obrigação, como parte desvinculada do todo, como mecanização e burocracia e distante da diversão, do prazer da vida.



ARQUIVO DA PROPAGANDA





(MÚSICA) LOCUTOR: Eu quero menos... Menos roupa, menos cabeça quente, menos falta de tempo, menos resolver tudo poor e-mail, menos distância. Ah, eu quero





menos pra mim. E quer saber? Eu desejo o mesmo pra você. Havaianas, as legítimas.





VOZ MASCULINA CANTA: Havaianas, Havaianas, "Hava "!

(11) 5585-3834 - www.arquivo.com.br

72.1.1/72.1.2 - Havaianas - TV/Mais Você/Globo/São Paulo/SP - 30" - Fev/2008 - 284316

Figura 5 – Campanha “menos é mais”

4.2.2 O Devagar e o paradoxo do trabalho - Citibank (2005)

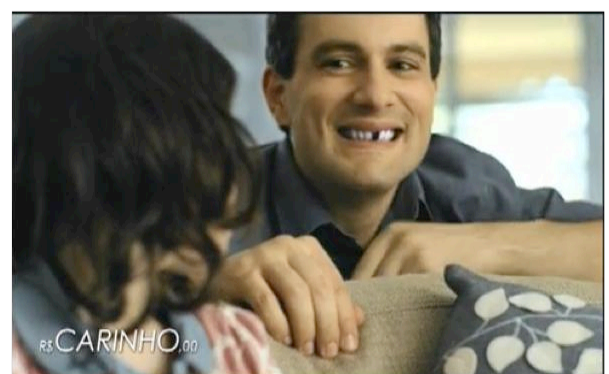
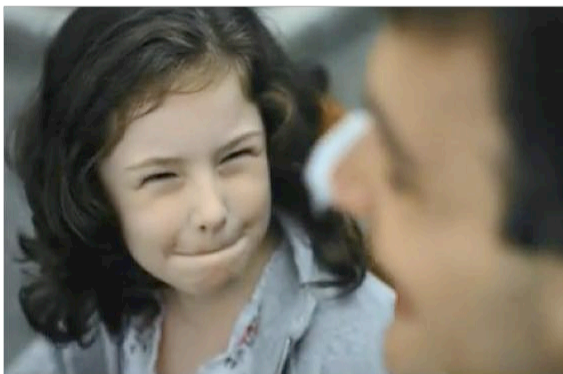
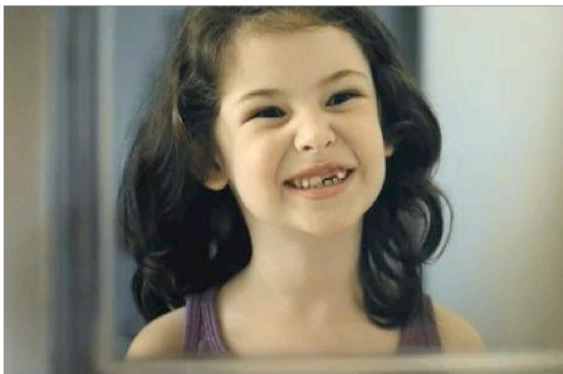
Outro exemplo bastante emblemático pode ser constatado na figura polêmica de um banco, que apesar de extremamente vinculado ao próprio sistema e ao trabalho-exploração, assumiu uma comunicação que chama atenção pelo contraste e pela contradição, ao explicitar causas mais humanas e filosóficas, conforme pode ser visto na Figura 6. Verdade ou mero apelo publicitário frente a um contexto e a um indivíduo carente desse tipo de abordagem?



Figura 6 – Campanha “Viva uma vida rica”

4.2.3 O Devagar e o consumo do significado: Mastercard (2010)

Esta campanha dá continuidade à estratégia internacional da marca do “Não tem preço”, mas inova ao excluir o valor preço monetário dos produtos apresentados. Como contraponto, muda o foco para as emoções e gratificações que custam 0,00, de acordo com a Figura 7.



estojo de canetinha

R\$ carinho 0,00

dividir um sorriso com sua filha, não tem preço

Figura 7 – Campanha “Não tem preço”

4.2.4 O Devagar e as tecnologias (TIM – 2006)

Este comercial, filmado totalmente debaixo d'água, trouxe o recurso da lentidão para a execução. Com mensagens positivas e objetivas numa estética *clean*: “Relaxe”, “Sorria”, “Desacelere”, “Sonhe” e “Respire” a marca reflete sobre o uso da tecnologia para viver melhor, como aliada, e reforça a questão do equilíbrio entre ligar e saber desligar.



Figuras 8 e 9 – Campanha “Use nossa tecnologia para viver melhor”

4.2.5 O Devagar e a atitude frente à vida

Estes dois anúncios de Coca-Cola têm afinidade com a busca do Devagar a partir de um determinado contexto e ser capaz de ver a poesia das coisas (promessa da marca), mesmo na dureza do asfalto ou em um dia nublado.

Trazer o espírito manso da praia para uma via expressa, enxergar o céu límpido em meio à tempestade iminente, tal olhar sobre o mundo reflete o espírito Devagar, conforme as Figuras 10 e 11.



Figuras 10 e 11 – Campanha “Viva o que é bom”

4.2.6 O Devagar e a comida como relação (Knorr – 2009)

Esta campanha da Knorr tem um apelo bastante em linha com a filosofia do *slow food*, apesar do paradoxo de ser uma marca massiva que incentiva a comida pronta, de acordo com a Figura 12. Porém, existe uma grande divergência: a campanha reforça a praticidade como forma de não se perder tempo cozinhando, quando na verdade, para o *slow food*, o ato da preparação é crucial e já deveria por si ser um momento familiar de união.

Loc.:

É incrível como vivemos ocupados hoje em dia.

Mesmo assim, sempre damos um jeito de reunir a família.

Porque refeições significam muito mais do que apenas a hora de comer.

Crianças aprendem muitas palavras novas durante as refeições.

É o momento de contar, por exemplo, como foi o teste de matemática.

Crianças que tiram melhores notas na escola costumam comer com suas famílias.

Pensando nisso, nós ajudamos você a fazer comidas naturais, nutritivas e deliciosas.

Porque menos tempo para cozinhar, significa mais tempo com aqueles que você ama.

Nós acreditamos que as refeições têm o poder de mudar as coisas para melhor.

Knorr. Toda refeição é uma oportunidade”

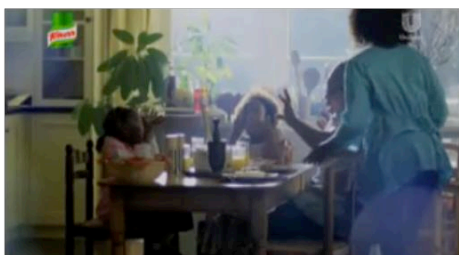


Figura 12 – Campanha “Toda refeição é uma oportunidade”

4.2.7 O Devagar e a vida mais leve - Helmmans Light (2008)

O filme acontece em câmera lenta e associa um produto *light* a uma vida mais leve. Tendo como locação o parque - diversão democrática, a família, o afeto, as brincadeiras simples (e também leves) como as bolinhas de sabão, a campanha resgata a singeleza e os pequenos prazeres da vida, como ilustra a Figura 13.

Loc.:
 Você já experimentou saborear a vida com mais calma?
 Experimente
 Vida mais tranquilo
 Descubra os pequenos prazeres
 A vida é mais gostosa quando você aproveita os instantes sem pressa
 Seja mais leve
 Saboreie
 Hellmans light
 Por uma vida mais leve



Figura 13 – Campanha “Por uma vida mais leve”

4.2.8 O Devagar: equilíbrio entre ter e viver (GE - 2010)

De nada adiantam as posses, se não conseguimos fruí-las. O ter é solitário e sem significação, ao passo que o viver é gregário e feliz. Campanha para nicho bastante seletivo e com fundo subliminar pesando para o ter, já que o viver sempre depende dele, conforme a Figura 14.

Lettering / loc.:

Viver

Ter

Viver

Ter

Viver

Para a Ge mais importante do eu só ter, é viver.



Figura 14 – Campanha “Ter é viver”

4.2.9 O Devagar: equilíbrio entre ser e ter (Santander – 2010)

A campanha do Santander, conforme a Figura 15, fala sobre a importância de se manter o equilíbrio entre "ter" e "ser". As peças trazem a ideia de que possuir bens materiais e ter qualidade de vida (incluindo tempo para ficar ao lado de quem se ama) são valores complementares - a verdadeira conquista é conseguir balancear o que se possui e a vida que se leva. A execução fica um pouco hermética e distante. Se o viver da GE é mais óbvio, o que afinal seria o ser?



Figura 15 – Campanha “Equilíbrio entre ser e ter”

4.2.10 O Devagar e o consumo consciente (Instituto Akatu – 2009)



Figura 16 – Campanha “Desperdício”

Recentemente, a campanha “1/3 de tudo o que você compra vai direto para o lixo” foi selecionada pelo The Guardian como uma das melhores campanhas de sustentabilidade do mundo, conforme a Figura 16. Faz uma paródia da linguagem de varejo com imagens de produtos podres e visa incentivar o consumidor a diminuir o desperdício de alimentos, ao mostrar o quanto a atitude impacta no bolso das pessoas. Com a chamada “Olha que loucura”, as peças publicitárias da campanha mostram imagens de alimentos estragados e o preço de cada um deles, traduzindo em cifras o quanto o consumidor está desperdiçando de alimentos. Segundo a campanha, ao jogar fora um quilo de anchova, por exemplo, são desperdiçados R\$ 12,90.

4.2.11 O Devagar e as relações (Bauducco – 2009)

Este comercial mostra a importância do afeto e da produção artesanal e familiar. Apesar de o produto ter escala, o tom e a história da marca e da receita de família minimizam o apelo industrial.

Loc.:

Eu lembro bem a primeira vez que vi meu pai fazendo chocotone.

Ele preparou a receita com tanto carinho, sem pressa.

E quando tirou a fornada... olhei bem para ele e entendi tudo.

Estava perfeito. Perfeito!

Na nossa família um gesto ensina mais que palavras.



Figura 17 – Campanha “Lembranças”

4.2.12 O Devagar e um novo paradigma (Itaú - 2010)

Provavelmente esta representa a comunicação mais emblemática e completa do discurso Devagar aliado ao contexto contemporâneo em mutação. O texto é capaz de tocar e sensibilizar pela forma sensível e pertinente de se colocar as questões, porém novamente a figura do banco gera dúvida sobre a real adequação ideológica deste discurso.

Loc.:

Qual o papel de um banco numa sociedade de consumo que está descobrindo que o consumismo sem limites não vai levar a nada?

Como orientar as pessoas a usarem o dinheiro conscientemente, ao invés de inconscientemente serem usadas pelo dinheiro?

Como deixar simples e humana a tecnologia que está cada vez mais sofisticada?

Como pensar em previdência, num tempo em que as pessoas vão viver mais?

E em aposentadoria, quando as pessoas não querem parar nem quando se aposentam?

Quando a sociedade e o mundo começam a fazer novas perguntas é preciso pensar em novas respostas.

O mundo muda e o Itaú muda com você.

Feliz 2011.

Itaú feito para você!

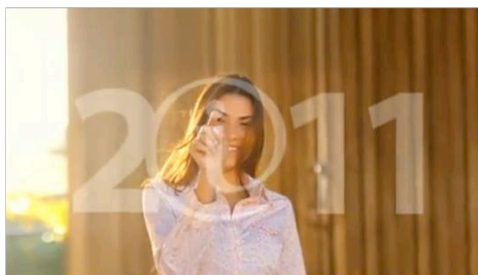
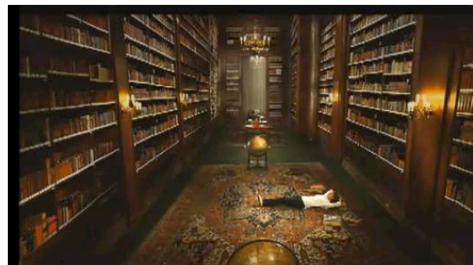
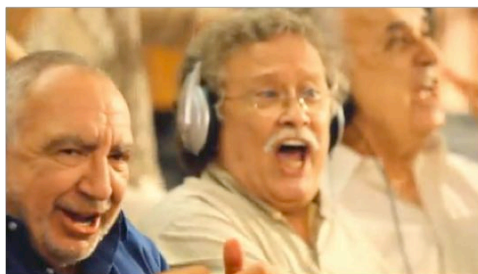


Figura 18 – Campanha “Questões”

5 O DEVAGAR E SUAS POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS FRENTE À CULTURA EM MUTAÇÃO

O desafio de se discutir o significado do devagar no contexto contemporâneo está, basicamente, no fato de que atualmente, ele próprio, é um vir a ser, ou seja, uma tendência em movimento. Sua articulação embora mais consolidada na Europa, é recente no Brasil e sua adesão, ainda, bastante segmentada a um nicho específico de pessoas. Esse ensejo de discorrer sobre algo que não está pronto, representa a tônica da própria Pós-Modernidade como cultura em transição.

Estamos em plena transição de época. Estamos saindo de um mundo industrial e entrando em um outro, pós industrial (DE MASI, 2000, p.23).

Soma-se a isso a percepção colocada por alguns especialistas de que mais do que uma época de mudança, vive-se hoje uma mudança de época, fato que ocorre quando todo um paradigma muda, e quando três inovações diferentes coincidem: novas fontes energéticas, novas divisões de trabalho e novas divisões de poder.

Portanto, usufruir da nova condição pós-moderna é um processo complexo à medida que não se abandonam rapidamente hábitos adquiridos e de certa forma já arraigados. Neste contexto em metamorfose, existem pessoas e instituições ainda voltadas para o antigo paradigma moderno de ser e outras já caminhando para uma nova relação com a vida. O Devagar, nesse sentido, parece apontar centelhas que favorecem uma nova forma de ser, de viver e de consumir.

O paradoxo é a marca essencial desses momentos cruciais, nos quais o que está em estado nascente tem muita dificuldade para se afirmar diante dos valores estabelecidos. Nossa época não foge a uma situação dessas. Ao mesmo tempo o bem-estar, sob suas diversas expressões, tende a se generalizar, e entretanto a dificuldade a viver não é menos real nesse caso. As pessoas se adaptam à riqueza ostentada e à miséria exibida (MAFFESOLI, 2001, p.21).

A emancipação pós-moderna parece estar centrada na fluidez e na busca de novas experiências de catarse, sejam elas de cunho estético, religioso, social que possibilitem novas formas de sair de si e encontrar o outro. O movimento é o de oscilação, de pertença e desenraizamento, de nomadismo e sedentarismo, de velocidade e desaceleração, de fluidez do próprio ser.

Assim, possivelmente a maior riqueza e contemporaneidade do Devagar estejam na possibilidade do mesmo poder assumir nuances e contornos plurais, de acordo com o indivíduo que se relaciona com seus princípios e valores. Na Pós-Modernidade, época marcada pelo pluralismo individual e pela ampliação da liberdade individual, seria impensável um movimento rígido, engessado, estruturado burocrática e formalmente. Os movimentos pós-modernos se dão mais pela adesão, pela identificação pessoal frente as suas crenças e ideologias, do que pela oficialização formal e impositiva. O Devagar vem fazendo adeptos ao longo de todo o mundo, em diversas áreas de atuação de forma transversal. Seus preceitos, inclusive, permeiam uma série de outros movimentos como feministas, ambientais e ecológicos, educacionais etc.

Maffesoli (2007, p.27) argumenta que se delineia um momento em que a sociedade busca a adesão:

Adesão aos outros, em função dos gostos, das origens, dos sonhos e das histórias ou mitos comuns. Adesão a um território, a uma natureza, a uma paisagem compartilhada. Socialidade de base, comportando uma boa parte de inconsciente não dito, naturalmente, ou de imaginário reivindicado.

O apelo do Devagar e suas contradições, então, pareceriam se constituir reflexos do próprio contexto atual dicotômico e paradoxal. Como o Movimento está contido no mundo rápido e ideologicamente não busca aniquilar a velocidade, as novas tecnologias, mas sim promover uma relação mais saudável e consciente - a fluidez, representada pela questão das diferentes marchas, parece constituir parte intrínseca de sua essência.

Desligar-se para saborear melhor a proximidade das coisas. Sem obrigatoriamente ter consciência desse desligamento (viagens, turismo, afastamentos, curas [...]) a fim de restituir o sabor àquilo que, sob pesados golpes da rotina, perde-se quase que totalmente. Dialética constante entre a estática e a dinâmica. Essa ambivalência foi, durante a modernidade, amplamente ocultada. Sua vida e sua ação funcionavam segundo uma lógica da identidade (MAFFESOLI, 2001, p. 77).

Assim, existe a necessidade de readequação de um sistema de crenças e valores. Por isso, a própria transição em si é devagar, pois está ligada ao amadurecimento de questões que demandam tempo e também uma boa dose de autoconhecimento, equilíbrio, reflexão. A percepção efetiva da mudança da sociedade é um processo paulatino e gradual.

É inegável que o escopo atual do movimento Devagar permite desdobramentos e possibilidades bastante interessantes, indo muito além do culto à lentidão para abraçar

vertentes mais ligadas à responsabilidade social e inclusive a políticas públicas. Ao aprofundar o olhar sobre o *Slow Food*, fica claro sua raiz profunda na crítica do sistema capitalista, o que propicia que seus desdobramentos possam ir além de meros produtos de consumo rápido e volátil.

Porém, ao analisar outros movimentos posteriores como o *slow travel*⁴⁰, o *slow work*⁴¹, o *slow design*⁴² tende-se a pressupor que houve uma tentativa de apropriação do conceito de *slow* muito mais pelo modismo, pela tendência, do que por uma crença solidamente enraizada de um pensamento sistêmico e estrutural. No momento da apropriação ou da inspiração, cada um se agarrou a algo que pudesse fazer sentido para si mesmo, seja esse sentido filosófico, pontualmente mercadológico ainda ou uma hibridação dos dois, como é o caso do *Slow Food*.

Assim, mais do que entender o movimento por si mesmo, é fundamental um olhar para as pessoas que se relacionam com o próprio, capazes de modular o movimento de acordo com sua própria visão de mundo, suas necessidades e crenças individuais. Segundo Erika Lesser, diretora executiva do Slow Food USA: “Devagar é uma ideia filosófica. Não é como seguir uma dieta. Pessoas interpretam o Devagar do seu próprio jeito”⁴³.

Alguns provavelmente serão mais sensibilizados pelo cunho relacional do movimento, enquanto que para outros, o que pode fazer mais sentido é o apelo ecológico. Para um grupo talvez mais contestador, a crítica ao consumo seja o grande atrativo.

5.1 A SEDIMENTAÇÃO DO DEVAGAR E DOS VALORES PÓS-MODERNOS

A identidade do movimento, suas articulações e iniciativas parecem estar se formatando juntamente com a transição da nossa cultura contemporânea, ainda

⁴⁰ O movimento prega que a pressa é a maior inimiga das viagens perfeitas e defende como uma de suas principais bandeiras a oportunidade de se experienciar efetivamente a vida local, conectando-se com as pessoas, as tradições e visitando lugares além dos famosos cartões postais.

⁴¹ Defende o trabalho mais equilibrado, mas na prática não está estruturado em termos de ações concretas em níveis políticos e empresariais.

⁴² Argumento em favor da sustentabilidade, mas a visão é muito mais mercadológica do que filosófica.

⁴³ Fonte: <http://abcnews.go.com/US/Living/story?id=202523&page=1>.

bastante apoiada numa mentalidade que carrega muitos valores ditos modernos, como a velocidade sendo um fim em si mesma, o peso desmedido do trabalho e o hedonismo que se contrasta com a culpa do tempo livre.

Apesar disso, percebem-se claros indícios da busca por uma nova relação mais saudável e harmoniosa com o tempo e, conseqüentemente com a própria vida em si, em seu significado mais amplo e belo. De Masi (2000, p. 284) aponta os valores que considera emergentes perante a sociedade pós-industrial:

[...] intelectualização, emotividade, estética, subjetividade, confiança, hospitalidade, feminilização, qualidade de vida, desestruturação do tempo e do espaço e virtualidade. Uma menor atenção ao dinheiro, a posse de bens materiais e ao poder. Uma maior atenção ao saber, ao convívio social, ao jogo, ao amor, à amizade e a introspecção.

O indivíduo que possui afinidade com a filosofia Devagar é propenso a ser mais altruísta e tem uma visão de mundo mais social e coletiva. Parece senso comum que as pessoas mais apressadas são mais autocentradas e na obsessão pela economia de tempo são menos inclinadas a, por exemplo, ajudar pessoas na rua, dar passagem para outro veículo na hora do trânsito, “perder tempo” separando materiais para reciclagem.

Tal percepção foi comprovada empiricamente em pesquisa científica pelo psicólogo social Robert Levine, que examinou a maneira como o mundo real ensina às pessoas a perspectiva temporal de uma comunidade. Para tanto, a equipe responsável visitou cidades e mediu a velocidade do caminhar das pessoas, a precisão dos relógios e o tempo gasto em transações comerciais básicas, como a compra de selos nas agências dos correios. A partir de uma série de indicadores, foi calculado o ritmo de vida em diversas cidades do mundo. Os países do oeste Europeu têm o ritmo mais rápido, sendo a Suíça o topo da lista. O Japão também ocupa uma posição elevada; já os países do antigo bloco comunista, assim como os emergentes, estão entre os últimos. Outro cruzamento interessante demonstrou que as cidades com o ritmo de vida mais rápido eram as menos gentis. Isso sugere que um ritmo de vida mais lento deve ser uma condição necessária para o altruísmo, mas não é o suficiente.⁴⁴

⁴⁴ Pesquisa detalhada no livro “Paradoxo do Tempo”, de John Boyd e Phillip Zimbardo, 2009.

Ao assumir a cultura Devagar como uma forma consciente de se pensar as escolhas e prioridades perante a vida, também faz sentido que os indivíduos a ela alinhados sejam mais ligados a movimentos sociais, políticos e ambientais e que sejam mais preocupados com o planeta e com a perpetuação de suas condições para as gerações futuras.

A filosofia Devagar preza por uma relação mais equilibrada e harmônica com a vida, entre o ser e o ter, entre o trabalho e a família, entre a velocidade e a desaceleração. Alguns valores da cultura emergente contemporânea encontram aderência no modo de ser Devagar e representam uma nova forma de habitar a vida e o planeta: a busca pela qualidade de vida, pela simplicidade, a valorização do feminino como forma de ser e agir no mundo, a orientalização do mundo e o valor do tempo livre.

Para Capra (1997, p. 19) o mundo contemporâneo se caracteriza pelo pensamento intuitivo, holístico e explicitado através de valores como conservação e cooperação. A filosofia Devagar ao valorizar a cadeia sistêmica, as ações e seus impactos na dinâmica individual, comunitária e do planeta e propagar valores altruístas tem bastante alinhamento com tal enfoque.

<i>Pensamento</i>		<i>Valores</i>	
<i>Auto-afirmativo</i>	<i>Integrativo</i>	<i>Auto-afirmativo</i>	<i>Integrativo</i>
racional	intuitivo	expansão	conservação
análise	síntese	competição	cooperação
reducionista	holístico	quantidade	qualidade
linear	não-linear	dominação	parceria

Figura 19 – Quadro novos valores do paradigma emergente
Fonte: Capra (1997)

O bem-estar faz parte dos questionamentos do indivíduo pós-moderno, à medida que corpo e mente cada vez mais são entendidos como partes de um todo – e por isso, devem ser trabalhados de forma integrada e complementar.

Atualmente, percebe-se a busca de um bem-estar qualitativo, materializado pela busca por mais qualidade de vida e pela emocionalização do conforto.

O modelo dominante de conforto moderno era tecnofuncionalista; o que chega prescreve um conforto de prazer e ornamento, um conforto mais individualizado, sentido, interiorizado, capaz de proporcionar sensações agradáveis. Já não se trata mais de ser rápido, de libertar o corpo das sujeições, de dotar as moradias de um equipamento sanitário, mas de promover dispositivos que proporcionem prazeres sensitivos e emocionais (LIPOVETSKY, 2007, p. 220).

Nota-se o resgate dos valores dionisiacos representados pela busca do qualitativo e pela necessidade do imaterial, que ressurgem como essenciais para a construção de sentido à vida pós-moderna. De acordo com Maffesoli (2001, p.16):

“A preocupação de uma vida marcada pelo qualitativo, o desejo de quebrar o enclausuramento e o compromisso de residência próprios da modernidade são como momentos de uma nova busca do Graal, representando outra vez simultaneamente a dinâmica do exílio e da reintegração.”

Para Bauman (2010) essa busca tem inspiração na perspectiva de uma “vida boa”, embora seus significados sejam variáveis, e as “receitas”, assim como os materiais e ferramentas utilizados nessa culinária, nesse preparo, mudem cada vez mais rapidamente. Para o autor, tal conceito evasivo e mutável, tende a ser preenchido de forma precipitada por receitas contestáveis, que usam o shopping center como dieta culinária e o consumo de mercadorias como seu principal ingrediente.

A questão ambiental é também importante sinalizador do que seria um vida boa, também baseada em conceitos como interdependência e reintegração. A saturação dos recursos naturais, o aquecimento global e as catástrofes ambientais que parecem alertar para o esgotamento do meio-ambiente mostram que a tentativa de reintegração é uma necessidade premente para o a sociedade de hoje, e mais ainda para as futuras gerações. Edward Wilson está entre os cientistas que clamam pela atenção da humanidade “para o perigo cada vez mais imediato que é a sobrevivência de nós mesmos, que podemos ser arrastados num paroxismo de autodestruição⁴⁵”. Como pensar a felicidade humana desvinculada do bem-estar do planeta?

Assim, o devagar representaria uma nova forma de habitar o mundo: mais equilibrada, consciente e generosa, capaz de se desdobrar em diferentes aspectos da vida como trabalho, relações pessoais, consumo, conforme síntese proposta pela autora, ilustrada na Figura 19.

⁴⁵ Excerto de matéria publicada na revista Veja, edição 1926, ano 38, n. 41, pág. 85 com o pensamento do biólogo americano Edward O. Wilson.

Mundo rápido	Mundo devagar
Quantidade	Qualidade
Eu posso	Eu quero
Dinheiro	Tempo
Eu consigo	Eu com os outros
Aparência	Essência
Ter	Ser
Masculino	Feminino
Trabalho tarefa	Trabalho prazer e realização
Individualista	Holístico/ecológico
Masculino	Feminino
Acelerar	Desacelerar
Ciência	Arte
Estresse	Ócio criativo
Pensar	Sentir
Sedentarismo	Nomadismo

Figura 20 – Mundo rápido X Mundo Devagar

A partir do que foi exposto e estudado como é possível entender as dimensões do Devagar enquanto filosofia, discurso e prática? O que se pode inferir sobre sua razão de existir? Até que ponto o Devagar não significa uma nova possibilidade de interagir consigo, com o outro e com o planeta, sugerindo um novo estilo de viver, de se relacionar, de consumir?

Assim, para entender o Devagar, é necessário a superação da mentalidade moderna estruturante, rígida e lógica para abrir espaço a possibilidades interpretativas que poderiam representar a razão de ser desse movimento, mesmo que ainda, em princípio desconexas ou superficiais.

[...] em suma, deixar de julgar. Deixar de avaliar as coisas pelos parâmetros de nossas representações modernas. Limitar-se a apresentá-las [...] Como os sistemas representativos parecem no momento saturados, devemos nos limitar a balizar o caminho, indicando alguns referenciais na trajetória pessoal e coletiva (MAFFESOLI, 2007, p.15).

5.2 HIPÓTESES INTERPRETATIVAS PARA O REPERTÓRIO DEVAGAR

5.2.1 Devagar: ponte temporal entre a Modernidade e a Pós-Modernidade

Na transição do paradigma cultural entre a Modernidade e a Pós-Modernidade, cenário marcado ainda por incontestáveis paradoxos, o Devagar funcionaria como um momento de sedimentação da cultura pós-moderna e ao mesmo tempo o esmaecimento da mentalidade moderna, que continua enraizada na forma com que o mundo é percebido.

O ritmo da mudança talvez tenda a ser acelerado demais, e a velocidade com que novos fenômenos emergem na consciência pública e desaparecem das vistas é demasiadamente grande. Isso impede que a experiência se cristalize, estabelecendo-se e solidificando-se em atitudes e padrões comportamentais, síndromes de valores e visões de mundo, próprios para serem registrados como traços permanentes do “espírito da época” e reclassificados como características singulares e duradouras de uma geração (BAUMAN, 2008, p.85).

Nesse contexto de passagem, o Devagar, por sua capacidade reflexiva de incentivar a pausa para projetar o futuro à luz do passado e repensar as prioridades e expectativas individuais, poderia contribuir para a sedimentação de valores pós-modernos ainda em vias de absorção.

Maffesoli (2007, p. 19) expõe uma metáfora que ilustra de forma poética e verdadeira esse tempo de olhar para trás e projetar o futuro:

Lembre-mos aqui do *Angelus novus* pintado por Klee. Ele parece fazer uma pausa. Segue adiante, encaminha-se para o futuro, mas sua cabeça está voltada para trás. Anjo improvável de um eterno presente! Bela metáfora desse passo atrás que permite pensar o que é a luz do que foi.

Ao valorizar o momento vivido, o Devagar também proporcionaria o resgate do foco no presente, no aqui-agora, não de forma inconsequente, mas sim, da vida que se quer viver.

A época dita pós-moderna, definida pelo esgotamento das doutrinas emancipatórias e pela ascensão de um tipo de legitimação centrada na eficiência, faz-se acompanhar do predomínio do aqui-agora (LIPOVETSKY, 2004, p. 59).

Há 200 anos passou-se do tempo 'vivido' ao tempo 'aturado', e agora, finalmente, se começa a entrever a possibilidade de passar o tempo 'escolhido' (DE MASI, 2000, p. 254).

5.2.2 Devagar: pluritempo e plurirealidades

Com o fim do conceito de história como algo unitário, já não se vive mais uma única realidade, mas plurirealidades, seja pelo descentramento da própria história em si, pelos novos mecanismos de contato e interação propostos pelas novas tecnologias, pelo mundo simulado dos simulacros.

A realidade não pode ser entendida como o dado objetivo que está abaixo, e para além, das imagens que nos são dadas pelos media. Como e onde poderíamos alcançar uma realidade “em si”? Realidade, para nós, é mais o resultado do cruzamento, da “contaminação” das múltiplas imagens, interpretações, reconstruções que, em concorrência entre si ou, seja como for, sem qualquer coordenação central, os media distribuem (VATTIMO, 1992, p. 13).

Derrubada a idéia de uma realidade central da história, o mundo da comunicação generalizada explode com uma multiplicidade de racionalidades “locais” - minorias étnicas, sexuais, religiosas, culturais ou estéticas — que tomam a palavra, finalmente já não silenciadas e reprimidas pela idéia de que só exista uma única verdadeira humanidade a realizar, com prejuízo de todas as peculiaridades, de todas as caracterizações limitadas, efêmeras, contingentes (VATTIMO, 1992, p. 14).

Além disso, a não linearidade da história e a queda do mito do progresso, somados a proliferação dos meios de comunicação de massa, potencializados e materializados pelas subculturas e comunidades, favorece o descentramento do poder e o crescimento de uma multiplicidade de pontos de vista, amparados pela vastidão tecnológica atual e estimulando uma série de contradições temporais.

Essas contradições temporais repercutem no cotidiano e não se explicam pelo princípio de economia e rentabilidade transposto da produção para outras esferas da vida social [...] Não há apenas a aceleração dos ritmos de vida; há também uma conflituação objetiva da relação com o tempo [...] O que privilegiar? (LIPOVETSKY, 2000, p. 75 e 76).

Nesse contexto de uma realidade plural, mutante e acima de tudo, individual, parece impensável dimensionar um conceito de tempo único e impositivo, mas sim multiplicidades temporais, onde o Devagar representaria apenas mais uma possibilidade dentre tantas outras.

A tecnologia é uma oportunidade, não uma obrigação. Aliás, o planeta está cheio de zonas não-tecnologizadas: sobre a Terra hoje coexistem todos os níveis de civilização, desde a pré-história até o ano 2000. Quem não gosta de tecnologia tem para onde ir, se quiser (DE MASI, 2000, p.39).

Muito se tem dito e ouvido sobre o lado negativo da aceleração que a tecnologia traz. Porém, é fato que ela estabelece novas formas de se pensar o tempo, abre espaço para a colaboração, a opinião, o debate e tem a chance de tirar o indivíduo da passividade. O movimento Devagar faz uso bastante efetivo e estratégico das novas tecnologias como forma de difusão de informação e também de articulação. Conceitualmente, defende a ideia de se usar as tecnologias com parcimônia e em equilíbrio com o tempo de cada um, tomando o cuidado não virar refém dela nesse processo.

Como todo mundo, recorro à tecnologia para conseguir mais tempo e ter assim a oportunidade de sentir-me menos apressado. Mas a tecnologia é uma falsa amiga. Mesmo quando economiza tempo, frequentemente estraga tudo, gerando uma nova série de deveres e desejos (HONORÉ, 2005, p.44).

Kerkhov (1997) argumenta que, diferente da televisão, o computador teria o mecanismo inverso, ou seja, o de devolver a autonomia perdida através da interação. Outro ponto importante colocado pelo autor é que os efeitos da massa, velocidade e profundidade sempre estiveram conosco. Imprensa, telegrafia, fotografia, telefone, rádio, cinema e televisão aceleraram consecutivamente o ritmo de uma cultura anterior. Os computadores estão especificamente associados à velocidade; os microchips invadiram e aumentaram a velocidade de outras tecnologias. Os computadores aceleram e desintegram padrões culturais tradicionais para reintegrá-los mais tarde, de uma nova maneira.

5.2.3 Devagar: a favor da busca pelo significado

O tempo devagar, ao propor o retorno do sensível, do estar junto, dos prazeres advindos da natureza, fomenta um resgate dos valores essenciais e a busca pelo real sentido das coisas, muitas vezes esquecido pelo consumo exacerbado e pela dinâmica imposta pela cultura da pressa.

A convicção de que o progresso já tivesse se exaurido determina um modo de viver dos gregos e dos romanos: um modo de viver que não era baseado na quantidade das coisas, mas na qualidade, no sentido a elas atribuído [...] Esse é um conceito atualmente determinante também para nós, pois caracteriza o pós-moderno, uma cultura na qual o "sentido" é mais importante do que a quantidade. Os gregos lapidaram ao máximo a arte de "dar sentido" às coisas (DE MASI, 2000, p.36).

Também incita uma maior valorização para as possibilidades que se delineiam fora do mundo do consumo, das mercadorias, do ter, advindos de um processo de reflexão e conscientização sobre uma nova forma de ver a vida e buscar a realização e a felicidade, hoje tão amparados no mercado de consumo.

A exigência do futuro está na invenção de novos modos de educação e de trabalho que permitam que os indivíduos encontrem uma identidade e satisfações em outra parte que não nos paraísos fugazes do consumo (LIPOVETSKY, 2007, p.367).

Evidências de tal preocupação por uma vida mais consciente e equilibrada consigo mesmo, com o outro e com a natureza também são percebidas na mídia, pelo aumento considerável do número de programas de rádio e televisão e de publicações de livros e periódicos que têm na qualidade de vida seu aspecto principal. Um novo modelo de jornalismo voltado ao bem-estar⁴⁶ se delineia – um bom exemplo no Brasil é a revista Vida Simples da editora Abril, que encabeça, há oito anos, este novo segmento editorial.

Buscando refletir sobre valores essenciais e práticas para se obter maior equilíbrio emocional, físico, mental e espiritual, a revista propõe um novo modo de pensar, mais harmônico e integrado aos novos valores pós-modernos. Coincidência ou não, tem refletida em seu nome (Vida Simples) o conceito *Vita Simplex*⁴⁷, proposto pelo filósofo grego Diógenes, grande defensor dos valores simples e fundamentais à vida.

Diógenes acreditava que o homem deveria aliviar sua carga de existência, não a partir de um dogmatismo da pobreza, mas sim através da diminuição de todos os falsos pesos que não mais permitem a mobilidade própria à natureza humana. Tal

⁴⁶ A Editora Abril possui um núcleo de Bem-estar composto pelas revistas: Bons Fluidos, Saúde e Vida Simples.

⁴⁷ Um dos melhores momentos que traduz o modo de vida de Diógenes foi o célebre diálogo travado em 335 a.C. com Alexandre, o Grande, conquistador de um Império que se estendia desde a Grécia até a o atual Irã. Em visita a cidade de Corinto, Alexandre aproximou-se e postou-se em frente a Diógenes, que se aquecia tranquilamente ao Sol. Em seguida disse: “Sou Alexandre, o Grande”. Respondeu-lhe o filósofo: “Sou Diógenes, o cão”. Alexandre então respondeu: “Pede qualquer graça que eu lha concederei”. Vendo que Alexandre lhe fazia sombra, Diógenes respondeu prontamente: “Peço-te que não me tires o que não me podes dar: sai da frente do meu Sol”.

comportamento fundamenta uma atitude de busca da leveza do ser, que enriquece o tempo de uma inegável generosidade e une a busca de prazeres corporais a uma profunda inquietação intelectual.

Estamos, em suma, na fase de transição que consiste em passar da consideração do corpo como elemento onívoro e principal, a considerar como tal a mente. Estamos numa fase de desmaterialização, em muitas frentes (DE MASI, 2000, p.221).

Na busca espiritual pelo sentido da vida surgem outros valores pós-modernos que também resgatam ideais pré-modernos em sintonia com o Devagar como a errância⁴⁸ e o nomadismo, que propõem a relativização do imperativo categórico que foi o trabalho para o mundo moderno. Se no passado tais valores eram muito mais ligados à atitude de caminhar em busca de um novo espaço, hoje este mesmo caminhar é interno, visando promover o autoconhecimento, pela saída de si.

Em linha com tal reflexão, Lipovetsky (2007, p.283) argumenta que o bem-estar moderno era funcional, objetivista, mecanicista: o contemporâneo aparece como um bem-estar qualitativo e reflexivo, centrado no corpo vivido, na atenção a si próprio, no aumento do registro das sensações íntimas (relaxamento, respiração, visualização, forma, calma e equilíbrio).

A jornada deste caminho interior se cruza com a busca pela elevação do ser, ou seja, um exercício de ser melhor, de estar bem, impulsionado pelo entendimento de que todos os momentos se equivalem e de que a existência está totalmente presente em cada um desses fragmentos do tempo. Dessa forma, o mais minúsculo ou o mais insignificante fragmento traz o todo completo. Nesse processo é preciso:

Abandonar as coisas secundárias ou abandonar uma visão puramente materialista, que permite chegar a essa ética do deserto pela qual se pode usufruir da menor parte das coisas - e pela solidariedade, cujo sentido reencontra suas cartas de nobreza [...]. As diversas formas de solidariedade, a multiplicação das expressões de compaixão [...] tudo isso é incompatível com um suposto individualismo [...] completamente diferente é a inegável generosidade de ser que caracteriza o ambiente pós-moderno (MAFFESOLI, 2001, p. 150).

⁴⁸ Errância refere-se à busca pelo sentido da existência e evoca o movimento, a partida, o longínquo. Também remete ao êxtase, presente nas efervescências contemporâneas, que permite encontro com as diversas facetas do eu.

5.2.4 Devagar: a materialização do conceito de tempo livre

Durante quase todo o curso da história, foi remota a possibilidade das pessoas escolherem como passar o tempo livre. O tempo era focado na sobrevivência individual e do grupo, na caça, na colheita, no preparo dos alimentos, na procura por água, na construção de abrigos. O relaxar e o ócio encontram repertório mais contundente nas antigas civilizações gregas, ainda que fossem possibilidades não consentidas a todos.

O Devagar parece se constituir uma ponte de reflexão entre o tempo escasso atual e a materialização do conceito de tempo livre. O usufruto do tempo para o próprio prazer é algo recente, afinal, foram 200 anos marcados pelo uso cronológico do tempo baseado na eficiência e na velocidade, parece ser necessário um tempo de reflexão, consciência e educação para a real efetivação de um tempo livre virtuoso. Um tempo a favor do conhecimento, do lúdico, das relações pessoais, do lazer, das viagens e longe do ócio preguiçoso.

Sem tempo para pensar sobre o tempo, o Devagar constituiria uma inspiração importante: a pausa para refletir sobre vida, as prioridades de cada um, o que se gosta e se quer fazer e como encarar o tempo livre, ou seja, a materialização efetiva do tempo devagar em ações capazes de nos trazer alegria e significado.

Mas, para isso, seria preciso um certo tipo de educação, de acordo com De Masi:

A escola esforça-se em transformar os jovens em outros tantos produtores, mas ninguém os educa para o tempo livre. Os que têm 20 ou 30 anos freqüentemente são ótimos profissionais, sabe trabalhar ate a perfeição, porém não sabem escolher um livro para ler, um filme para assistir, não sabem organizar-se em família, ter férias, amizades. Assim, o tempo livre, em vez de se tornar uma ocasião criativa, degenera-se, oferecendo ameaça de tédio, de violência, de drogas.

[...] o ócio é uma arte que deve ser ensinada, aprendida e apurada. Não basta ter tempo livre; é indispensável ter a cultura necessária para transformar o ócio de um estado de passividade em um estado de criatividade (DE MASI; BETTO, 2002, p.85).

Assim, nos parece que a filosofia Devagar deveria estar ancorada em algum tipo de conscientização educacional e familiar, propagando exemplos e ressignificando os atuais modelos de sucesso medidos pelo ter, pelo poder que desconsidera o outro, pelo trabalho mecânico e sem paixão, reflexos arraigados da cultura moderna e ainda presentes na mentalidade contemporânea.

E para tanto, mais do que negar a velocidade, é momento de requalificá-la à sociedade pós-industrial, conforme sugere De Masi em entrevista concedida à autora em 2010:

A velocidade é um valor importante da nossa sociedade pós-industrial, mas é uma velocidade diferente daquela da produção de pregos. Enquanto a produção de bens materiais, automóveis, frigoríficos requeria grande velocidade, a produção de ideias precisa de lentidão e reflexão. Enquanto a produção de bens é linear a produção de ideias não é. Tem momentos em que se tem uma porção de ideias e outros não. Assim, existe um abismo entre produção de ideias e produção de pregos.

5.2.5 Devagar: o lado feminino da mãe terra

Outro valor pós-moderno que ganha espaço, principalmente pelo rompimento das amarras modernas – que subjugarão o homem à razão e mantiveram-no longe da emoção – e também devido à mudança dos papéis sociais de homens e mulheres contemporâneos é a feminilização do mundo.

Tal valor se encontra bastante alinhado com a filosofia Devagar ao estimular a intuição, a emoção, a cooperação, o cuidado e reforçar a queda dos estereótipos machistas e a emancipação da mulher, que culminam em uma divisão social mais tênue entre quem provê e quem cuida – atribuições que hoje homens e mulheres dividem de forma cada vez mais igualitária.

A feminilização é também um contraponto à dureza e frieza da sociedade industrial e também um elemento neutralizador diante das mazelas de nosso contexto atual, como a grande competitividade empresarial, as guerras, a violência, a sustentabilidade ambiental, que evocam a necessidade do amor, talvez o mais Devagar dos sentimentos. "O amor é um impulso centrífugo. Amar é contribuir para o mundo, cada contribuição sendo o traço vivo do eu que ama" (BAUMAN, 2004, p. 24).

[...] nos mais antigos testemunhos do período paleolítico, quando vigorava o matriarcado, há mais de 40 séculos, representava-se o universo como uma grande mãe, *Mater Mundi*. Ela, por si mesma e sem concurso de ninguém, gerava tudo: os céus, os deuses, os seres humanos e todos os demais entes da natureza [...]. Num estágio posterior, sob a égide do patriarcado [...], elabora-se uma representação mais reduzida. A Terra não é mais sentida como a realidade total (BOFF, 2004, p. 62).

Esse cuidado amoroso também ecoaria na forma de pensar a sociedade e o planeta com uma visão sistêmica, baseada na interdependência, no papel de cada um para o bem-estar geral.

Nós somos responsáveis pelo outro, estando atentos a isso ou não, desejando ou não, torcendo positivamente ou indo contra, pela simples razão de que, em nosso mundo globalizado, tudo o que fazemos (ou deixamos de fazer) tem impacto sobre a vida de todos, e tudo o que as pessoas fazem (ou se privam de fazer) acaba afetando nossas vidas (BAUMAN, 2010, p.75-76).

Emerge uma nova consciência sobre a necessidade de um bem-estar coletivo e plural que já não vê mais a natureza como infinita, inesgotável e alvo de dominação. A visão instrumental da Modernidade abre espaço a um pensamento mais altruísta que valoriza a tomada de responsabilidade pelos atos individuais, pela sociedade e pelo planeta.

Mas para isso, o primeiro passo se daria em um plano individual, um processo de aprofundamento da consciência, fundamental para saber escolher a marcha certa para sua vida.

O importante não é tanto mudar o mundo, mas mudar o eu, a consciência para potenciais inexplorados, inventar uma nova arte de viver que reconcilie o indivíduo consigo mesmo (LIPOVETSKY, 2007, p.349).

5.2.6 Devagar como empoderamento e consciência sobre o uso do tempo

Boyd e Zimbardo (2009), após uma série de estudos e pesquisas conceberam o conceito de perspectivas temporais defendendo que a relação homem-tempo é resultante de um processo cognitivo. Nesse sentido, foram mapeadas seis perspectivas temporais capazes de se relacionar entre si: passado negativo, passado positivo, presente fatalista, presente hedonista, futuro, futuro transcendente.

Tais perspectivas temporais são múltiplas, interagem entre si e resultam do contexto cultural, educacional e social de uma pessoa, uma família, um país. Para os autores o ideal é que se desenvolva uma perspectiva temporal equilibrada em vez de uma zona temporal única e restrita.

Uma perspectiva temporal equilibrada permitira a flexibilidade para mudar do passado para o presente e para o futuro em resposta às exigências das situações que enfrenta (BOYD, ZIMBARDO, 2009, p. 26).

Para se chegar a isso, é necessário um processo de autorreflexão e conscientização a respeito das escolhas subjetivas acerca da vida que se quer levar, das prioridades e sonhos de cada um.

Nesse sentido, a filosofia Devagar, ao questionar a velocidade a qualquer custo e a estimular o tempo para o tempo, seria aliada a reflexão sobre a forma de ver o tempo, descobrir o foco temporal individual e recalibrar de acordo com a necessidade.

As pessoas com orientação para o futuro, em geral tem mais sucesso profissional e acadêmico, se alimentam melhor, se exercitam regularmente e agendam exames médicos preventivos. [...] Por outro lado, as pessoas predominantemente orientadas para o presente costumam estar dispostas a ajudar os outros, mas aparentemente têm menos disposição ou capacidade para ajudar a si mesmas. É possível que se envolvam em comportamentos sexuais de risco e façam uso de drogas e álcool mais do que as pessoas orientadas para o futuro e provavelmente também dediquem menos tempo aos exercícios físicos e a boa alimentação. A situação é mais complicada quando consideramos a perspectiva temporal focada no passado, porque para alguns está repleto de memórias positivas e lembranças prazerosas, mas para outros, está cheio de memórias negativas, fracassos e arrependimentos (BOYD, ZIMBARDO, 2009, p. 26).

5.2.7 Uma visão crítica: possíveis pontos conflituosos para a viabilização do Devagar

Ainda parece frágil a relação que o movimento Devagar estabelece com as políticas econômicas e sociais, bem como com a própria sociedade civil, questões determinantes para o bem viver e para sua real implementação. Seu estágio ainda embrionário no Brasil, país bastante ligado à cultura do trabalho excessivo - com uma mentalidade mais próxima à americana e com uma legislação trabalhista menos favorável se comparada com a europeia - tornaria o Devagar um ideal inatingível como prática cotidiana, desejo satisfeito apenas no âmbito mercadológico.

Manifestado mercadologicamente através de uma série de produtos, desde apartamentos e hotéis que têm um conceito de qualidade de vida embutido, como produtos orgânicos, *spas*, espaços de descompressão nas empresas, massagens e todo

o rol de novas técnicas *s/ow*, a filosofia Devagar vem se tornando mote para inúmeras iniciativas focadas apenas no consumo e se restringindo a um mero apelo publicitário. Assim, o Devagar representaria um novo nicho de consumo, uma mina de ouro, frente a um capitalismo já deficitário e saturado.

[...] ele (capitalismo) só é capaz de avançar seguindo os próprios princípios enquanto existirem “terras virgens” abertas à expansão e à exploração (BAUMAN, 2010, p.8).

Sem meias palavras, o capitalismo é um sistema parasitário. Como todos os parasitas, pode prosperar durante certo período, desde que encontre um organismo ainda não explorado que lhe forneça alimento. Mas não pode fazer isso sem prejudicar o hospedeiro, destruindo assim, cedo ou tarde, as condições de sua prosperidade ou mesmo de sua sobrevivência (BAUMAN, 2010, p.8-9).

[...] sabemos que a força do capitalismo está na extraordinária engenhosidade com que busca e descobre novas espécies hospedeiras sempre que as espécies anteriormente exploradas se tornam escassas ou se extinguem (BAUMAN, 2010, p. 9-10).

A questão educacional sobre o consumo consciente ou mesmo a dependência do crédito ainda se encontraria em estágio preliminar e o ter na sociedade contemporânea ainda tem uma importância que parece suplantar o ser e o viver. Bauman (2010, p. 27) afirma que assim que a “cultura da ‘ganância é bom’ for varrida pela recente história dos lucros do setor financeiro”, os “componentes não econômicos daquilo que definimos genericamente como boa qualidade de vida assumirão maior importância” – seja na filosofia de vida de um indivíduo, seja na estratégia política dos nossos governos.

Outro pilar central seria a constatação de que as manifestações do Devagar no ambiente de trabalho, cerne para a efetiva viabilização do movimento, ainda estariam ligadas a medidas paliativas.

Nos países europeus a jornada de trabalho é reduzida e tendências apontam, inclusive, para novas formas de trabalhar que garantam maior empregabilidade, como por exemplo, a política de vagas compartilhadas. Nela, dois trabalhadores dividem o mesmo posto em horários distintos. Também a legislação europeia é bastante favorável ao contexto do trabalhador e principalmente, no âmbito feminino, proporciona benefícios interessantes e importantes como a licença maternidade estendida e compartilhada com o pai.

[...] devemos saber que o único tipo de emprego remunerado que permanecerá disponível com o passar do tempo será de tipo intelectual criativo. Para quem não estiver preparado para isso, o futuro será sinônimo de desemprego, a não ser que se adote um novo modelo de vida, com uma redistribuição de renda e trabalho baseada em critérios totalmente inéditos, como estão fazendo na Holanda, onde 36% da população ativa trabalha só meio expediente (DE MASI, 2000, p.101).

Os exemplos mais encontrados hoje em algumas empresas no Brasil, como espaços de descompressão, programas de qualidade de vida, são apenas uma maquiagem temporária, capaz de fazer os funcionários parecerem melhores, mais descansados, felizes e saudáveis, mas na realidade não estão atuando na causa do problema em si.

Em A arte da vida, sugiro que aquilo que usualmente classificamos como destino ou sorte (circunstâncias externas que não podemos prever ou controlar) nos dá as opções entre as quais os seres humanos podem / devem escolher. Mas é o caráter humano que guia essa escolha (como Karl Marx insistia, os homens constroem suas histórias de acordo com suas condições e não com suas escolhas). O que chamamos de “relações materiais”, digamos assim, manipula as possibilidades de escolhas humanas [...] contudo, não “determinam” as escolhas, elas não as tornam inevitáveis ou inescapáveis. Podem limitar de forma severa a probabilidade de algumas opções, mas não podem suprimi-las (BAUMAN, 2010, p.88).

Outra possível crítica ao discurso Devagar no Brasil é que frente ao fato do país ainda ser marcado por fortes contrastes sociais, o movimento assumiria um caráter prioritariamente elitista. Parte-se do princípio de que devagar significa escolher a marcha e desacelerar quando possível, tal como declinar uma promoção, trabalhar meio período e optar por ficar em casa cuidando dos filhos. Mas, afinal, quem pode se dar a esse luxo?

Além do mais, se considerarmos o cenário macro, vê-se a economia mundial também oscilando entre velocidade e devagar. Atualmente, a Europa vem atravessando um quadro recessivo e de desaceleração, ao passo que países emergentes como o Brasil, China, Índia, Rússia vem acelerando suas economias, ampliando o consumo para as classes mais baixas, até então, à margem da economia. Tal constatação também impacta diretamente na adesão conceitual ao Devagar e reforça o fato de por que, além da questão cultural, a Europa tem mais condição de se destacar na adesão aos ideais *s/ow*.

[...] em breve, serão centenas de milhões de chineses e de indianos que entrarão na espiral da abundância dos bens e serviços pagos, indefinidamente renovados. Não nos enganemos: nem os protestos ecologistas nem os novos modos de consumo mais sóbrio bastarão para destronar a hegemonia crescente da esfera mercantil (LIPOVETSKY, 2007, p.20).

O adestramento para a arte de “ viver em dívida” e de forma permanente foi incluído nos currículos escolares nacionais. A Grã-Bretanha também chegou a situação bem semelhante [...] As famílias britânicas tem dívidas num valor superior a tudo o que suas fábricas, fazendas e escritórios produzem. Os outros países europeus não estão em situação muito diversa. O planeta dos bancos está esgotando suas terras virgens e já se apropriou implacavelmente de vastas extensões de terras endemicamente estéreis (BAUMAN, 2010, p.20-21).

Finalmente e em decorrência de tudo o que foi tratado até aqui, o Devagar acabaria por se reduzir a uma filosofia de primeiro mundo que teria mais dificuldades de encontrar terreno fértil nos países em desenvolvimento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando acelerar e quando desacelerar? Talvez a reflexão mais profunda seja anterior à manifestação da velocidade no Devagar, foco atual de discussões extremamente polarizadas, e esteja localizada, principalmente, no próprio sujeito e em sua consciência individual e coletiva.

É provável que tal questão precise ser encarada no âmbito do saber, do empoderamento subjetivo a partir de níveis mais profundos de consciência a respeito de si próprio, do outro e do planeta. Cada vez mais o discurso do equilíbrio vai fazer parte de nossas vidas, pois será necessário para garantir às futuras gerações um planeta habitável.

Afinal, o que seria o equilíbrio se não uma equação em constante tensão, através de forças que se anulam? O equilíbrio por si é frágil, resultante de um exercício complexo de saber o que buscar e abdicar, questões com as quais estamos pouco acostumados se for considerado o competitivo cenário capitalista e o poder centrado no discurso do vencedor.

Um conceito advindo da biologia chamado homeostase corrobora essa reflexão. Homeostase é a propriedade de um sistema aberto, dos seres vivos, de regular o seu ambiente interno para manter uma condição estável, mediante múltiplos ajustes de equilíbrio dinâmico controlados por mecanismos de regulação inter-relacionados. O termo foi cunhado em 1932 por Walter Bradford Cannon a partir do grego *homeo*, similar ou igual e *stasis*, estático.

O mesmo vale para a física. O repouso não é a única situação de equilíbrio possível. Imagine-se de pé em um ônibus em movimento: se ele acelerar, frear ou fizer uma curva, você, como passageiro, pode acabar se desequilibrando e cair. Mas existe um caso em que, mesmo com o veículo em movimento, não haverá nenhum risco de queda. Para tanto, basta que o ônibus execute um movimento retilíneo e uniforme (movimento em linha reta, com velocidade constante). Nessa circunstância, pode-se dizer que o ônibus está em equilíbrio. Tal situação, assim como a homeostase, também é conhecida como equilíbrio dinâmico.

Assim, cabe desconstruir e evoluir os discursos instrumentais acerca da velocidade e do devagar e entendê-los como irmãos que se conhecem e se alteram em estados conscientes e subjetivos. No tempo do fluido, do incerto, do volátil assumir posturas estáticas e polarizadas pode levar ao isolamento ou à perda de uma conexão mais profunda do indivíduo com si próprio, com o outro e com o mundo.

Nessa fluidez entre as duas variáveis, busca-se um ciclo virtuoso que, de certa forma, assume um viés compensatório e evoca a reflexão: os meios justificam os fins? Quando uma empresa investe em ações de qualidade de vida e espaços de desconpressão está buscando aliar o bem-estar do trabalhador com sua produtividade e com a diminuição de ausências no trabalho e doenças. Quando uma empresa investe em responsabilidade social está pensando na preservação do planeta, mas também em projetar sua marca e alavancar sua imagem. Quando alguém adere à filosofia *Slow Food* se identifica com a proposta, mas ainda será preciso pagar por sua associação. O próprio blog do grande porta-voz do *Slow*, Honoré, também vende produtos que têm afinidade com a filosofia Devagar, seja pelo processo nos moldes de “fair trade”, pela inovação etc. A relação existente entre identificação e compensação, assim como velocidade e devagar, também se alterna e se mistura, refletindo a oscilação pós-moderna.

Quando os laços sociais se afrouxam, quando as capacidades de influir nas tendências fortes do mundo já não são dignas de crédito, o consumo representa um domínio escolhido e “controlado” pelos sujeitos, um universo seu em que se buscam incessantemente elementos de felicidade. Hiperconsumo: não técnica a serviço da superação de si, na busca de um “tempo para si” no qual se “cuida de si”, maneira de escolher e de encontrar satisfações compensatórias, meio de apropriação subjetiva de porções inteiras de nossa existência privada (LIPOVETSKY, 2007, p.291).

É provável que o contexto contemporâneo esteja evoluindo para a visão integrada dos paradoxos. Abrir mão do consumo e mergulhar numa vida ascética certamente não encontraria eco nas classes mais abastadas que já acumularam riqueza e hoje estão mais propícias a aderir ao *slow*. Menos ainda nas emergentes que começam a entender recentemente os prazeres do ter.

[...] a vida boa não pode ser confundida com o avanço consumista. Dito isto, o projeto de uma sociedade reorientada por aquilo que uma escola de pensamento chama de “decrecimento convivial” ou “pós-desenvolvimento” constitui um programa desejável? Tudo convida a pensar o contrário: semelhantes transformações exigiriam medidas tão autoritárias que nossos votos não poderiam reclamá-las... e, no detalhe, que consumos deveriam ser “sacrificados”? A quem seria preciso renunciar? Pergunta temível, pois o que é útil e o que é supérfluo nesse domínio? Onde fica a fronteira que separa as verdadeiras das falsas necessidades? (LIPOVETSKY, 2007, p. 346).

[...]uma vida frugal e “racional”, sem luxo nem frivolidade de espécie alguma, é realmente aquilo a que aspiramos? (LIPOVETSKY, 2007, p. 347).

Dessa forma, a visão sobre o consumo também assumiria um viés menos exagerado e mais equilibrado, conforme argumentado por Lipovetsky (2007, p. 370).

[...] não é tanto o próprio consumismo que compete denunciar, mas sua excrecência ou seu imperialismo constituindo obstáculo ao desenvolvimento das potencialidades humanas... Nem tudo é para ser rejeitado, muito é para ser reajustado e reequilibrado

a fim de que a ordem tentacular do hiperconsumo não esmague a multiplicidade dos horizontes de vida.

Bauman (2008) pondera a conciliação de atitudes antes polarizadas ao refletir sobre a atual integração entre a busca pelo bem-estar individual integrado ao coletivo e a consequente diluição das fronteiras entre egoísmo e altruísmo.

As duas alternativas não são necessariamente contraditórias. Podem operar simultaneamente, com pouco ou nenhum choque ou conflito... preocupar-se com o bem-estar de um Outro, “ser bom” para um Outro, também reforça o sentimento de “estar bem” e assim, presumivelmente, a felicidade do sujeito da preocupação. Nesse caso, a oposição entre egoísmo e altruísmo se dilui e desaparece (BAUMAN, 2008, p.123-124).

Para Capra (1997), o novo paradigma pode ser chamado de uma visão de mundo holística, que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas. Pode também ser denominado visão ecológica, se o termo "ecológica" for empregado em um sentido muito mais amplo e profundo que o usual. A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, todos estão encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos). Dessa forma, não se poderia entender a velocidade separada do devagar e vice-versa.

Coabitam duas tendências: a que acelera os ritmos tende a desencarnação dos prazeres; a outra, ao contrário, leva a estetização dos gozos, à felicidade dos sentidos, à busca da qualidade no agora. De um lado, um tempo comprimido, "eficiente", abstrato, de outro, um tempo de foco qualitativo, nas volúpias corporais, na sensualização do instante. Assim é que a sociedade ultramoderna se apresenta como uma cultura desunificada e paradoxal (LIPOVETSKY, 2004, p.81).

[...] o extremo é apenas uma das vertentes da ultramodernidade... Por toda a parte, os exageros hipermodernos são refreados pelas exigências da melhoria da qualidade de vida, pela valorização dos sentimentos e pela personalidade, a qual não se pode trocar... Atormentada por normas antinômicas, a sociedade ultramoderna não é unidimensional; assemelha-se a um caos paradoxal, uma desordem organizada (LIPOVETSKY, 2004, p.83).

A alternância entre a velocidade e o devagar, marcada por um movimento pendular de oscilação, remete ao conceito de Eterno Retorno proposto por Nietzsche (2001). Neste, o autor reflete sobre um mundo onde as vivências se sobrepõem ao tempo transcorrido que não é cíclico e feito de pólos opostos e inconciliáveis, mas de faces complementares de uma mesma – múltipla, mas única – realidade.

Logo, bem e mal, angústia e prazer, são instâncias complementares da realidade – instâncias que se alternam eternamente, sempre retornando. O Devagar, então, seria um conceito vivo e em constante mutação, sem começo nem fim.

Ao propor uma relação mais consciente, equilibrada e feliz com a vida sem negar a velocidade, mas propondo consciência acerca dela, os atributos do movimento Devagar ganham força, amplitude. Mais: migram para outras esferas e áreas como o trabalho e seu *modus operandi*, as novas tecnologias também se transportam para a esfera das práticas de consumo, incentivando a sustentabilidade e o consumo consciente.

Sou muito contrário ao conceito de preguiça e muito favorável ao conceito de reflexão, meditação, consciência. Devagar para mim é ser reflexivo. A velocidade hoje pode ser um perigo e o tempo, nossa maior oportunidade (DE MASI, 2010⁴⁹).

Dessa forma a relação do indivíduo com o devagar parece ir além de uma relação instrumental meio-fim, para efetivamente representar uma nova forma de viver, de trabalhar, de ver o mundo, de interagir com os outros e com o planeta. Um modo de habitar baseado no equilíbrio, nos pequenos prazeres que não são passíveis da compra, nos valores pré-modernos, no tempo livre, na simplicidade, no consumo consciente, no uso protagonista das tecnologias. O Devagar, então, pode ser a chave para recuperar o tempo do tempo e colocá-lo lado a lado com o indivíduo.

Ao impor o discurso da lógica e da dominação, a Modernidade criou uma série de cisões: separou o homem da natureza, o corpo da alma, a velocidade do devagar, o trabalho da vida, o intelecto do espírito. As pulsões do corpo foram sublimadas, o sensível, o encantamento e a estética diminuídos, e a velocidade mecânica do corpo em constante movimento e a ética do não pensar, exaltadas como a grande base do mito progressista.

Nesse processo de transição, abriu-se um vazio ideológico e existencial. Um hiato que fez estragos na forma com que vemos o tempo livre, na forma com que lidamos com as emoções e as relações. Esse buraco difícil de ser encarado foi preenchido eficazmente com a mesma dinâmica: a do fazer veloz, eficiente, de ‘quanto mais melhor’.

É contra essa equação que o Devagar parece se posicionar de forma abrangente, mas não por isso menos contundente. Dessa forma, parece representar algo além dele próprio: mais do que um movimento de tempo. Mais do que um movimento de lentidão. Mais o que um movimento de reencantamento. Mais do que um movimento de estar junto: um movimento de reconciliação.

De reconciliação entre ser e ter, natureza e técnica, trabalho e vida, consumo e significado, velocidade e devagar. Reconciliação esta, imbuída de uma consciência que gera mudança e embasa novos comportamentos, que sabe articular diferentes marchas e ritmos e usufruir da

⁴⁹ Entrevista concedida à autora em 2010.

velocidade e do devagar, não de forma dicotômica e excludente, mas de forma sistêmica e ecológica. É como se os paradoxos abandonassem a contradição e fossem capazes de viver juntos como faces de uma mesma moeda em que quem joga é o próprio indivíduo.

Nesse contexto, é impossível pensar velocidade e devagar de forma dicotômica e antagônica. A metáfora da metamorfose da borboleta ilustra de forma bastante singela, mas não menos profunda, tais reflexões: oscilação entre o sair e o ficar, a terra e o céu, o manter e o transformar.

Para Bauman (2008, p.111) a questão da oscilação remete à metáfora da âncora: “entrelaçamento de continuidade e descontinuidade na história de todas as identidades contemporâneas, ou pelo menos de um número crescente delas”.

É fato que a percepção do devagar precisa da velocidade para ter um balizamento e que um não existe sem o outro, porém existe a complexidade de que talvez nessa mudança de época esteja havendo uma mudança de biorritmos, juntamente com a cristalização de valores dos dias de hoje. Para a chamada geração Y, as multitarefas são extremamente naturais e o tempo acelerado, além de parecer o normal, não carrega pressão ou nostalgia.

Um novo mundo está se formando mais rápido do que a capacidade de se absorver, assimilar ou posicionar-se frente a ele, o que faz com que o consumo ainda continue ocupando um lugar predominante na cultura contemporânea e nos desejos individuais.

Com o capitalismo de consumo, o hedonismo se impôs com um valor supremo e as satisfações mercantis, como o caminho privilegiado da felicidade. Enquanto a cultura da vida cotidiana for dominada por esse sistema de referência, a menos que se enfrente um cataclisma ecológico ou econômico, a sociedade de hiperconsumo prosseguirá irresistivelmente em sua trajetória. Mas, se novas maneiras de avaliar os gozos materiais e prazeres imediatos vierem à luz, se uma outra maneira de pensar a educação se impuser, a sociedade do hiperconsumo dará lugar a outro tipo de cultura. A mutação decorrente será produzida pela invenção de novos objetivos e sentidos, de novas perspectivas e prioridades na existência (LIPOVETSKY, 2007, p.367).

Apesar disso, existe a percepção de que tal mutação de sentido, se vinculada a um processo profundo de cunho educativo e reflexivo, seja capaz de, paulatinamente, promover mudanças na forma como a sociedade percebe os valores essenciais que norteiam as suas escolhas nos mais diversos aspectos da vida pessoal e profissional.

Em um futuro distante, uma nova hierarquia de bens e de valores virá à luz. A sociedade do hiperconsumo terá morrido, cedendo o passo a outras prioridades, a um novo imaginário da vida em sociedade e do bem viver (LIPOVETSKY, 2007, p. 20).

Neste sentido, as diferentes facetas da apropriação do Devagar seriam capazes de corroborar diretamente com tal processo. Ao convidar os indivíduos a resgatar o tempo perdido e efetivamente sentir a vida mais do que vivê-la mecanicamente, e assim fruir suas singularidades e mistérios de coração aberto, o Devagar teria um impacto bastante forte na sensibilização para uma nova forma de viver, e que pode dar voz a um novo paradigma em vias de formação.

REFERÊNCIAS

- AAKER, D. *Building Strong Brands*. New York: The Free Press, 1996.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 3. ed. São Paulo: Cortez/Edunicamp, 1995.
- _____. *Os sentidos do trabalho. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 6.ed. São Paulo: Boitempo, 2001.
- ARAGÃO, L. M. C. *Razão comunicativa e teoria social crítica em J. Habermas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- ATKIN, D. *The Culting of Brands: When Customers Become True Believer*. New York: Penguin, 2004.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- _____. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- _____. *Capitalismo Parasitário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- BERGSON, H. *Duração e Simultaneidade – a propósito da teoria de Einstein*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. *Memória e Vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. 11. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- BOYD J; ZIMBARDO P. *O paradoxo do tempo – você vive preso ao passado, viciado no presente ou refém do futuro?* Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- BRYMER, C. *Brands and branding*. New York: Bloomberg Press, 2003.
- CANCLINI, N. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- _____. *A globalização imaginada*. Ciudad de México: Paidós, 2000.

- _____. *Consumidores e Cidadãos*. 5a Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- CAPRA, F. *A Teia da Vida*. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Vol. 1. São Paulo : Paz e Terra, 2000.
- DAVIS, M. *A nova cultura do desejo*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DE CHERNATONY, L. *From Brand Vision to Brand Valuation*. Oxford: Butterworth-Heinemann, 2001.
- DE GRAAF, J. *Take Back your time: fighting overwork and time poverty in America*. San Francisco: Berett-Koehler Publishers, Inc, 2003.
- DE GRAAF, J; NAYLOR T.H; WANN D. *Affluenza. The all-consuming epidemic*. San Francisco: Berett-Koehler Publishers, Inc, 2005.
- DELEUZE, G. *A Imagem – Movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *A Imagem – Tempo*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- DE LOPES, M. I. V. *Pesquisa em comunicação*. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- DE MASI, D. *Desenvolvimento sem trabalho*. Trad. Eugênia Deheinzelin. São Paulo: Editora Esfera, 1994.
- _____. *O ócio criativo*. Trad. Lea Manzi. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2000.
- _____. *A sociedade pós-industrial*. São Paulo: Editora Senac, 2003.
- DE MASI, D.; BETTO, F. *Diálogos Criativos*. São Paulo: Deleitura Editora, 2002.
- DI FELICE, M. *Paisagens pós-urbanas - O fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar*. São Paulo: Annablume, 2009.
- DOUGLAS, B.H. *How brands become icons: the principles of cultural branding*. Boston: Harvard Business School Press, 2004.
- DRAKE. J. *Downshifting: how to work less and enjoy your life more*. San Francisco: Berett-Koehler Publishers, Inc, 2000.
- DURAFFOURG, J. *Le travail et le point de vie de l'activite*, in Schwartz, Y. et Durrive, L. (orgs.): *Travail et ergologie. Entretiens sur l'activité humaine*. Toulouse: Octares, 2003.
- EAGLETON, T. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, Vozes, 1977.

- FREDERIC, J. Pós-modernismo: A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio. Ática, 1996.
- FREUD, S. O Mal-Estar na Civilização. Rio de Janeiro, Editora Imago, 1997.
- GARCIA-CANCLINI, N. Consumidores e cidadãos. conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- GIDDENS, A. As conseqüências da modernidade. 2. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.
- _____. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- GLEICK, J. Acelerado: A velocidade da vida moderna: O desafio de lidar com o tempo. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2000.
- GRAMSCI, A. Obras escolhidas. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- _____. Escritos políticos. Lisboa: [s.n.], 1977.
- KUNDERA, M. Slowness. Londres: Faber and Faber, 1996
- HABERMAS, J. Consciência moral e agir comunicativo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- _____. O Discurso Filosófico da Modernidade. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HALL, S. Sovik, Liv (org.) Da diáspora. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte/Brasília: UFMG/Unesco, 2003.
- HARVEY, D. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 8. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- HEIDEGGER, M. Abitare, costruire, pensare. Milano : Muersia, 1976
- _____. Carta sobre o Humanismo. Trad. Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, 1998.
- _____. Carta Sobre o Humanismo. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Editora Moraes, 1991.
- HONORÉ, C. Devagar: como um movimento internacional está desafiando o culto da velocidade. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- HUBAULT, F.; MOULIN, M. **Traité d'ergonomie**. Toulouse : Octares. Collectif, 1994.

JAMES, E. S. Simplify your life: 100 ways to *Slow* down and enjoy the things that really matter. New York: MJF Books, 1994.

KAPFERER, J. N. Strategic brand management: new approaches to creating and evaluating brand equity. New York: The Free Press, 1992.

_____. As marcas: capital da empresa. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

KERCKHOVE, D. A Pele da Cultura. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.

KLEIN, N. No Logo. Lisboa: Relógio d'Água, 2002.

KUMAR, K. Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LASCH, C. O mínimo eu. São Paulo, Brasiliense, 1986.

LÉVY, P. A inteligência Coletiva - por uma antropologia do ciberespaço – Edições Loyola, São Paulo , 1998.

LIPOVETSKY, G. Narciso ou a estratégia do vazio. In A era do vazio. Lisboa: Relógio D'Água Editores Ltda, 1983.

_____. A felicidade paradoxal. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LIPOVETSKY, G. ; CHARLES, S. Os tempos hipermodernos. Trad. Mário Vilela. São Paulo: Barcarola, 2004.

LYOTARD, J. F. O Pós-moderno. José Olympio, Rio de Janeiro, 1998.

McLUHAN M. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo : Cultrix, 1979.

MAFFESOLI, M. Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas. Trad. Marcos Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MARTÍN-BARBERO, J. De los medios a las mediaciones. 3. ed. México: G. Gilli, 1993.

_____. Comunicação plural: alteridade e sociabilidade. Comunicação & Educação. Ano III, n. 9, maio/ago. 1997, p. 39-48.

MARX, K. Manuscritos econômico-filosóficos. Lisboa: Edições 70, 1993.

MARX, K. ; ENGELS, F. Obras escolhidas. Lisboa: Ed. "Avante", 1982.

_____. Manifesto do Partido Comunista. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MATTELART, A; MATTELART, M. História de las teorías de la Comunicación. Barcelona: Paidós, 1997.

MORGAN, G. Imagens da organização. São Paulo: Atlas, 1996.

NIETZSCHE, F.W. A gaia ciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PEREZ, C. Signos da Marca: Expressividade e Sensorialidade. São Paulo: Thomson Learning, 2004.

PAULINO, R. A. Figaro. Comunicação e trabalho. Estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação. São Paulo: Anita Garibaldi/Fapesp, 2001.

_____. Recepção da comunicação no mundo do trabalho: uma crítica à ação comunicativa. Revista Ciberlegenda, n. 9, 2002. (Revista Virtual da Universidade Federal Fluminense).

_____. Considerações sobre os resultados da pesquisa de recepção: a construção dos sentidos do trabalho pelos receptores dos meios de comunicação.. In: VII Congresso Latino-Americano de Investigadores em Comunicação, 2004, La Plata. Anais do VII Congresso da Alaic, 2004.

PERNIOLA, M. O sex appeal do inorgânico. Coimbra: Ariadne Editora, 2004.

PETERS, M. Pós-estruturalismo e Filosofia da Diferença. Belo horizonte: Autêntica, 2000.

PETRINI, C. Slow Food. Folha de São Paulo, São Paulo, 14 mai. 2001a.

PETRINI, C. Slow Food. Folha de São Paulo, São Paulo, 07 jun. 2001b. Folha Equilíbrio.

PETRINI, C. Slow Food: princípios da nova gastronomia. São Paulo: Editora Senac, 2009.

POLISTCHUK, I.; TRINTA A. R. Teorias da comunicação: o pensamento e a prática da comunicação social. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003

RAPAILLE, G. C. 7 Secrets of marketing in a multi-cultural world. Tuxedo Production: Boca Raton, Florida, 2004.

ROUANET, S. P. As origens do iluminismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. Ilustração e modernidade. In: Mal-estar na modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SANT'ANNA, A. Propaganda, teoria, técnica e prática. São Paulo: Pioneira, 1999.

SANTOS, B. S. Introdução a uma ciência pós-moderna. São Paulo: Graal, 1989.

SEMPRINI, A. A Marca Pós-Moderna: Poder e Fragilidade da Marca na Sociedade Contemporânea. Tradução: Elisabeth Leone. São Paulo: Estação das Letras, 2006.

SENNET, R. A corrosão do caráter. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SEVCENKO, N. Virando séculos. A corrida para o século XXI. No loop da montanha russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOUSA, M. W. (org.). Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: ECA-USP/Brasiliense, 1995.

_____. Novas linguagens. 2. ed. São Paulo: Editora Salesiana, 2003.

_____. Recepção mediática: linguagem de pertencimento. CIENCIAS DE LA COMUNICACIÓN, São Paulo, v. 02, p. 10-21, 2005.

SCHWARTZ, B. The paradox of choice: why more is less. New York: HarperCollins Publishers, 2004.

SCHWARTZ Y; DURRIVE, L. (Orgs.). Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana. Niterói: EdUFF, 2007.

TOFLER, A. Choque do Futuro. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1970.

TOURAINÉ, Alain. Crítica da modernidade. Petrópolis: Vozes, 1994.

VATTIMO, G. O fim da modernidade. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. A sociedade transparente. Rio de Janeiro : Edições 70, 1999.

VIRILIO, P. A máquina de visão. Trad. Paulo Roberto Pires. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Jose Olympio, 2002.

_____. Esthétique de la disparition. Paris, Balland, 1980.

_____. L'horizon négatif. Paris, Galilée, 1984.

WEBER, M. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Martin Claret, 2003.

WILLIAMS, R. Cultura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.